



Uma análise semântica para verbos aspectuais  
em português brasileiro

---

Roberlei Alves Bertucci

Série: Produção Acadêmica Premiada

Roberlei Alves Bertucci

# Uma análise semântica para verbos aspectuais em português brasileiro



Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

São Paulo 2012

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
Reitor: Prof. Dr. Marco Antonio Zago  
Vice-Reitor: Prof. Dr. Vahan Agopya

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
Diretor: Prof. Dr. Sérgio França Adorno de Abreu  
Vice-Diretor: Prof. Dr. João Roberto Gomes de Faria

SERVIÇO DE EDITORAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO FFLCH USP  
Helena Rodrigues MTb/SP 28840  
Diagramação: Vanessa Rodrigues de Macedo

Catálogo na Publicação (CIP)  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

---

- B552 Bertucci, Roberlei Alves.  
Uma análise semântica para verbos aspectuais em português brasileiro [recurso eletrônico] / Roberlei Alves Bertucci. -- São Paulo : FFLCH/USP, 2015.  
1236 Kb ; PDF. -- (Produção Acadêmica Premiada)
- Originalmente apresentada como Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2011.  
ISBN 978-85-7506-247-0
1. Semântica. 2. Português do Brasil. 3. Gramática. I. Título. II. Série.

CDD 469.798

---

Ao *Amor*,  
em Ti tudo começa, continua e termina.  
És o pilar da minha vida.

e

Aos meus pais, *Carlinda e José*,  
pra mim, os melhores exemplos desse Amor

## AGRADECIMENTOS

Acima de tudo, agradeço a Deus, o Amor mais puro que sinto e recebo todos os dias. O pilar da minha vida...

Agradeço aos meus pais, e à minha irmã, Cris, pelo amor, carinho e apoio em todos os momentos. E ao João Pedro, por me alegrar com seu sorriso divino...

À Monica, pelas palavras, pela cumplicidade e pelo seu carinho... só o Amor poderá te recompensar...

À Ana Müller, orientadora e amiga, que às vezes parece acreditar mais em mim do que eu mesmo; nenhuma palavra pode expressar meu agradecimento. Obrigado sempre...

Agradeço à Brenda Laca, pela modo magnífico com que me acolheu e orientou durante meu estágio em Paris... Obrigado por fazer tudo parecer muito fácil...

Agradeço ao Marcelo Ferreira, pelos comentários, atendimentos e sugestões... cada palavra contribuiu para o crescimento deste trabalho e do seu autor...

À Ana Scher, pelos comentários e sugestões durante a banca de qualificação...

Aos professores do Departamento, que colaboraram para minha formação... Obrigado pela ajuda, das burocracias às teorias...

Agradeço aos funcionários do Departamento, Robson, Érica e Ben-Hur...

Ao Marcus Lunguinho, pela amizade, desde o início, quando me indicou o Helena's Garden, até o final, quando ouviu as lamentações pré-defesa e ajudou na revisão do texto. Obrigado pela ajuda com as teorias, pelas co-autorias, pelas companhias nas missas, nas feiras e nos mercados... "Valeu!"

Por falar em Helenas's Garden, agradeço à dona Helena, ao César, ao Marcus, ao Alessandro e à Fernanda, pela família formada no nosso condomínio...

Aos amigos do DL, especialmente o grupo de semântica: Nize, Ana Paula, Lidia, Lara, Fernanda, Luciana... e os amigos de outras áreas: generosamente, vocês compartilharam seus conhecimentos comigo...

À Mazé e à Teca, por continuarem apoiando e contribuindo para minha formação...

Agradeço à Roberta, pela motivação e auxílio nesta caminhada acadêmica...

À Susan e ao Fred, pelas aulas, conversas e pela oportunidade ímpar...

Às pessoas que fizeram meu estágio em Paris ser infinitamente melhor: Alexandre, meu irmão; Laura, minha irmã; Athina, Ju Dias, Ju Guilheri, Ana... à Patricia, pelo apoio à minha pesquisa e pela partilha de conhecimento...

Aos meus grandes amigos de Curitiba, Ale, Ana, Bia, Ju, Juliano e Stela. Vocês são um verdadeiro tesouro... Juliano, thank you pelas aulas de inglês...

À Carla Adriana Menegotto, pela sugestão do texto na epígrafe...

À CAPES, pelo apoio financeiro durante o doutorado, e à CAPES-COFECUB, pelo apoio financeiro durante o estágio em Paris.

## AS I BEGAN TO LOVE MYSELF

As I *began to love* myself I *stopped craving* for a different life, and I could see that everything that surrounded me was inviting me to grow.

Today I call it “maturity”.

As I *began to love* myself I *quit steeling* my own time, and I *stopped designing* huge projects for the future. Today, I only do what brings me joy and happiness, things I love to do and that make my heart cheer, and I do them in my own way and in my own rhythm.

Today I call it “simplicity”.

As I *began to love* myself I *quit trying* to always be right, and ever since I was wrong less of the time.

Today I discovered that is “modesty”.

Excertos do texto atribuído a Charlie Chaplin

Vosso sopro de vida enviastes, e eis que tudo *passou a existir*.

Jt 16,14

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> - Verbos aspectuais estudados neste trabalho .....	17
<b>Tabela 2</b> - Testes para a diferenciação das classes aspectuais .....	44
<b>Tabela 3</b> - Os testes relevantes para a diferenciação das classes aspectuais.....	54
<b>Tabela 4</b> - A seleção dos verbos aspectuais – predicados referentes às classes vendarianas.....	90

# SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	11
<b>Capítulo 1:</b> Tipos de aspecto, definição e estrutura dos aspectualizadores.....	14
1.1. Definição de verbos aspectuais .....	15
1.2. Diferenças entre aspecto lexical e aspecto gramatical .....	20
1.2.1. Tempo e aspecto em Klein (1994).....	22
1.3. A estrutura sintática dos aspectos lexical e gramatical .....	24
1.4. Verbos aspectuais e complementos DPs.....	31
1.5. Começar e acabar/terminar seguidos de gerúndio.....	33
1.6. Conclusões do capítulo .....	35
<b>Capítulo 2:</b> Aspecto lexical: as propriedades dos predicados.....	36
2.1. Aspecto lexical ou Aktionsart .....	37
2.2. Análise das classes de Vendler: as propriedades [±estágios] e [±télico] .....	44
2.2.1. Sobre a propriedade [±télico] .....	46
2.2.2. Sobre a propriedade [±estágios].....	47
2.2.3. Testes para identificação das classes aspectuais.....	51
2.3. O papel do objeto direto na composição do aspecto lexical .....	55
2.4. Predicados incrementais .....	58
2.5. Predicados estativos.....	64
2.6. Conclusões do capítulo .....	69
<b>Capítulo 3:</b> Verbos aspectuais: a seleção dos complementos .....	71
3.1. Trabalhos anteriores sobre a seleção dos aspectualizadores .....	73
3.2. A seleção de complementos dos verbos aspectuais .....	77
3.3. A incrementalidade dos complementos de acabar/terminar .....	81
3.4. Verbos aspectuais e complementos DP .....	84
3.5. Conclusões do capítulo .....	89

<b>Capítulo 4: A contribuição semântica dos aspectualizadores .....</b>	<b>91</b>
4.1. A modificação do aspecto lexical .....	92
4.2. Os aspectualizadores começar e passar.....	96
4.2.1. Começar .....	98
4.2.2. Passar.....	102
4.2.3. Algumas diferenças entre começar e passar.....	106
4.3. Os aspectualizadores parar e deixar.....	109
4.3.1. Parar .....	112
4.3.2. Deixar.....	115
4.3.3. Algumas diferenças entre parar e deixar.....	119
4.4. Os aspectualizadores continuar e voltar .....	122
4.4.1. Continuar.....	122
4.4.2. Voltar.....	128
4.5. Os aspectualizadores acabar/terminar .....	132
4.6. Conclusões do capítulo .....	138
<b>Considerações finais .....</b>	<b>140</b>
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>144</b>

## INTRODUÇÃO

Este trabalho analisa os verbos aspectuais *acabar, começar, continuar, deixar, parar, passar, voltar e terminar* do português brasileiro (PB), nas construções em que formam perífrases. Em geral, as perífrases com esses verbos são compostas pelo verbo aspectual seguido de uma preposição e de um complemento no infinitivo. A preposição *a* segue os verbos *começar, continuar, passar e voltar*, e a preposição *de*, os verbos *acabar, deixar, parar e terminar*. Quanto a *continuar*, embora possa aparecer seguido pela preposição *a* mais infinitivo, neste trabalho vamos analisar os casos em que ele aparece seguindo apenas de gerúndio (sem preposição), por ser mais recorrente em PB.

A presente pesquisa surgiu pelo nosso interesse em verificar qual a contribuição semântica dos verbos aspectuais acima citados (e de suas perífrases), analisando, por exemplo, as diferenças entre uma sentença com *começar* (1a) e outra com *passar* (1b), como nos exemplos a seguir.

- (1) a. Pedro começou a correr.  
b. Pedro passou a correr.

Além de verificar a diferença na contribuição semântica dada por esses verbos, estávamos interessados em analisar as restrições que os verbos aspectuais impõem sobre os predicados que selecionam. Queríamos entender, entre outras coisas, por que *passar* pode aparecer em (2a), com o predicado *ser brasileiro*, mas *começar* (2b) não é compatível com esse mesmo predicado.

- (2) a. Pedro passou a ser brasileiro (depois da naturalização).  
b.\*Pedro começou a ser brasileiro (depois da naturalização).

Para dar conta de tais fatos, o presente trabalho parte do princípio de que os verbos aspectuais contribuem de forma diferente para o significado de uma sentença, mesmo nos casos em que parecem sinônimos, como ocorre com *começar* e *passar*. Além disso, queremos investigar se as restrições de seleção que são impostas pelos verbos aspectuais aos seus complementos podem ser expressas pela entrada lexical desses verbos. Esta pesquisa caminha nessa direção.

Dessa forma, o objetivo principal desta pesquisa é contribuir para a análise sobre aspecto e sobre verbos aspectuais em PB (e outras línguas naturais), utilizando a Semântica Formal como modelo de análise. Para atingir esse objetivo geral, estipulamos alguns objetivos específicos, que estão relacionados com o assunto de cada capítulo.

O primeiro desses objetivos é investigar a qual tipo de aspecto (lexical ou gramatical) os verbos aspectuais estão relacionados. Seguindo a literatura sobre o assunto, neste trabalho assumimos que há dois tipos de aspecto: o lexical (Aktionsart) e o gramatical. O primeiro está relacionado com o tipo de eventualidade denotada pelo sintagma verbal e, em termos vendlerianos, pode ser dividido em basicamente quatro classes: *atividades*, *estados*, *accomplishments* e *achievements*. O segundo é dado pela relação entre dois intervalos de tempo: o momento de tópico ou referência e o momento da situação ou do evento (cf. Klein 1994). Há várias categorias que podem aparecer aqui, como o imperfeito e o perfeito. Nesta pesquisa, defendemos que as perífrases com verbos aspectuais contribuem para a expressão do aspecto lexical, ao contrário de Castilho (1967), para quem essas perífrases contribuem para a expressão do aspecto gramatical (imperfeito).

No mesmo capítulo, seguindo análises anteriores (cf. Laca 2002; 2004; 2005; Oliveira *et al.* 2006; Cyrino & Matos 2007, entre outros), assumimos que os verbos aspectuais aqui analisados estão numa posição sintática mais baixa em relação à posição ocupada pelos verbos que expressam aspecto gramatical. Essa diferença de posição está relacionada com a expressão da perífrase e, nos casos dos verbos aspectuais, eles podem ser chamados de *modificadores de eventualidade* (cf. Laca 2002; 2004; 2005).

Para entender as restrições de seleção dos verbos aspectuais, é fundamental entender a que tipo de aspecto eles estão relacionados. Daí a importância desse primeiro capítulo, que é um pré-requisito para o próximo objetivo.

O segundo objetivo específico é investigar as propriedades semânticas relevantes para a seleção de um complemento dos verbos aspectuais. Em geral, a literatura sobre esses verbos até aponta para os tipos de predicados selecionados por esses verbos (*predicados de atividades* ou *accomplishments*, por exemplo), mas não se dedica a investigar qual propriedade semântica há em comum nos predicados selecionados. Por isso, no segundo capítulo analisamos esses complementos a partir das propriedades básicas que eles possuem e que influenciam na seleção de um complemento.

Assumindo que as quatro classes do aspecto lexical têm uma combinação de propriedades diferentes entre si (cf. Vendler 1957, Smith 1997; Rothstein 2004, entre outros), no segundo capítulo vamos discutir a composição do sintagma verbal a fim de entender as propriedades presentes em cada classe. Por exemplo: veremos que o objeto direto exerce um papel importante na constituição do aspecto lexical, porque pode mudar as propriedades do sintagma verbal e, conseqüentemente, o aspecto lexical associado a esse sintagma. Mostramos também algumas características dos predicados incrementais, uma subclasse dos predicados de accomplishment, e que são os únicos predicados compatíveis com os verbos *acabar* e *terminar*. Finalmente, assumimos que os predicados de estado formam uma classe heterogênea e que, alguns deles, são compatíveis com alguns verbos aspectuais porque podem ter estágios (ou fases, segundo Cunha 2005).

O terceiro objetivo específico é verificar se as restrições de seleção válidas para um determinado verbo aspectual podem ser aplicadas a todos os verbos dessa categoria. Por isso, no terceiro capítulo, em posse das informações do capítulo anterior, mostramos que

cada verbo aspectual seleciona seu complemento com base em propriedades específicas, de modo que as restrições de seleção de um verbo aspectual não são necessariamente aplicadas aos outros verbos dessa categoria.

Na literatura, atribuem-se aos verbos aspectuais seleções de tipos de predicados diferentes (cf. Oliveira *et al.* 2001, por exemplo) ou a uma determinada classe semântica associada aos predicados (cf. Rochette 1993; 1999, por exemplo). Acreditamos que encontrar uma propriedade comum entre os tipos de predicado selecionados por um verbo aspectual é mais vantajoso e econômico para uma análise dessa classe de verbos. No terceiro capítulo, portanto, associamos a seleção feita por um verbo aspectual a uma propriedade presente no predicado que ele toma como complemento. Veremos que as propriedades mais relevantes para a seleção podem mudar de verbo para verbo e queremos que a entrada lexical de cada verbo possa sugerir o tipo de predicado selecionado (ou rejeitado).

O quarto objetivo específico é propor uma entrada lexical para cada verbo aspectual que possa expressar basicamente dois pontos: o primeiro, o próprio significado do verbo, como ele é utilizado na língua natural; o segundo, o tipo de predicado (ou propriedade) que esse verbo seleciona. Por isso, no quarto capítulo, propomos que cada verbo aspectual esteja ligado a uma determinada noção (significado) e que essa noção possa ao menos sugerir o tipo de predicado que se combina com um determinado verbo aspectual.

A importância das entradas lexicais vem do fato de oferecerem uma metalinguagem diferente da argumentação apenas discursiva, possibilitando que nossa proposta seja testada em PB (e até outras línguas com elementos linguísticos equivalentes) e seja passível de ser comprovada ou falsificada.

Apesar de estarem relacionados com um tema intrigante, que é a categoria *aspecto* nas línguas naturais, os verbos aspectuais têm recebido pouca atenção na literatura, especialmente sob o ponto de vista semântico e, especialmente em PB. A presente pesquisa contribui para uma melhor compreensão da categoria *aspecto* e dos verbos aspectuais em PB e nas línguas naturais, o que justifica a escolha do tema que fizemos. Já a justificativa para termos escolhido os oito verbos em questão, vem do fato de, ao menos aparentemente, formarem pares com significados próximos: *começar vs. passar; parar vs. deixar; continuar vs. voltar; acabar vs. terminar*. Esta pesquisa tenta mostrar que esses pares podem ter algumas características em comum, mas há alguns fatores importantes que os diferenciam uns dos outros. Isso também faz com que sejamos contrários a afirmações como a encontrada em Travaglia (2007), de que verbos aspectuais como *começar* e *passar*, por exemplo, tenham a mesma função na língua e, num processo de gramaticalização, um ou outro pode ser eliminado.

Nas considerações finais, apresentamos as contribuições desta pesquisa, bem como algumas questões que podem ser aprofundadas em futuros trabalhos.

# CAPÍTULO 1

## TIPOS DE ASPECTO, DEFINIÇÃO E ESTRUTURA DOS ASPECTUALIZADORES

Neste primeiro capítulo, nosso objetivo é buscar uma definição daquilo que seja um verbo aspectual, bem como analisar a relação que esse verbo tem com o aspecto gramatical e com o aspecto lexical (Aktionsart). A intenção é diferenciar os aspectualizadores dos verbos de aspecto gramatical, além de mostrar os diferentes contextos de ocorrência dos aspectualizadores: seguidos de VPs, DPs ou gerúndio (este último caso válido para *começar* e *acabar*, basicamente). Assim, cada seção deste capítulo exerce um papel importante para o conjunto da pesquisa.

Na seção 1.1, o objetivo é assumir uma definição para os aspectualizadores (aqui também chamados de verbos aspectuais), o que é fundamental para o andamento do trabalho. Nessa seção, apresentamos a definição de verbo aspectual e apontamos que nossa pesquisa se restringe aos verbos *começar*, *continuar*, *deixar*, *parar*, *passar*, *acabar*, *terminar* e *voltar*.

Como o capítulo pretende mostrar a diferença dos tipos de aspecto (lexical e gramatical), o objetivo da seção 1.2 é esclarecer o que se entende por *aspecto gramatical* e *lexical*, focando no primeiro tipo – já que o segundo tipo será amplamente discutido no capítulo 2. Como se verá, os verbos em foco neste trabalho contribuem para a expressão do aspecto lexical e não do aspecto gramatical, posicionamento diferente daquele defendido em Castilho (1967), para quem verbos aspectuais como *começar* e *terminar* contribuem para a expressão do aspecto imperfectivo (gramatical, portanto). Laca (2002; 2004; 2005) afirma que há verbos que contribuem para a expressão do aspecto gramatical (*estar* e *ir*, em português, por exemplo) e outros que contribuem para a expressão do aspecto lexical (*começar* e *terminar* em português, por exemplo). Na seção 1.2, definimos o que é aspecto gramatical e apresentamos a proposta de Klein (1994), que adotaremos para a análise desse tipo de aspecto.

Se este capítulo defende que os aspectualizadores são diferentes dos verbos de aspecto gramatical, o objetivo da seção 1.3 é trazer um argumento sintático a favor de tal afirmação. Assim, nessa seção, discutimos a posição estrutural dos verbos aspectuais. Mostramos que verbos como *estar*, *ir* e *acabar* (em casos como, *João acabou de chegar*) se

relacionam com a expressão do aspecto gramatical, mais especificamente com a expressão do *progressivo*, do *prospectivo* e do *retrospectivo*, respectivamente. Assim, esses verbos ocupam uma posição sintática própria para o aspecto gramatical (AspP). Por outro lado, consideramos que os verbos *começar*, *continuar*, *deixar*, *parar*, *passar*, *acabar/terminar* e *voltar* contribuem para a expressão do aspecto lexical e ocupam uma posição sintática específica para esse aspecto (VP), mais baixa que a posição própria para o aspecto gramatical.

A seção 1.4 traz outro argumento para diferenciar os verbos de aspecto gramatical dos aspectualizadores: o caráter lexical, aqui assumido como a possibilidade de um verbo aparecer com um complemento DP e manter o significado que possui quando seu complemento é um VP. Nessa seção, explicitamos o caráter lexical mais forte dos verbos aspectuais, em relação aos verbos de aspecto gramatical. Isso significa que eles se comportam de forma diferente dos verbos auxiliares (os de aspecto gramatical), daí seu caráter lexical. Mostramos que os verbos aspectuais, em geral, podem ter DPs como complementos e manter seu significado aspectual, o que não ocorre com os verbos de aspecto gramatical.

Como o capítulo tenta também apresentar os diferentes contextos em que podemos encontrar os verbos aspectuais, mostraremos na seção 1.5 alguns casos em que verbos como *acabar* e *começar* são seguidos de gerúndio. Deixamos claro que essas construções não são o foco da nossa pesquisa, mas acreditamos que a análise feita ao longo do trabalho possa ser homogênea para diversos casos com os verbos aspectuais.

Realizamos esse percurso argumentativo porque identificar a relação dos verbos aspectuais com o tipo de aspecto é importante para se entender as restrições que esses verbos impõem ao tipo de complemento que selecionam, bem como quanto ao tipo de predicado que formam, de modo que o primeiro capítulo justifica o tema sobre o qual nos debruçamos nos dois próximos capítulos: o aspecto lexical e os complementos dos verbos aspectuais.

## 1.1. DEFINIÇÃO DE VERBOS ASPECTUAIS

Nesta seção, vamos definir mais propriamente o que consideramos por *verbo aspectual*, além de delimitar aqueles verbos com os quais trabalharemos ao longo da pesquisa. Além disso, mostraremos que há verbos que contribuem para a expressão do aspecto lexical (*começar* e *terminar*, por exemplo) e outros que contribuem para a expressão do aspecto gramatical (*estar* e *ir*, por exemplo).

Na literatura, os *verbos aspectuais*, também chamados de *aspectualizadores*, tais como *começar*, *parar* e *terminar*, são considerados verbos que operam sobre o intervalo de tempo denotado por um predicado e o resultado da operação é um outro predicado que denota uma parte da estrutura temporal da eventualidade denotada pelo primeiro

predicado (cf. Cunha 1998; Oliveira *et al.* 2001; Laca 2002; 2004; 2005, entre outros). Por exemplo, em *Maria começou a dançar*, o predicado *Maria começar a dançar* denota o início (uma parte, portanto) da eventualidade de Maria dançar. Laca (2002; 2004; 2005) mostra que os verbos aspectuais são bastante numerosos nas línguas românicas e formam diversas perífrases que contribuem para a descrição temporal e aspectual da sentença em que estão inseridos.

Verkuyl (1999) e Wachowicz (2007) consideram que os verbos aspectuais não denotam eventualidades, mas são operadores sobre eventos (função sobre eventos), funcionando como “restritores” sobre um evento ou intervalo de tempo (o início ou o fim do evento, por exemplo).<sup>1</sup> Neste trabalho, no entanto, vamos assumir que os verbos aspectuais são modificadores sobre predicados de eventualidades (cf. Rochette 1999) e formam um tipo de predicado próprio, geralmente diferente do tipo de predicado tomado como argumento (cf. Laca 2002; 2004; 2005) – ver definição completa mais adiante. Preferimos essa definição porque notamos que os predicados formados com os verbos aspectuais não são iguais aos predicados que eles tomam como argumento.<sup>2</sup> Essa alteração no tipo de predicado é que nos motiva a considerá-los como modificadores de predicado, em que suas perífrases denotam um tipo de evento específico (um *achievement*, no caso de *começar* e *terminar*, por exemplo). Vamos tratar dessa mudança de tipo aspectual na seção 4.1, no capítulo 4 deste trabalho.

Os verbos aspectuais que serão analisados na presente pesquisa formam uma perífrase com uma preposição específica<sup>3</sup> e um complemento no infinitivo, como se observa na tabela 1, a seguir; a exceção fica para o verbo *continuar*, que em PB coloquial é seguido apenas de gerúndio, sem preposição (ao contrário do português europeu, em que aparece com a preposição *a*). Logo após a tabela, apresentamos alguns exemplos.

<sup>1</sup> Teresa Wachowicz (c.p.) alertou-nos para a existência dessa definição. Reconhecemos a validade de sua observação (que pode ser vista em Wachowicz 2007). Contudo, seguindo outros pesquisadores que trabalharam com esses verbos (ver ao longo deste capítulo), continuaremos considerando que os aspectualizadores denotam predicados de eventos.

<sup>2</sup> Se considerarmos que os verbos de aspecto lexical são modificadores de predicados de evento, podemos assumir a definição de Laca (2004, p. 433): “Eventuality modification: the mapping of an eventuality with a given temporal structure onto an eventuality with a possibly different temporal structure”. Sobre o tema, ver início do capítulo 4.

<sup>3</sup> Neste trabalho, vamos desprezar o papel da preposição. Oliveira *et al.* (2001) falam da possibilidade dessa preposição que aparece nas construções aspectuais ser a lexicalização de um núcleo aspectual, o que daria à construção o caráter aspectual que carrega. Rochette (1988), por outro lado, alega que a presença da preposição seria para atribuir caso ao complemento infinitivo. Deixamos essas questões em aberto neste trabalho.

Verbo	Preposição	Complemento
COMEÇAR	a	infinitivo
PASSAR		
VOLTAR		
PARAR	de	
DEIXAR		
ACABAR		
TERMINAR		
CONTINUAR	∅	gerúndio <sup>4</sup>

Tabela 1 - Verbos aspectuais estudados neste trabalho

- (1)
- a. Pedro *começou* a lavar a louça.
  - b. Pedro *passou* a lavar a louça.
  - c. Pedro *voltou* a lavar a louça.
  - d. Pedro *parou* de lavar a louça.
  - e. Pedro *deixou* de lavar a louça.
  - f. Pedro *acabou/terminou* de lavar a louça.
  - g. Pedro *continuou* lavando a louça.

A escolha desses verbos específicos se deve ao fato de alguns deles formarem pares: *começar* e *passar* expressam o início; *parar* e *deixar* a interrupção e *acabar* e *terminar*, o término de uma situação. Além disso, decidimos incluir *continuar* e *voltar* a fim de fazer uma análise maior de diferentes expressões aspectuais.<sup>5</sup>

Algumas definições para esses verbos na literatura tentam capturar seu papel nas línguas e, por isso, acreditamos ser importante ao menos apresentá-las aqui, já que estão relacionadas ao que Laca propõe e ao que vamos tomar como definição geral e completa para esses verbos um pouco mais adiante, ainda nesta mesma seção.

Freed (1979, p. 19) define que “os verbos aspectuais constituem um índice temporal [segmento temporal] que indicam onset [estágio preparatório], início, continuação, duração, repetição, cessação ou completude de atividades ou eventos [accomplishments]”.<sup>6</sup> A noção de segmentação temporal é importante, mas a ideia de que os verbos aspectuais possam modificar apenas predicados de atividades ou accomplishments não está de acordo com o que veremos ao longo do trabalho, para casos com *continuar*, *passar* e *deixar*, por exemplo.

Smith (1997, p. 48) denomina verbos aspectuais como *começar*, *parar* e *terminar* – respectivamente, *begin*, *stop* e *finish*, em inglês – de “morfemas super-lexicais cuja função

<sup>4</sup> *Continuar* pode igualmente ser seguido por *a+infinitivo*. Tal estrutura pode ser encontrada em alguns textos escritos, mas ainda assim, é pouco produtiva no PB atual, que prefere a variante com gerúndio.

<sup>5</sup> Agradecemos aos professores Marcelo Ferreira e Ana Scher por sugerir a inclusão desses verbos.

<sup>6</sup> As citações traduzidas nesta pesquisa são traduções nossas.

é dar uma visão específica de uma situação”, i.e., eles não denotam a eventualidade descrita pelo predicado principal – chamada de *situação*, por Smith –, mas somente uma parte dela.

Laca (2002, p. 80) afirma que algumas perífrases de aspecto lexical – às quais ela chama de *perífrases de modificação de eventualidade* – alteram o tipo de eventualidade denotada pelo predicado selecionado. Assim, um verbo aspectual pode tomar um predicado de atividade como complemento (*João dançar*, por exemplo) e retornar um predicado de achievement (*João começou a dançar*, por exemplo).<sup>7</sup> A autora diz que isso é comum com as perífrases de fase (*começar e terminar*, em PB, por exemplo). No capítulo 4, mostraremos como essa modificação ocorre com os verbos da tabela 1.

Essa ideia é semelhante àquela que encontramos em Oliveira *et al.* (2001, p. 380): para esses autores, os verbos de operação aspectual (ou aspectualizadores) têm a “função de alterar a perspectivização ou a focalização das situações”, ou seja, esses verbos descrevem (“focalizam”, nas palavras dos autores) uma determinada parte de uma eventualidade denotada pelo predicado. Por isso, Oliveira *et al.* (2001, p. 380) propõem a “noção de operação aspectual, que consiste na conversão de um determinado *input* num dado *output*”, em que os verbos aspectuais tomam um predicado como complemento e retornam um outro predicado como resultado da operação.

Seguindo basicamente Oliveira *et al.* (2001) e Laca (2002; 2004; 2005), nossa definição para verbos aspectuais neste trabalho é a seguinte:

VERBOS ASPECTUAIS são modificadores de predicados que tomam um predicado como seu input e retornam outro predicado como seu output. O predicado dado por um VP com um verbo aspectual:

- i) denota uma parte da eventualidade denotada pelo predicado que ele seleciona; ou
- ii) denota um estado relacionado a tal eventualidade; e
- iii) possui um tipo de aspecto lexical, quase sempre diferente daquele do predicado input.

Sentenças com os verbos aspectuais *começar e terminar*, por exemplo, descrevem partes de uma eventualidade, no caso, a parte inicial e a final, respectivamente. Por outro lado, sentenças com os verbos aspectuais *continuar e deixar*, por exemplo, descrevem um estado da eventualidade, no caso, a permanência e o abandono, respectivamente – veremos todos os casos no capítulo 4. Com relação ao ponto (iii) da definição, sobre a mudança do tipo de aspecto lexical, vejamos o exemplo de (1a) – mais detalhes na seção 4.1, no capítulo 4.

- (1) a. João começou a lavar a louça.

<sup>7</sup> Falaremos dos tipos de predicado e das classes aspectuais (atividades, accomplishments, achievements e estados) no capítulo 2.

Em (1a), *começar* é um aspectualizador que toma o predicado *João lavar a louça* como argumento e retorna como output o início da atividade, i.e., o início da eventualidade denotada por *João lavar a louça* (ver também Dascal 1982; Boff 2003). Além disso, podemos dizer que *João lavar a louça* é um predicado de accomplishment, enquanto *João começar a lavar a louça* é um predicado de achievement, o que confirma a alteração no tipo de predicado provocada pela presença do verbo aspectual. No capítulo 4, trataremos mais especificamente das modificações realizadas pelos verbos aspectuais da tabela 1, bem como de sua semântica.

Por ora, falaremos um pouco de outras perífrases também chamadas de *perífrases aspectuais* e de algumas características dos aspectualizadores, para entendermos melhor o desenvolvimento do trabalho, bem como a diferença entre perífrases formadas com os verbos aspectuais, daquelas encabeçadas por outros verbos como *estar* ou *ir*.

Laca (2002; 2004; 2005) apresenta uma série de outras perífrases nas línguas românicas, diferentes daquelas da tabela 1, em que o verbo que as encabeça recebe o nome de *aspectualizador*. Entre essas perífrases, temos em PB *ir* + infinitivo, que expressa o aspecto prospectivo, *estar* + gerúndio, que expressa o aspecto progressivo, e *acabar*<sub>2</sub> *de*+infinitivo, que expressa o aspecto retrospectivo. Como essas perífrases estão fora de nosso estudo, uma pergunta que o leitor poderia fazer aqui é: que diferenças haveria entre estas perífrases e aquelas apresentadas na tabela 1, acima? Por que tanto os verbos da tabela 1, como *ir* e *estar* são chamados de aspectualizadores?

Antes de nos determos a essas questões, precisamos fazer uma observação importante sobre a perífrase com *acabar*<sub>2</sub> *de*+infinitivo, citada acima. A perífrase *acabar de*+infinitivo pode ser usada em dois ambientes em PB. O primeiro ambiente é aquele em que a perífrase é equivalente a *terminar de*+infinitivo, e que trataremos amplamente neste trabalho. Sempre que preciso, nós marcaremos o verbo “acabar” com o subscrito 1 (*acabar*<sub>1</sub>) e ele será equivalente a *terminar*. O segundo ambiente é aquele que foi citado no parágrafo acima, quando a perífrase com *acabar* expressa o aspecto retrospectivo (cf. Laca 2002; 2004; 2005), também chamado de passado recente (cf. Almeida 1980; Ilari 1997; Travaglia 2006). Sempre que preciso, nós o marcaremos como subscrito 2 (*acabar*<sub>2</sub>).

A diferença dos valores de *acabar* pode ser explicitada pela inclusão de *já* na sentença: nesse caso, *acabar* é equivalente a *terminar* e não tem a noção temporal/retrospectiva.<sup>8</sup> Comparando (2a) e (2b), vemos que isso se verifica em PB.

- (2) a. Pedro *já* acabou/terminou de ler o livro.  
 b. \*Pedro *já* acabou de chegar/gritar.

Oliveira *et al.* (2001) sugerem que *acabar*, com a leitura retrospectiva/passado recente, só co-ocorre com modificadores temporais que se referem a um intervalo de

<sup>8</sup> Agradecemos a Marcelo Ferreira (c.p.) pela sugestão deste teste.

tempo imediatamente anterior ao momento de fala. Por isso, a sentença em (3a) é aceitável, ao contrário de (3b). No entanto, se *acabar* for lido como *terminar*, i.e., como aspectualizador, ele pode aparecer com um modificador que denote um intervalo de tempo não imediatamente anterior ao momento de fala (3c).

- (3) a. Pedro acabou de chegar (*há poucos instantes/agorinha*).  
 b. \*Pedro acabou de chegar *ontem*.  
 c. Pedro acabou/terminou de ler o livro *ontem*.

Ao longo deste capítulo, apontaremos diferenças quanto ao *tipo aspectual* que envolve essas perífrases: as perífrases da tabela 1 contribuem para a expressão do aspecto lexical, enquanto as perífrases *ir*+infinitivo, *estar*+gerúndio e *acabar*<sub>2</sub>*de*+infinitivo, contribuem para a expressão do aspecto gramatical (ver seção 1.2, a seguir). Essas afirmações são sugeridas por Smith (1997) e por Laca (2002; 2004; 2005). Esta última autora apresenta algumas restrições com relação i) ao tipo de ambiente sintático em que essas perífrases se inserem e ii) à ordem possível entre elas. Por isso, é preciso trazer para este trabalho as noções referentes aos dois tipos de aspecto (gramatical e lexical), o que faremos no item 1.2. Em seguida, na seção 1.3, vamos verificar a posição na estrutura sintática em que aparecem essas perífrases.

## 1.2. DIFERENÇAS ENTRE ASPECTO LEXICAL E ASPECTO GRAMATICAL

Nesta seção, apresentamos algumas diferenças entre aspecto lexical e aspecto gramatical presentes na literatura. No entanto, como o aspecto lexical será tema do capítulo 2, enfatizaremos o aspecto gramatical, adotando a análise de Klein (1994).

O termo *aspecto* vem de uma tradição de pesquisas sobre as línguas eslavas e foi cunhado na literatura linguística com a intenção de significar o modo pelo qual as línguas (e os falantes, claro) descrevem uma determinada eventualidade (cf. Comrie 1976, Brinton 1988, Smith 1997, entre outros). Nas línguas eslavas, a maioria dos verbos tem marcas morfológicas que distinguem os aspectos **perfectivo** e **imperfectivo**, o que contribuiu para que essas categorias se tornassem modelos de análise sobre o tema em outras línguas.

É baseado nisso que Comrie (1976, p. 3) define aspecto (gramatical) como “diferentes maneiras de visualizar a constituição temporal interna de uma situação”. Partindo dessa noção, ele diz que o aspecto perfectivo “olha do lado de fora da situação, sem distinguir, necessariamente, sua estrutura interna”, e o aspecto imperfectivo “olha do lado de dentro da situação e, como tal, diz respeito à estrutura interna da situação” (Comrie 1976, p. 3-4). Para o autor, a Aktionsart (aspecto lexical) é uma indicação das propriedades temporais intrínsecas de uma situação descrita por um predicado, por exemplo,

uma indicação sobre a duratividade, a pontualidade, a telicidade ou a atelicidade de uma situação.

Seguindo a perspectiva de Comrie, Smith (1997) assume que há basicamente duas informações aspectuais numa sentença: o aspecto gramatical (ou *viewpoint aspect* ‘aspecto do ponto de vista’) e o aspecto lexical (ou *situation aspect* ‘aspecto da situação’). O primeiro – seguindo o que mostramos acima em relação a Comrie (1976) – é a maneira pela qual um falante escolhe descrever um evento, chamado de “ponto de vista da situação”. É por este aspecto que se expressa informações relativas ao início, ao desenvolvimento ou ao fim de uma eventualidade. Há basicamente dois pontos de vista: o **perfectivo** e o **imperfectivo**. Quando o falante escolhe o primeiro, ele descreve uma situação por completo, i.e., com seu começo, meio e fim; quando escolhe o segundo, ele descreve uma parte da situação, i.e., ou o começo, ou o meio, ou o fim.

O aspecto gramatical pode ser expresso por fatores como a morfologia ou por outros elementos gramaticais na língua, como as perífrases (cf. Travaglia 2006; Wachowicz e Foltran 2007, entre outros). Em PB, por exemplo, o perfectivo pode ser expresso pelo morfema *-ou*, em *amou*, e o imperfectivo pelo morfema *-ava*, em *amava*, ou pela perífrase *estar+gerúndio*, em *está amando*.<sup>9</sup>

Smith (1997) diz que o aspecto lexical diz respeito aos “tipos de situações”, também conhecidas por *Aktionsart*. Esses tipos de situações são as quatro classes de verbos propostas por Vendler (1957/1967): *estados*, *atividades*, *accomplishments* e *achievements*. Para autores como Freed (1979), Smith (1997) e Wachowicz e Foltran (2007), o aspecto lexical é dado pelo verbo, seus complementos e outros elementos que estejam envolvidos na composição do predicado, ou seja, nos termos da teoria gerativa, esse aspecto é dado pelo sintagma verbal (VP). Como veremos mais adiante, os diferentes tipos de situação (ou *Aktionsart*, ou classes de Vendler) são importantes tanto para a descrição, quanto para a análise dos verbos aspectuais e, por isso, vamos discuti-los detalhadamente no capítulo 2 desta pesquisa.

Em estudo sobre o PB, Castilho (1967) considera que aspecto é uma categoria que expressa a duração da ação verbal – na verdade, deveria ser a duração da eventualidade denotada pelo verbo (ou predicado), para sermos mais precisos. As definições sobre *perfectivo* e *imperfectivo* que encontramos em Smith (1997) e Castilho (1967) são parecidas, já que, para este autor, “se a ação verbal indica duração, temos o aspecto imperfectivo; se uma ação cumprida, contrária à noção de duração, o aspecto perfectivo” (Castilho 1967, p. 14).

A partir da noção de perfectividade como completamento da ação, Castilho (1967) assume que o aspecto perfectivo mostra a ação verbal em sua completude, sem focar o início, o desenvolvimento ou o término dela. Por outro lado, o imperfectivo “indica a duração pura e simples e comporta três variantes, conforme se conheçam o começo (inceptivo), o fim (terminativo), ou se ignorem ambas as coisas (cursivo)” (Castilho,

<sup>9</sup> Em Klein (1994), p.ex., o progressivo é a melhor expressão do imperfectivo (ver seção 1.2.1).

1967, p. 52). Isso levará o autor a assumir que as perífrases verbais da tabela 1 expressam o aspecto gramatical, mais especificamente o imperfeito, porque enfocam uma parte específica da eventualidade e não ela toda. Como veremos na seção 1.2.2, esse fato não é corroborado pelas evidências sintáticas e semânticas das quais dispomos.

Mas o aspecto nem sempre parece ser uma escolha subjetiva relacionada ao ponto de vista e uma postura crítica com relação a essas definições da noção de aspecto é apresentada em Klein (1994). Em seu trabalho, o autor afirma que algumas definições sobre aspecto encontradas na literatura (a de Comrie 1976, por exemplo) são metafóricas e não capturam o que de fato essa categoria expressa nas línguas. Sendo assim, Klein propõe que *aspecto* e *tempo* sejam noções relacionais, não mais ligadas a um ponto de vista escolhido pelo falante. O autor sugere que a produção de uma sentença envolva intervalos de tempo distintos (momento de fala, momento de tópico e momento da situação) e que tempo e aspecto sejam expressos a partir da relação de simultaneidade, anterioridade e posterioridade entre esses intervalos de tempo (momentos). Vamos apresentar um breve resumo das noções de Klein na próxima subseção.

### 1.2.1. TEMPO E ASPECTO EM KLEIN (1994)

Klein (1994) retoma a discussão sobre tempo e aspecto já feita por Reichenbach (1947), em que o autor propunha que tanto tempo, quanto aspecto fossem dados a partir da relação entre o momento de fala, o momento do evento e o momento de referência. Klein (1994, p. 3) desenvolve essa proposta e sugere que “*tempo* pode ser definido em termos de relações temporais, como antes, depois e simultâneo”, e *aspecto*, em termos de “anterioridade, inclusão ou posterioridade, por exemplo. A diferença entre *tempo* e *aspecto* viria dos momentos aos quais estão relacionados”.<sup>10</sup>

Assim, Klein (1994) propõe que tempo e aspecto sejam pensados a partir de três momentos diferentes: o momento de tópico (TT),<sup>11</sup> que é o momento sobre o qual o falante faz a asserção; o momento de fala (TU), o momento em que o falante pronuncia a sentença e o momento da situação (TSit), que corresponde à parte infinitiva da sentença, e por isso se diz que ele é o momento relacionado ao evento em si.<sup>12</sup>

Klein (1994) defende que o **tempo** de uma sentença é dado pela relação entre seu TT e seu TU – no caso das sentenças em (4), o TU é o momento em que a sentença é proferida e o TT é o momento em que o falante chega (ou é dado por *neste momento*). Quando o TT é anterior ao TU (TT<TU), a sentença é descrita no passado (4a); quando

<sup>10</sup> Em PB, um trabalho que retoma as ideias de Reichenbach, é o de Ilari (1997).

<sup>11</sup> TT é o equivalente a Topic Time, TU, a Time of Utterance e TSit, Time of the Situation, em inglês.

<sup>12</sup> Por clareza de análise, em grande parte dos nossos exemplos, padronizaremos que a oração principal contém TSit e a oração subordinada temporal é quem vai inserir o TT. Em alguns casos, no entanto, o TT pode ser dado também por uma simples expressão de tempo como às 10h, hoje, ontem ou amanhã, ou ainda pelo contexto.

o TU está incluído no TT ( $TT \subseteq TU$ ), a sentença é descrita no presente (4b) e, quando o TT é posterior ao TU ( $TT > TU$ ), a sentença é descrita no futuro (4c).

- (4) a. Quando eu cheguei, a luz *estava acesa*.  
 b. Neste momento, a luz *está acesa*.  
 c. Quando eu chegar, a luz *estará acesa*.

Quanto ao **aspecto**, Klein (1994) afirma que ele é uma relação entre o TT e o TSit de uma sentença. Se o TT está incluído no TSit ( $TT \subseteq TSit$ ), temos o aspecto imperfectivo (5a); se o TSit está incluído no TT ( $TSit \subseteq TT$ ),<sup>13</sup> temos o perfectivo (5b); se TSit é posterior a TT ( $TT < TSit$ ), temos o aspecto prospectivo (5c). Embora não esteja explícito em Klein (1994), vamos incluir aqui o aspecto retrospectivo (5d), expresso pela perífrase *acabar<sub>2</sub> de+infinitivo* (ver Laca 2002; 2004), em que o TSit é imediatamente (<sub>imed</sub>) anterior ao TT ( $TSit <_{imed} TT$ ).<sup>14</sup>

- (5) a. Quando eu cheguei, a Maria *estava jantando*. (*imperfectivo*)  
 b. Depois que eu cheguei em casa, a Maria *jantou*. (*perfectivo*)  
 c. Quando eu cheguei, a Maria *ia jantar*. (*prospectivo*)  
 d. A Maria *acabou de chegar*. (*retrospectivo*)

As orações adverbiais de tempo (*Quando/Depois que eu cheguei*) indicam o TT. Em (5a), a situação *Maria estar jantando* é descrita como um evento que contém o TT ( $TT \subseteq TSit$ ), ou seja, o TSit começa antes e termina depois do TT. Sendo assim, a situação é descrita com o aspecto imperfectivo/progressivo (*estava jantando*). Em (5b), ao contrário, o TSit *Maria jantar* está contido no TT ( $TSit \subseteq TT$ ), i.e., o evento de *Maria jantar* acontece dentro do intervalo de tempo em que o falante já está em casa, por isso, o aspecto perfectivo (*jantou*). A sentença em (5c) descreve uma situação em que o evento *Maria jantar* (TSit) é posterior a TT ( $TT < TSit$ ), o que designa o aspecto prospectivo. Finalmente, a sentença em (5d) descreve uma situação em que o evento *Maria jantar* (TSit) é imediatamente anterior a TT ( $TSit <_{imed} TT$ ) e, por isso, é um caso relativo ao aspecto retrospectivo.

Nesta subseção, apresentamos as noções de aspecto gramatical sob a ótica de Klein (1994). Na próxima seção, tomaremos as noções de *progressivo*, *prospectivo* e *retrospectivo* e as ligaremos aos verbos *estar*, *ir* e *acabar<sub>2</sub>*, respectivamente, a fim de separar esses tipos

<sup>13</sup> Klein (1994) propõe que a relação seja: o TT está parcialmente incluído no TSit ( $TT \text{ AT } TSit$ ), i.e., o TT pode estar parcialmente antes ou parcialmente depois do TSit ou mesmo incluí-lo totalmente (conforme representamos). A representação que demos acima não traz, no entanto, nenhum prejuízo ao que nos propomos discutir aqui.

<sup>14</sup> Klein (1994) não distingue progressivo de imperfectivo e coloca a perífrase *estar+gerúndio* ('is+V-ing', em inglês) como a expressão do imperfectivo. Vamos manter essa indistinção e sugerimos a diferença entre imperfectivo e progressivo como tema para trabalhos futuros.

de verbos (auxiliares que marcam o aspecto gramatical) do grupo de verbos aspectuais apresentados na tabela 1.<sup>15</sup>

Como veremos, Laca (2002; 2004; 2005) mostra que as diferentes noções referentes aos aspectos gramatical e lexical são importantes para se entender o papel das perífrases nas línguas românicas. Por isso, voltaremos às questões relativas às perífrases citadas até aqui para relacioná-las com os aspectos gramatical e lexical.

### 1.3. A ESTRUTURA SINTÁTICA DOS ASPECTOS LEXICAL E GRAMATICAL

Nesta seção, defenderemos que os verbos aspectuais da tabela 1 (*começar, continuar, deixar, parar, passar, acabar/terminar e voltar*) são diferentes dos verbos *estar, ir e acabar*,<sub>2</sub> embora todos sejam chamados de verbos aspectuais. A razão para um nome comum vem do fato de todos os verbos contribuírem para a expressão de algum tipo de aspecto: os primeiros, para o aspecto lexical e os últimos, para o aspecto gramatical.

Laca (2002; 2004; 2005) aponta que tanto a semântica das perífrases aspectuais quanto a ordem possível entre elas podem mostrar que elas não pertencem a um mesmo grupo, já que não envolvem o mesmo tipo de aspecto (gramatical ou lexical). Vamos retomar as noções relativas ao aspecto, apresentadas na seção anterior, e fazer algumas considerações a fim de compreendermos a análise de Laca (2002; 2004; 2005). Começamos por algumas perífrases que indicam aspecto gramatical em PB: *estar+gerúndio, ir+infinitivo e acabar<sub>2</sub> de+infinitivo*.

Vamos trabalhar com uma das formas de expressão do aspecto imperfeito em PB, o progressivo, mantendo a mesma relação vista na seção anterior para o imperfeito de Klein: TT $\subseteq$ TSit. Esse aspecto é dado em PB pela perífrase *estar+gerúndio* (6), e a nomenclatura *aspecto progressivo* é a mais comum em diferentes línguas (cf. Laca 2002; 2004).

- (6) a. Quando Pedro chegou, Maria *estava cantando*.  
 b. Neste exato momento, Maria *está cantando*.

Nos dois casos, os momentos de tópico (TT), dados pelas expressões *quando Pedro chegou* e *neste exato momento*, estão inseridos nos momentos da situação (TSit), que nos dois casos é *Maria cantar*. Sendo assim, consideramos que o papel da perífrase *estar+gerúndio* em PB é mesmo o de expressar o aspecto progressivo.

<sup>15</sup> Para uma discussão sobre outros auxiliares também chamados de aspectuais (mais especificamente os primeiros verbos nas perífrases *estar+gerúndio, vir+gerúndio e ter+particípio*), bem como suas relações com os momentos de fala, de evento e de referência, ver Ilari (1997), Mendes (2005), Wachowicz (2006) e Scher (2007).

Uma outra perífrase que contribui para a expressão do aspecto gramatical é *ir+infinitivo*, que expressa o aspecto prospectivo, em que o momento de tópico precede o momento da situação ( $TT < TSit$ ). Vejamos o exemplo em (7).

(7) Quando Pedro telefonou, João *ia cantar*.

Neste caso, o  $TSit$  (*João cantar*) é posterior ao  $TT$  (*quando Pedro telefonou*), sinal de que estamos tratando do aspecto prospectivo. Isso nos leva a concluir que *ir+infinitivo* é de fato uma perífrase que expressa esse aspecto gramatical.

O último caso de aspecto gramatical aqui apresentado é o da perífrase *acabar<sub>2</sub> de+infinitivo*, que contribui para a expressão do aspecto retrospectivo, em que o  $TSit$  é imediatamente anterior a  $TT$  ( $TSit_{imed} < TT$ ). Vejamos o exemplo em (8).

(8) A Maria *acabou de chegar*.

Neste caso, o  $TSit$  (*A Maria chegar*) é imediatamente anterior ao  $TT$  (neste caso é igual ao momento de fala,  $TU$ ), sinal de que estamos tratando do aspecto retrospectivo. Isso nos leva a concluir que *acabar<sub>2</sub> de+infinitivo* é de fato uma perífrase que expressa esse aspecto gramatical.

Laca (2002; 2004; 2005) mostra que a ordem entre as perífrases de aspecto gramatical é bastante rígida e, em alguns casos, sequer é possível haver mais de uma delas numa mesma sentença. Vejamos alguns exemplos.<sup>16</sup>

(9) a. \*João *está acabando de* chegar.  
b. \*João *acabou de estar* chegando.

(10) a. \*João *ia acabar de* chegar.  
b. \*João *acabou de ir* chegar.

(11) a. \*João *está indo* chegar.  
b. ??João *ia estar* chegando.

Como se vê, as tentativas de se combinar mais de uma perífrase de aspecto gramatical numa mesma sentença geram resultados bastante inaceitáveis. O único caso que talvez possa ser considerado é o de (11b), em que a sentença parece um pouco melhor que as outras. Ainda assim, intuitivamente a ocorrência de sentenças desse tipo na língua é bastante improvável.

Laca (2002; 2004; 2005) acredita que a impossibilidade dessas co-ocorrências se deve ao fato dessas perífrases marcarem o aspecto gramatical, ocupando a posição  $AspP$

<sup>16</sup> Neste trabalho, utilizarei o sinal (\*) para sentenças mal formadas sintática ou semanticamente, o sinal (??) para sentenças cuja aceitabilidade pode variar entre os falantes, e o sinal (#) para sentenças que podem ser bem aceitas, mas não com o sentido discutido naquele ponto do trabalho.

na língua. Como dissemos, o aspecto gramatical é uma relação entre dois intervalos de tempo da sentença (o momento de tópico e o momento da situação), mas uma sentença não pode ter mais de um momento de tópico, de situação ou de fala, o que inviabiliza a ocorrência de diferentes aspectos gramaticais numa mesma sentença.

Seguindo de perto a proposta de Laca, neste trabalho defendemos uma rigidez na ordem das perífrases de aspecto gramatical, mais do que uma unicidade do tipo de aspecto. Afinal, sentenças como (11b) poderiam ser possíveis (tendo duas perífrases de aspecto gramatical) ou mesmo sentenças como (12a), em que teríamos o aspecto perfeito (expresso por *ter*+particípio)<sup>17</sup> e o aspecto retrospectivo. No entanto, essa é a única ordem possível, já que o perfeito não pode suceder o retrospectivo (12b).

- (12) a. Quando eu liguei pro João, ele tinha acabado de chegar.  
 b. \*Quando eu liguei pro João, ele acabava de ter chegado.

Deixaremos em aberto a questão sobre quais tipos aspectuais podem ou não anteceder os outros e quantos aspectos gramaticais podem aparecer nas sentenças em PB. O que nos interessa, de fato, é que as restrições na ordem dessas perífrases são de natureza sintática, de modo que não podemos encontrar contextos em que as sentenças agramaticais de (9-12) possam ser recuperadas (cf. Laca 2002; 2004).

A seguir, veremos que as perífrases de aspecto gramatical podem anteceder, mas não suceder as perífrases de aspecto lexical e que estas podem se combinar entre si em alguns casos, com menos restrições que as primeiras.

Vamos relacionar, agora, as perífrases da tabela 1, com as perífrases de aspecto gramatical apresentadas acima. Laca (2002; 2004; 2005) observa que as perífrases de aspecto gramatical podem anteceder algumas perífrases, como *começar* (13), *parar* (14) e *terminar* (15), por exemplo, mas não podem ser precedidas por elas. Embora as observações de Laca (2002; 2004; 2005) sejam feitas para o espanhol, elas são igualmente válidas para o PB, como se vê nos exemplos a seguir.

- (13) a. Pedro está começando a cantar.  
 b. Pedro ia começar a cantar.  
 c. Pedro acabou de começar a cantar.  
 d. \*Pedro começou a estar cantando.  
 e. \*/#Pedro começou a ir cantar.  
 f. #Pedro começou a acabar de cantar.
- (14) a. Pedro está parando de cantar.  
 b. Pedro ia parar de cantar.

<sup>17</sup> Em PB, o aspecto perfeito pode ser expresso pela perífrase *ter*+particípio (cf. Castilho 1967 e Schmitt 2001) em todos os tempos verbais, exceto no presente do indicativo, em que tal perífrase expressa uma iteração (João tem jantado às 20h). Sobre esse último caso, ver Mendes (2005), Wachowicz (2006) e Scher (2007).

- c. ?Pedro acabou de parar de cantar.
- d. \*Pedro parou de estar cantando.
- e. \*/#Pedro parou de ir cantar.
- f. \*Pedro parou de acabar de cantar.

- (15)
- a. Pedro está terminando de cantar.
  - b. Pedro ia terminar de cantar.
  - c. ?Pedro acabou de terminar de cantar.
  - d. \*Pedro terminou de estar cantando.
  - e. \*Pedro terminou de ir cantar.
  - f. \*Pedro terminou de acabar de cantar.

Como o leitor percebeu, não citamos os casos com *continuar*, *deixar* e *passar*. Em geral, esses verbos não são compatíveis com perífrases de aspecto gramatical e, quando o são, têm uma leitura bem específica (como no caso do progressivo). Trataremos disso com mais detalhes no capítulo 4, quando falaremos da semântica de tais verbos, o que contribuirá para entendermos suas restrições com perífrases de aspecto gramatical.

Voltemos aos casos em (13-15). Para Laca (2002; 2004; 2005), a ordem rígida de precedência que as perífrases gramaticais têm sobre as outras perífrases, como se observa acima (13-15), mostra que verbos como *começar*, *parar* e *terminar* estão relacionados à expressão do aspecto lexical (Aktionsart), enquanto *estar*, *ir* e *acabar*<sub>2</sub> dizem respeito ao aspecto gramatical. Isso sugere que há noções aspectuais distintas relacionadas às perífrases com verbos de aspecto lexical e às perífrases com verbos de aspecto gramatical, tendo reflexo na sua posição sintática: os verbos de aspecto lexical devem aparecer numa posição mais baixa que os verbos de aspecto gramatical na estrutura sintática. Logo, os últimos podem preceder os primeiros, mas não vice-versa.

O último ponto com relação à ordem das perífrases é justamente o fato das perífrases de aspecto lexical co-ocorrerem com menos restrições, em alguns casos, se comparadas àquelas de aspecto gramatical. Vejamos alguns exemplos.

- (16)
- a. ?Pedro *começou a terminar* de construir sua casa.
  - b. Pedro *passou a terminar* de almoçar (e dormir).
  - c. Pedro *continua parando* de trabalhar à meia-noite.
  - d. ?Pedro *deixou de começar* a trabalhar à meia-noite.

Esses exemplos dão uma mostra de que a co-ocorrência entre os verbos aspectuais é mais aceitável do que aquela entre os verbos de aspecto gramatical. Mesmo as sentenças marcadas com algum grau de dúvida na aceitabilidade (?), podem ser adaptadas para algum contexto específico. Neste trabalho, assumimos que os verbos aspectuais ocupam a posição de núcleo de VP na estrutura e não estão comprometidos com a expressão do

aspecto gramatical. Dessa forma, sua co-ocorrência sofre menos restrições do que a co-ocorrência entre os verbos de aspecto gramatical.

No entanto, Laca (2002, p. 81) diz que a co-ocorrência entre as perífrases de aspecto lexical é praticamente nula nas línguas e relaciona isso ao fato de ser “praticamente impossível se obter fases de fases” – o que seria uma restrição semântica e não sintática. Outra razão vem justamente da modificação que os verbos aspectuais fazem sobre os predicados selecionados (cf. Laca 2002): em geral, os predicados formados pelos aspectualizadores não possuem as propriedades de seleção exigidas por esses mesmos verbos, o que restringe a co-ocorrência entre eles. Veremos isso com mais detalhes na seção 4.1 no capítulo 4.

Temos dito que a posição sintática ocupada pelos verbos de aspecto gramatical é diferente daquela ocupada pelos verbos aspectuais e que estes são mais lexicais, enquanto os primeiros são mais gramaticais. Um argumento a favor deste segundo ponto é o fato de que os verbos de aspecto gramatical selecionam diferentes tipos de predicados (17), enquanto as perífrases de aspecto lexical impõem mais restrições quanto ao tipo de complemento (18).

- (17) a. Pedro ia gritar/ler o livro/chegar/??amar a Maria.  
 b. Pedro está gritando/lendo o livro/chegando/amando a Maria.  
 c. Pedro acabou de gritar/#ler o livro/chegar/\*amar a Maria.
- (18) a. Pedro começou a gritar/ler o livro/\*chegar/amar a Maria.  
 b. Pedro parou de gritar/ler o livro/\*chegar/??amar a Maria.  
 c. Pedro terminou de #gritar/ler o livro/\*chegar/\*amar a Maria.

Os dados de (17) mostram que o predicado *amar a Maria* (estativo) é o único que recebe algum tipo de restrição com os verbos *ir* e *acabar*, enquanto o verbo *estar* ocorre com diferentes tipos de predicados (*gritar*, *ler o livro*, *chegar* e *amar a Maria*). Por outro lado, os dados em (18) mostram que há uma restrição mais rigorosa na seleção que *terminar* faz de seus complementos – acima, ele só selecionou o predicado de accomplishment (*ler o livro*) –, enquanto *começar* e *parar* são mais compatíveis com um predicado de atividade (*gritar*) ou um predicado de accomplishment (*ler o livro*), do que com um predicado de achievement (*chegar*) ou de estado (*amar a Maria*), por exemplo.<sup>18</sup>

Um ponto importante que merece nossa observação é o fato de alguns predicados de atividade como *cantar*, *desenhar*, *correr* etc. também poderem denotar eventos accomplishments.<sup>19</sup> Para que isso ocorra, basta haver uma situação em que essas atividades estejam delimitadas (*cantar uma música*; *desenhar uma árvore*; *correr uma maratona* etc.),

<sup>18</sup> A análise detalhada desses diferentes predicados se encontra no capítulo 2 e as questões relativas à seleção dos aspectualizadores, no capítulo 3.

<sup>19</sup> Durante uma comunicação no 10º. CHRONOS, fui informado que isso também ocorre em outras línguas, como o espanhol. Agradeço aos participantes por essa informação.

o que pode ser dado perfeitamente pelo contexto (cf. Filip 2008, por exemplo). Isso faz com que predicados de atividade possam aparecer com *terminar*, sem causar estranheza na leitura, como temos em (19).

(19) Pedro terminou de cantar/desenhar/correr.

Neste trabalho, porém, vamos marcar esse tipo de sentença com o símbolo ‘#’, como em *#Pedro terminou de cantar*, a fim de enfatizar que a leitura pretendida é a de atividade e não de accomplishment. Se esta última leitura for desejada, vamos assinalar a delimitação na sentença.

Voltando à questão dos predicados selecionados pelos verbos aspectuais (18), a pergunta aqui seria: como definir esses predicados? Quais propriedades eles teriam para serem selecionados (ou não) pelos verbos aspectuais da tabela 1? Responderemos essas questões no capítulo 3, quando mostraremos que esses predicados estão relacionados ao aspecto lexical. Analisaremos detalhadamente o aspecto lexical, bem como sua importância para a análise dos verbos aspectuais da tabela 1.

Por ora, o mais importante é justamente mostrar que os verbos relacionados ao aspecto gramatical são diferentes daqueles de aspecto lexical.

Diferentes autores (Freed 1979; Lamiroy 1987; Brinton 1988; Rochette 1993; 1999; Laca 2002; 2004; 2005; Wachowicz 2007; Bertucci *et al.* 2010, entre outros) argumentam que verbos aspectuais do tipo *começar*, *parar* e *terminar* estão relacionados à expressão do aspecto lexical e por isso impõem restrições quanto ao tipo de predicado com o qual se combinam, como vimos nos exemplos em (18), acima. Esse fato levou estudiosos a defender que verbos aspectuais como *começar*, *parar* e *terminar* são verbos lexicais (grosso modo, não são verbos auxiliares), porque só verbos desse tipo impõem restrições ao tipo de argumento que selecionam (enquanto os auxiliares, em geral, não fazem esse tipo de restrição). Verbos gramaticais (*estar*, *ir* e *acabar*<sub>2</sub>, por exemplo), por outro lado, raramente impõem esse tipo de restrição porque sua função é expressar uma categoria gramatical específica: no caso de *estar*, a categoria de aspecto progressivo, no caso de *ir*, a de aspecto prospectivo e, no caso de *acabar*<sub>2</sub>, a de aspecto retrospectivo.

Para facilitar a progressão do texto, e seguindo o que temos indicado no texto até aqui, vamos reservar o termo *verbos aspectuais* ou *aspectualizadores* apenas para os verbos da tabela 1, que expressam o aspecto lexical, enquanto verbos como *estar*, *ir* e *acabar*<sub>2</sub> serão chamados *verbos de aspecto gramatical*, já que contribuem para a expressão desse tipo de aspecto.

Seguindo as afirmações anteriores sobre as diferenças entre os aspectualizadores e os verbos de aspecto gramatical, vamos assumir que os primeiros ocupam posições sintáticas diferentes dos verbos de aspecto gramatical: os aspectualizadores são lexicais e, por isso, ocupam a posição de núcleo de um sintagma verbal (VP), enquanto *estar*, *ir* e *acabar*<sub>2</sub> são gramaticais e ocupam a posição de núcleo do sintagma aspectual (AspP).

Seguindo Cyrino e Matos (2007, p. 201), vamos assumir que, na estrutura sintática, o sintagma aspectual (AspP) seja “a categoria que codifica o aspecto gramatical”, enquanto o sintagma verbal (VP) seja “a categoria que codifica o aspecto lexical” (ver também Laca 2002; 2004; 2005; Oliveira *et al.* 2006).<sup>20</sup> Como estamos relacionando os verbos *estar*, *ir* e *acabar*, ao aspecto gramatical, assumiremos que eles ocupam a posição de núcleo de AspP (20). Por outro lado, como estamos relacionando *começar*, *continuar*, *deixar*, *parar*, *passar*, *acabar/terminar* e *voltar* ao aspecto lexical, assumiremos que eles ocupam a posição de núcleo de um VP (21), com uma observação: seu complemento será um outro VP (ver também Rochette 1993).

(20) [...<sub>TP</sub>[<sub>AspP</sub>[<sub>Asp</sub> *estar/ir* [<sub>VP</sub>...]]]]

(21) [...<sub>TP</sub>[<sub>AspP</sub>[<sub>VP</sub>[<sub>V</sub> *começar/parar* [<sub>VP</sub>...]]]]]]

As estruturas acima explicitam a ordem restrita entre as perífrases, que observamos anteriormente: como *estar* e *ir* estão em AspP, acima de VP, as perífrases gramaticais que eles formam podem preceder as perífrases de aspecto lexical, encabeçadas por verbos como *começar* e *parar*, que por sua vez não podem preceder as perífrases anteriores, por estarem no núcleo de VP, i.e., abaixo de AspP.

O fato de aspectualizadores como *começar*, *parar* e *terminar* serem núcleos de uma categoria lexical (VP) explica a possibilidade de haver restrições com relação ao argumento que selecionam (VP), o que já dissemos anteriormente. Sendo VP a categoria que codifica o aspecto lexical e esse aspecto parece estar diretamente envolvido nessas restrições de seleção, precisamos analisá-lo detalhadamente a fim de verificar de que forma as propriedades que o caracterizam explicam a seleção realizada pelos aspectualizadores. É exatamente isso o que faremos nos capítulos 2 e 3.

Nesta seção, assumimos que os verbos de aspecto gramatical ocupam a posição de AspP, enquanto os verbos aspectuais ocupam a posição VP na estrutura sintática. Dessa forma, como VP está numa posição abaixo de AspP, os verbos aspectuais podem ser antecededidos pelos verbos de aspecto gramatical, mas não sucedidos por eles. Vimos que os verbos aspectuais impõem mais restrições de seleção aos seus complementos do que os verbos de aspecto gramatical.

Uma questão interessante com relação aos verbos aspectuais diz respeito à possibilidade de serem seguidos de gerúndio ou complementados por DPs. Sendo núcleos de um VP, é previsível que eles possam selecionar DPs como argumentos, por exemplo, o

<sup>20</sup> Cyrino e Matos (2007, p. 201) afirmam que, na verdade, o sintagma de voz (vP) é a categoria que codifica o aspecto lexical. Oliveira *et al.* (2006) consideram que os traços de Aktionsart são dados por VP e herdados por vP. Assim, para os propósitos deste trabalho, assumir que seja o VP a categoria que codifica do aspecto lexical não traz nenhuma consequência que possa invalidar nossa análise. Optamos, portanto, por essa solução mais simples, com o VP.

que não é possível com os verbos de aspecto gramatical, que são núcleos de uma categoria funcional (AspP).

Os capítulos 2 e 3 são dedicados exclusivamente às questões relativas à complementação dos verbos aspectuais, mas a ênfase está nos complementos VPs. No entanto, é possível encontrarmos sentenças em que os complementos desses verbos é um DP ou mesmo um gerúndio. Por isso, falaremos um pouco sobre o DP complemento dos aspectuais na próxima seção. Na seção 1.5, veremos que os verbos aspectuais podem ser seguidos de gerúndio, mas veremos que não é sobre o gerúndio que tais verbos operam, mas sim sobre um DP ou um VP implícito na sentença. Embora nossa análise pretenda investigar primeiramente a semântica dos verbos aspectuais nos casos em que são complementados por VPs, nossa intenção é a de que essa análise também aponte uma solução para os casos com DP ou gerúndio.

#### 1.4. VERBOS ASPECTUAIS E COMPLEMENTOS DPS

Nesta seção, vamos tratar da possibilidade dos verbos aspectuais aparecerem com complementos DPs, e não só VPs, como vimos até aqui (cf. Freed 1979; Rochette 1993; 1999, entre outros). Para isso, vamos considerá-los verbos lexicais (ao contrário dos auxiliares que são gramaticais), fato que reforça a análise de que eles são núcleos de um sintagma verbal e são diferentes dos verbos de aspecto gramatical.

Nossa intenção, no entanto, não é estudar a composição dos DPs de forma detalhada, aos moldes do que faremos com os VPs (ver próximos capítulos), mas apenas mostrar que i) verbos aspectuais podem aparecer com complementos DPs (o que reforçaria seu caráter lexical) e ii) sua contribuição semântica parece ser a mesma, independentemente do tipo de complemento.

Sobre o caráter lexical dos verbos aqui estudados, Wachowicz (2007) considera que os verbos aspectuais são lexicais, ao contrário dos verbos gramaticais (ou auxiliares). Para a autora, uma característica desse fato é que, verbos gramaticais “perdem” seu sentido original e ganham um outro sentido no decorrer do tempo, ou seja, estão sujeitos ao processo de gramaticalização. Por outro lado, os verbos aspectuais “conservam” seu caráter lexical ao longo do tempo e não estão sujeitos ao processo de gramaticalização. Vejamos alguns exemplos desse fato em (22) e (23).

- (22) a. João *está* no carro.  
 b. João *está* correndo.  
 c. João *ia* no baile (quando era jovem).  
 d. João *ia correr* (quando Maria chegou).

- (23) a. O povo começou a dançar.

- b. *Começou* a dança.
- c. Parou de chover.
- d. *Parou* a chuva.

Em (22a), vamos considerar que o verbo *estar* esteja sendo usado como verbo pleno, ou seja, não é um verbo gramatical (auxiliar); nesse caso, ele expressa o local em que João se encontra. Seu sentido não é preservado na sentença em (22b), em que ele é utilizado como auxiliar e forma, com o gerúndio, uma perífrase que expressa o aspecto progressivo (*está correndo*). Podemos fazer considerações semelhantes sobre *ir*: em (22c), ele está sendo usado em seu sentido pleno, expressando que o baile era um evento em que João costumava ir quando jovem. Por outro lado, em (22d) esse sentido não é preservado, porque ele está formando uma perífrase com o verbo no infinitivo, de modo a expressar o aspecto prospectivo (*ia correr*).

Os casos em (23) são diferentes: independentemente dos aspectualizadores *começar* e *parar* serem complementados por um VP (23a;23c) ou um DP (23b;23d), eles mantêm seu significado, expressando o início (*começar*) e a interrupção (*parar*) do evento em questão. Esse fato mostra que os verbos aspectuais são mesmo verbos lexicais e devem, portanto, ser considerados como núcleos de um VP. Mas o que dizer dos DPs *a dança* e *a chuva* em (23b;23d), que são complementos dos aspectuais?

Vamos simplesmente assumir que há sintagmas nominais que denotam eventos e que sua contribuição para o significado da sentença é a mesma de um predicado verbal correspondente (*a chuva/chover; a dança/dançar; a chegada/chegar* etc.), especialmente quando estão em sentenças com verbos aspectuais.

Isso tudo traz um argumento favorável à diferença entre verbos aspectuais e verbos de aspecto gramatical: sendo **lexicais**, os primeiros podem selecionar eventos nominalizados como vemos nos casos em (23), acima, e (24), a seguir, mantendo seu significado; por outro lado, por serem **gramaticais**, os verbos de aspecto gramatical sequer selecionam DPs, como se vê com *estar* (25a) e *ir* (25b).

- (24) a. *Começou/parou/terminou a dança.*
- b. *Começou/parou/terminou o tiroteio.*
  
- (25) a. \**Está a dança/o tiroteio.*
- b. \**Ia a dança/o tiroteio.*

Esses fatos explicitam o caráter lexical dos verbos aspectuais, diferentemente dos verbos de aspecto gramatical.<sup>21</sup> Nos capítulos seguintes, veremos que os DPs selecionados pelos verbos aspectuais precisam seguir as restrições de seleção que esses verbos

<sup>21</sup> Relembramos que neste trabalho estamos considerando que o caráter lexical reside basicamente no fato dos verbos aspectuais aparecerem ao lado de complementos DPs, mantendo o significado que possuem ao lado de complementos VPs.

impõem a seus complementos. Vamos encerrar o presente capítulo falando de casos em que verbos aspectuais podem ser seguidos de gerúndio. Embora isso não seja o foco de nosso trabalho, acreditamos que, tanto os casos com DPs, como os casos com gerúndio estão sujeitos às mesmas restrições de seleção e ao mesmo significado do verbo aspectual que os seleciona.

### 1.5. COMEÇAR E ACABAR/TERMINAR SEGUIDOS DE GERÚNDIO

Nesta seção, vamos apresentar casos em que *começar* e *acabar/terminar* são seguidos de gerúndio. Traremos algumas considerações de Boff (2003) e Rodero (2010) sobre o assunto, argumentando que a semântica desses verbos parece inalterada com relação aos casos com VPs ou DPs, vistos até aqui.

Alguns verbos aspectuais como *começar*, *acabar/terminar* podem aparecer seguidos pela preposição *por* ou por gerúndio, como vemos nos exemplos (26), a seguir (cf. Boff 2003; Rodero 2010).

- (26)
- a. Pedro começou *por* lixar as paredes.
  - b. Pedro começou *lixando* as paredes.
  - c. O bandido acabou/terminou *por* se render.
  - d. O bandido acabou/terminou *se rendendo*.

Tratando especificamente do verbo *começar*, Boff (2003, p. 3) explica que as construções com *por* e com gerúndio são sinônimas e a diferença é que as primeiras (com *por*), são mais comuns em português europeu, enquanto as construções com gerúndio são mais comuns em PB. Vamos assumir que isso também seja válido para as construções com *acabar* e *terminar*, de modo que nosso interesse se voltará para os casos em que os aspectualizadores são seguidos de gerúndio.

Seguindo algumas observações já feitas em Dascal (1982), Boff (2003) argumenta em seu trabalho que, nas sentenças com *começar*+gerúndio, como em (26b), *começar* expressa o início de uma sequência de atividades e esse início é dado pelo evento denotado pelo predicado que está no gerúndio. Portanto, no caso de (26b), *lixar as paredes* é o evento inicial de uma série de outros eventos dos quais Pedro é o agente.

Isso leva a autora a assumir que i) o gerúndio não seja complemento de *começar*, mas um adjunto, diferentemente do que existe na construção *começar* *a*+infinitivo (em que o infinitivo é complemento), e que ii) haja um argumento implícito para esse verbo na sentença, dado ou por um VP, ou por um DP, (NP, nas palavras de Boff), como demonstrado em (27), a seguir (cf. Boff 2003, p. 70-72).

- (27) a. Pedro começou a [<sub>VP</sub> *reformatar a casa*] lixando as paredes.  
 b. Pedro começou [<sub>DP</sub> *a reforma*] lixando as paredes.

O que poderíamos antecipar é que os complementos DPs de *começar*, como *a reforma* em (27b) seguem as mesmas restrições dos complementos VPs: eles precisam denotar uma eventualidade que seja faseável, i.e., uma eventualidade da qual se possam focalizar fases diferentes, como o início, o meio e o fim (cf. Boff 2003). Trataremos das restrições dos complementos dos verbos aspectuais a partir do próximo capítulo.

Os casos com *acabar/terminar* são um pouco mais complicados (cf. Rodero 2010). Sentenças como (26d), repetidas a seguir como (28a), não têm um complemento VP ou DP implícitos, como se tenta mostrar em (28b-c), e como ocorre com *começar* em (27). Casos como (28a) dizem, na verdade, que a rendição do bandido foi o evento final de uma série de eventos relacionados a uma determinada situação; e o evento que finalizou essa situação é justamente o que é descrito na sentença (a rendição, no caso), como se demonstra em (28d).

- (28) a. O bandido acabou/terminou *se rendendo*.  
 b. ??O bandido acabou/terminou [<sub>VP</sub> *de negociar*] se rendendo.  
 c. ??O bandido acabou/terminou [<sub>DP</sub> *a negociação*] se rendendo.  
 d. *A situação/o sequestro/a negociação* acabou/terminou com o bandido se rendendo.

De todo modo, se os casos com gerúndio são sintaticamente diferentes para *começar* e *acabar/terminar* (basta observar que *começar* exige um complemento não explícito na sentença (27), o que não ocorre com *acabar/terminar*), o papel dos verbos aspectuais em casos com infinitivo e gerúndio continua o mesmo: enquanto *começar* expressa o **início**, *acabar/terminar* expressam sempre o **término** de uma situação.

Assim, o que há em comum nos casos entre *começar* e *acabar/terminar* é que o evento descrito pelo gerúndio se coloca, respectivamente, como a parte inicial ou final de uma situação, de modo que a contribuição semântica desses verbos seja basicamente a mesma nos casos com infinitivo e com gerúndio.

Neste trabalho, trataremos especialmente dos complementos VP dos verbos aspectuais, de modo que não aplicaremos nossa proposta com relação à semântica desses verbos, para os casos em que o complemento de *acabar/terminar* seja um DP e/ou um gerúndio (mesmo sabendo que tal proposta possa explicar tais casos). Deixaremos essa análise para trabalhos futuros, em que outros aspectualizadores e outros complementos possam ser levados em conta.

## 1.6. CONCLUSÕES DO CAPÍTULO

Neste capítulo, estabelecemos a definição para os verbos aspectuais com os quais trabalharemos (*começar, continuar, deixar, parar, passar, acabar/terminar e voltar*): são modificadores que tomam um predicado como seu input e retornam outro predicado como seu output; o predicado denotado por VP com um verbo aspectual i) denota uma parte da eventualidade denotada pelo predicado que ele seleciona, ou ii) um estado relativo à tal eventualidade e iii) possui um tipo de aspecto lexical, quase sempre diferente daquele do predicado input.

Seguindo Laca (2002; 2004; 2005), mostramos que há verbos também chamados de aspectualizadores (*estar, ir e acabar*, por exemplo) que são diferentes dos primeiros, pois expressam o aspecto gramatical e não o aspecto lexical, como é o caso dos verbos analisados aqui. Assumimos uma estrutura sintática para os verbos aspectuais, em que eles são núcleos de um VP, e uma estrutura para os verbos de aspecto gramatical, em que eles são núcleos do sintagma AspP. Mostramos argumentos para tal diferença, entre eles, a restrição de ordem entre esses verbos e o caráter lexical dos verbos aspectuais, em detrimento do caráter gramatical dos verbos de aspecto gramatical.

No próximo capítulo, trataremos da composição aspectual de um predicado, já olhando exclusivamente para o aspecto lexical que ele denota. A intenção é mostrar que as características aspectuais de um predicado é dada composicionalmente e que, principalmente, a interação entre verbo e objeto direto são essenciais para a configuração do tipo de aspecto lexical que o predicado denota.

No terceiro capítulo, trataremos das características do aspecto lexical (ou *Aktion-sart*) de modo a analisar detalhadamente os complementos dos verbos aspectuais. Como veremos, a ideia de que os complementos desses verbos precisam ter fases (Dascal 1982; Rochette 1988; 1993; 1999; Boff 2003, entre outros) vale para verbos como *começar* e *parar*, mas não explica os casos com *continuar, passar e deixar*. Por isso, dedicaremos todo o capítulo 3 para tratar dos detalhes desses complementos.

## CAPÍTULO 2

# ASPECTO LEXICAL: AS PROPRIEDADES DOS PREDICADOS

No primeiro capítulo, argumentamos que os verbos aspectuais – mais precisamente *começar, continuar, deixar, parar, passar, acabar/terminar e voltar* – são lexicais, ao contrário dos verbos de aspecto gramatical e, por isso, são núcleos de uma projeção VP na estrutura sintática. Dissemos também que esses verbos selecionam um VP como complemento (vamos desconsiderar, por enquanto, os casos com um DP argumento) e que eles impõem restrições a esse complemento. Tais restrições são fruto da relação que os aspectualizadores têm com o aspecto lexical (Aktionsart), que é expresso pelo sintagma VP na estrutura sintática.

Dessa forma, como os verbos aspectuais selecionam seus argumentos conforme as características do aspecto lexical que compõem tais complementos, este segundo capítulo se dedica a compreender a formação das classes de aspecto lexical, conhecidas desde Vendler (1957/1967) como *estados, atividades, accomplishments e achievements*.

Na seção 2.1, apresentamos as noções básicas envolvidas na composição dessas classes e trazemos alguns testes propostos por Dowty (1979) para a identificação (e separação) delas, com o propósito de compreender as características de cada uma das quatro classes vendlerianas.

Em seguida, na seção 2.2, apresentamos a análise dessas classes feita por Rothstein (2004), em que a autora propõe dois traços na composição dessas classes:  $[\pm\text{télico}]$  e  $[\pm\text{estágios}]$ . Essas noções de telicidade e estágios serão fundamentais para se entender tanto a seleção feita pelos aspectualizadores, quanto a sua semântica. Assim, a apresentação da proposta de Rothstein é feita neste capítulo com os detalhes que julgamos mais pertinentes para a nossa pesquisa.

Na seção 2.3, recuperamos parte da análise feita em Bertucci, Lunguinho e Paraguassu (2010) para mostrar como a estrutura aspectual de um predicado pode ser alterada na medida em que seja possível se alterar um elemento do VP, como o objeto direto, por exemplo. Isso é importante porque, como se verá no terceiro capítulo, tal alteração pode (ou não) permitir que a operação de um verbo aspectual ocorra, conforme os traços que estiverem presentes no VP argumento do aspectualizador.

Na seção 2.4, nos debruçamos sobre a composição de predicados incrementais, um ponto essencial para analisarmos a seleção de predicados realizadas por *acabar/terminar* na língua, como se verá no terceiro capítulo.

Finalmente, em 2.5, tratamos dos casos com os predicados estativos. Essa classe não apresenta uma homogeneidade de comportamento, de modo que utilizaremos a proposta de Cunha (2005) para explicar as propriedades dos estativos. No capítulo 3, mostraremos que as propriedades dos estativos podem ser decisivas para a seleção de predicados de estado por parte dos aspectualizadores.

## 2.1. ASPECTO LEXICAL OU AKTIONSART

Na literatura sobre os verbos aspectuais, é possível verificar que esses verbos impõem restrições de ocorrência com determinados predicados em diversas línguas (cf. Newmeyer 1975; Lamiroy 1987; Brinton 1988; Rochette 1993;1999; Da Cruz 1995; Oliveria *et al.* 2001, Fukuda 2006 entre outros). Nosso trabalho pretende mostrar (mais especificamente no capítulo 3) que essas restrições dependem das propriedades que formam os predicados selecionados pelos verbos aspectuais, e essas propriedades formam o que se conhece por *aspecto lexical* ou *Aktionsart*. Esta seção pretende oferecer uma visão um pouco mais detalhada desse tipo de aspecto.

No capítulo 1, mostramos que os aspectualizadores impõem restrições ao tipo de complemento, tal como vemos em (1-3), e dissemos que isso estaria relacionado ao aspecto lexical do predicado selecionado.

- (1)
- a. Pedro começou a *cantar*.
  - b. Pedro começou a *ler o livro*.
  - c. \*Pedro começou a *chegar*.
  - d. Pedro começou a *amar a Maria*.
- (2)
- a. Pedro parou de *cantar*.
  - b. Pedro parou de *ler o livro*.
  - c. \*Pedro parou de *chegar*.
  - d. ??Pedro parou de *amar a Maria*.
- (3)
- a. #Pedro terminou de *cantar*.
  - b. Pedro terminou *ler o livro*.
  - c. \*Pedro terminou de *chegar*.
  - d. \*Pedro terminou de *amar a Maria*.

A divisão feita em (1-3), em quatro predicados, vem da tradição dos estudos sobre aspecto lexical, que costuma dividir as eventualidades denotadas por esses predicados em quatro classes distintas: *atividades* (denotada por *cantar*, acima), *accomplishments* (denotado por *ler o livro*, acima), *achievements* (denotado por *chegar*, acima) e *estados* (denotado por *amar a Maria*, acima).

Vendler (1957/1967) propôs essa divisão basicamente a partir de duas características presentes na estrutura temporal (aspectual) interna dos predicados, aos quais ele chama de verbos: primeiro, a existência (ou ausência) de “fases sucessivas ao longo do tempo” (Vendler 1957, p. 144) e a outra a existência ou não de um “ponto final” (Vendler 1957, p. 145). Os eventos que têm seu ponto final denotado pelo predicado são comumente chamados *télicos* e aqueles cujo ponto final não é denotado pelo predicado, de *atélicos*.

Vendler (1957/1967) não se propõe a responder quais propriedades os predicados teriam a fim de formar as quatro classes verbais sugeridas por ele. Por isso, vamos assumir na seção 2.2 a análise de Rothstein (2004) sobre o tema, a fim de discutirmos as propriedades dos predicados e as ligarmos às restrições de seleção dos verbos aspectuais. Por ora, vamos tratar das classes de verbos vendlerianas a partir das considerações do autor e de outros trabalhos sobre o tema.

Se chamarmos de *propriedades* as características sugeridas por Vendler (1957/1967), i.e., *ter fases sucessivas* e *ter um ponto final intrínseco*, poderemos dizer que as quatro classes seriam resultado da combinação destas propriedades: [±fases] e [±télico]:

(4) Classes aspectuais – interpretando Vendler (1957/1967)<sup>1</sup>

	[±fases]	[±télico]
Estados	–	–
Achievements	–	+
Atividades	+	–
Accomplishments	+	+

Sobre a primeira classe, a dos estados, Vendler diz que eles não têm fases sucessivas [-fases] e são atélicos [-télico]. Predicados com essas propriedades descrevem eventualidades que não se desenvolvem no tempo (não têm fases, são estáticas), simplesmente são características ou estados atribuídos às entidades; além disso, não mostram qualquer mudança de estado da entidade envolvida. Entre os exemplos de VPs que denotam estados encontram-se: *ser alto*, *ser brasileiro*, *amar* etc.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Essa divisão em propriedades não existe em Vendler (1957/1967). Acreditamos, porém, que apresentá-la dessa forma facilita a comparação entre as classes.

<sup>2</sup> Vendler (1957/1967) não atribui as classes a VPs, mas a verbos, simplesmente. Nos exemplos de Vendler, no entanto, vamos assinalar as classes a VPs específicos, já considerando que os predicados VPs denotem eventualidades que sejam atividades, estados, achievements ou accomplishments.

A segunda classe é a dos achievements, a qual Vendler diz não ter fases [-fases], mas ter ponto final [+télico]. Seus predicados descrevem eventualidades que não se desenrolam no tempo e mostram uma mudança de estado praticamente instantânea da entidade envolvida, que pode ser o sujeito ou objeto/tema. Rappaport Hovav (2008) diz que os achievements têm dois pontos: um antes e outro depois da mudança de estado, enquanto Filip (2008, p. 227) afirma que os achievements são vistos como eventos em que “o início e o fim recaem sobre um único momento”. Por isso são considerados instantâneos. Alguns exemplos de VPs que denotam achievements: *chegar, morrer, achar a chave* etc.

A terceira classe é a das atividades: têm fases [+fases], mas são atélicas [-télico], segundo Vendler. Os predicados com essas propriedades denotam eventualidades que se desenrolam no tempo, mas não mostram qualquer mudança de estado dos argumentos interno ou externo do predicado. Alguns exemplos de predicados que denotam atividades: *cantar, correr, dançar* etc.

A quarta classe é a dos accomplishments, que têm fases [+fases] e ponto final [+télico]. Seus predicados descrevem eventualidades que se desenrolam em um processo que dura até o ponto final, que desencadeará uma mudança de estado da entidade envolvida, geralmente o objeto/tema. Partindo de uma noção escalar, Rappaport Hovav (2008) diz os accomplishments são compostos de vários pontos na escala até o ponto final, que é a mudança de estado, por isso é uma eventualidade complexa. Exemplos de VPs que denotam accomplishments: *desenhar três círculos, comer a maçã, escrever a tese* etc.

Embora Vendler (1957/1967) diga que essas classes sejam próprias dos verbos, o próprio autor parece considerar outros elementos na composição delas, como o objeto direto em casos com achievements e accomplishments (cf. Rappaport Hovav 2008). Neste trabalho, vamos assumir que essas classes sejam próprias dos VPs, porque isso i) é suficiente para nossa análise sobre os verbos aspectuais e ii) evita que entremos numa discussão demasiadamente lexical sobre as classes de Vendler. Além disso, assim como afirma Rappaport Hovav (2008, p. 15), “as propriedades dos predicados que correspondem a unidades maiores [que o verbo] são derivadas composicionalmente das propriedades do núcleo e dos outros elementos no VP”. Por isso, vamos olhar para as propriedades dos VPs que são selecionados pelos aspectualizadores.

Ao longo dos anos, uma série de testes foram propostos a fim de se classificar os predicados de acordo com as classes vendlerianas. Dowty (1979) propôs alguns testes utilizando sentenças do inglês e que vamos aplicar aqui em sentenças do PB. Como se verá (já no primeiro, com o progressivo), alguns testes podem não ser totalmente compatíveis com os dados do PB, o que será comentado oportunamente. Mais adiante, na seção 2.2.2, assumimos alguns testes que nos dão mais precisão para os casos do PB, especialmente para tratar das propriedades relevantes para o desenvolvimento do nosso trabalho a partir da análise de Rothstein (2004), que será apresentada a partir da seção 2.2.

O primeiro teste serve para separar eventualidades com fases de sem fases: só atividades (5a) e accomplishments (5b) devem aparecer no progressivo; achievements (5c) e estados (5d), não devem aparecer com esse aspecto.<sup>3</sup>

- (5)
- a. João está correndo.
  - b. João está escrevendo a tese.
  - c. \*João está achando as chaves.
  - d. \*João está sendo alto.

As sentenças que descrevem eventualidades atélicas, a saber, atividades (6a) e estados (6b), têm sua duração marcadas por sintagmas temporais como *durante x tempo*, enquanto as sentenças que descrevem eventualidades télicas, a saber, accomplishments (6c) e achievements (6d), têm sua duração dadas por sintagmas como *em x tempo*.<sup>4</sup>

- (6)
- a. João correu durante duas horas/#em duas horas.
  - b. João amou Maria durante muitos anos/\*em muitos anos.
  - c. João escreveu a tese em dois meses/#durante dois meses.
  - d. João chegou em dois minutos./\*durante dois minutos.

Os dados em (6) mostram que as sentenças que descrevem atividades (6a) e estados (6b) não são bem formadas com sintagmas temporais do tipo *em x tempo*. Isso só é possível para atividades se houver um percurso delimitado no contexto o que fará com que o predicado deixe de ser apenas *correr* e passe a ser *correr um percurso X* (ver Filip 2008 e capítulo 1, seção 1.3 do presente trabalho). Essa mudança faz com que o predicado desencadeie um evento similar a um accomplishment e, por isso, o sintagma com *em x tempo* é possível: *João correu (10 km) em duas horas*.

Já as sentenças que descrevem eventualidades télicas não são bem formadas com sintagmas do tipo *durante x tempo*, a não ser (no caso dos accomplishments) que o ponto final da eventualidade seja deixado de lado. Nesse caso, as sentenças passam a descrever atividades e não accomplishments. Dessa forma, uma sentença como *João escreveu a tese durante dois meses*, não acarreta que João terminou a tese, ao contrário de (6c), com o sintagma *em x tempo*, em que tal acarretamento é possível.

Dowty (1979, p. 59) propõe também que a estrutura *x φ-ou em y tempo* (*x φ-ed in y time*, em inglês) acarreta que *x estava φ-ndo durante y tempo* (*x was φ-ing during y time*, em inglês) se φ for um verbo que denota uma eventualidade accomplishment (7a-b),

<sup>3</sup> Em PB, o progressivo aparece com alguns achievements (*João está chegando*) e até com alguns estativos (*O João está amando a Maria*). Na seção 2.2.2, vamos reformular esse teste, a fim de dar conta dos casos com *achievements* no progressivo. Na seção 2.5, vamos assumir que predicados estativos do tipo *João amar a Maria* se comportam de maneira similar aos predicados de atividade, por isso aparecem no progressivo. Cunha (2005) chama esse tipo de predicado de *estativo faseável*.

<sup>4</sup> Em inglês, os testes são propostos com os sintagmas *in x time* e *for x time*. Dowty (1979, p. 58) diz que nas sentenças com eventualidades achievements, o sintagma *in x time* é mais aceitável do que o sintagma *for x time*.

mas o mesmo não ocorre se  $\varphi$  for um verbo que denota uma eventualidade achievement (8a-b).<sup>5</sup>

- (7) a. João escreveu a tese em dois meses.  
 b. João estava escrevendo a tese durante dois meses.
- (8) a. João chegou em dois minutos.  
 b. \*João estava chegando durante dois minutos.

De fato, com sentenças que descrevem accomplishments a estrutura proposta por Dowty acarreta uma sentença descrita no progressivo, ou seja, se for verdade que João escreveu a tese em dois meses (7a), é também verdade que João estava escrevendo a tese durante dois meses (7b). Por outro lado, com sentenças que descrevem achievements isso não ocorre, ou seja, mesmo que seja verdade que João chegou em dois minutos (8a), não deve ser verdade que João estava chegando durante dois minutos (8b).

Essa diferença apontada acima indica que, em sentenças que descrevem accomplishments, os sintagmas *em x tempo* expressam a duração do desenvolvimento da atividade até o ponto final, em que ocorre a mudança completa de estado. Accomplishments designam uma mudança de estado gradual e, por isso, a sentença em (7a) indica que dois meses foi a duração que levou a escrita da tese, do início, ao fim: à medida que o tempo ia passando, a tese ia ficando pronta. No caso das sentenças que descrevem eventualidades achievements, essa leitura é um pouco diferente, porque achievements não designam um processo, nem uma mudança de estado gradual. Assim, em (8a), o sintagma *em dois minutos* não indica uma mudança de estado gradual de João, mas sim que, entre um determinado momento (o momento que ele disse estar saindo de um lugar y, por exemplo), até a sua chegada definitiva, o tempo gasto foi de dois minutos.

Assim, se diz que, nas sentenças que descrevem eventualidades accomplishments, os sintagmas *em x tempo* mostram a duração do processo até a mudança completa de estado, enquanto nos casos em que as sentenças descrevem eventualidades achievements, esses sintagmas descrevem a duração de um momento x (dado contextualmente), que antecede a mudança de estado, até o ponto final, i.e., o momento em que ocorre a mudança de estado.

Há dois testes que envolvem a noção de acarretamento que separam atividades de accomplishments, duas classes de eventualidades com fases e, por isso mesmo, não são aplicáveis nem a achievements, nem a estados. O primeiro é com os sintagmas *durante x tempo* e o segundo, com o progressivo. Dowty (1979, p. 57) explica o primeiro teste da seguinte maneira:  $\varphi$  é um verbo que denota uma atividade, se da estrutura *x  $\varphi$ -ou durante x tempo* (*x  $\varphi$ -ed for x time*, em inglês), se puder acarretar que *x  $\varphi$ -ou*. Se  $\varphi$  for um

<sup>5</sup> Ao menos em PB, a melhor tradução para *x was  $\varphi$ -ndo for y time* parece ser *x esteve  $\varphi$ -ndo durante y tempo*, com o auxiliar no pretérito perfeito, ao invés de *estava*, no pretérito imperfeito. No entanto, por razões de paralelismo com outros testes e pelo fato de o inglês não possuir essas duas formas diferentes para o auxiliar, vamos manter o auxiliar no pretérito imperfeito (*estava*).

verbo que denota um accomplishment, dessa estrutura não se pode acarretar que  $x \varphi$ -ou. Para o segundo teste, basta a mudança da primeira estrutura para o progressivo:  $\varphi$  é um verbo que denota uma atividade se da estrutura  $x \text{ está } \varphi$ -ndo ( $x \text{ is } \varphi$ -ing, em inglês), se puder acarretar que  $x \varphi$ -ou. Se  $\varphi$  for um verbo que denota um accomplishment, dessa estrutura não se pode acarretar que  $x \varphi$ -ou.<sup>6</sup> Vejamos os exemplos.

- (9) a. João correu durante dois minutos.  
 b. João estava correndo.  
 c. João correu.
- (10) a. João escreveu a tese durante dois minutos.  
 b. João estava escrevendo a tese.  
 c. João escreveu a tese.

Como *correr* denota uma atividade, as sentenças em (9a-b) acarretam (9c); por outro lado, como *escrever a tese* denota uma eventualidade accomplishment, as sentenças em (10a-b) não acarretam (10c). Essa diferença quanto ao acarretamento é conhecida na literatura como *Paradoxo do Imperfectivo*.

O verbo *parar* (*to stop*, em inglês) pode ser usado também para separar as atividades dos accomplishments, via a noção de acarretamento. Segundo Dowty (1979), interromper uma atividade, como a descrita em (11a), significa (acarreta) que ela já foi realizada (11b), mesmo que minimamente. Já interromper um accomplishment, como o descrito em (12a), significa que a mudança de estado ainda não ocorreu (12b).

- (11) a. João parou de correr.  
 b. João correu.
- (12) a. João parou de escrever a tese.  
 b. João escreveu a tese.

Exatamente como nos casos em (9-10), com o sintagma *durante x tempo* e o progressivo, o teste com *parar* mostra que uma atividade pode ser interrompida (11a) e sua realização é acarretada da mesma forma (11b). Por outro lado, esse acarretamento não se verifica com os accomplishments (12a-b), porque essas eventualidades têm um ponto final intrínseco.

E por ter um ponto final intrínseco, Dowty (1979) diz que apenas accomplishments (13a) podem co-ocorrer em sentenças com o verbo *terminar* (*finish*, em inglês).

<sup>6</sup> Como se disse no começo do parágrafo, esses testes servem para separar atividades de accomplishments, já que ambas são eventualidades com fases (mas são diferentes entre si). Aplicados a alguns predicados de estado (*morar em Paris*, *amar*, *ser gentil*, entre outros) o resultado seria semelhante ao que se tem com predicados de atividade. De fato, alguns predicados de estado podem ser considerados faseáveis (cf. Cunha 2005) e têm um comportamento idêntico àquele que se verifica com as atividades. Veremos as diferenças entre os predicados de estado na seção 2.5, deste capítulo.

- (13)
- |    |                                   |                       |
|----|-----------------------------------|-----------------------|
| a. | João terminou de escrever a tese. | <i>accomplishment</i> |
| b. | #João terminou de correr.         | <i>atividade</i>      |
| c. | *João terminou de chegar.         | <i>achievement</i>    |
| d. | *João terminou de ser alto.       | <i>estado</i>         |

No capítulo 3, vamos mostrar quão importante é esse teste: com os verbos *acabar/terminar*, apenas predicados que descrevem eventualidades ditas *incrementais*<sup>7</sup> podem ser selecionados como argumento desse verbo aspectual.

Vamos utilizar o teste com *terminar* também para mostrar que nem todos os predicados que descrevem eventualidades chamadas de accomplishment (como, *correr até a esquina; caminhar um quilômetro*, entre outros) podem ser selecionados por *terminar*, porque não são incrementais.

Gostaríamos de apresentar um último teste, que não está presente em Dowty (1979), mas em Rothstein (2004, p. 25). Expressões pontuais de tempo como *às x tempo* são compatíveis com achievements, porque essas eventualidades são inerentemente pontuais (14a). Nesse caso, essa expressão informa o momento exato da mudança de estado. Ao lado de atividades, essa expressão sugere o início da eventualidade (14b). Já com relação aos estados, não podemos aplicar essa expressão livremente: alguns estados aceitam modificadores desse tipo (14c), outros não (14d). Quando o modificador é aceito, a leitura é equivalente ao que temos com achievements, i.e., uma mudança de estado. Por fim, accomplishments não são compatíveis com esse tipo de modificação (14e), mas as sentenças não soam completamente agramaticais (por isso o sinal #).

- (14)
- |    |   |
|----|---|
| a. | O Pedro chegou <i>às 10h</i> .  |
| b. | #O Pedro correu <i>às 10h</i> .                                       |
| c. | O Pedro acreditou em milagres <i>naquele exato instante??às 10h</i> . |
| d. | *O Pedro foi alto <i>às 10h/ naquele exato instante</i> .             |
| e. | #O Pedro escreveu o livro <i>às 10h/naquele exato instante</i> .      |

Apresentamos a seguir as classes vendlerianas e alguns dos testes propostos por Dowty (1979, p. 60) para diferenciá-las. Os duplos sinais de interrogação na tabela “??” significam que esses testes podem ser aplicados à alguns predicados dessas classes, mas não necessariamente a todos. Lembramos que o teste com o modificador *às x tempo* foi retirado de Rothstein (2004) e não de Dowty (1979). A tabela a seguir segue basicamente as considerações feitas por Dowty (1979) para os casos em inglês e, como dissemos, pode não se aplicar do mesmo modo ao PB.

<sup>7</sup> Neste trabalho, consideramos que as eventualidades incrementais são um subtipo de accomplishments: são eventualidades com estágios e ponto final, mas em que o argumento interno sofre uma mudança de estado gradual até atingir uma culminação. Mais detalhes podem ser encontrados na seção 2.4.

Teste	Atividade	Accomplishment	Achievement	Estado
Aparece no progressivo	SIM	SIM	NÃO	NÃO
Compatível com <i>em x tempo</i>	NÃO	SIM	SIM	NÃO
Compatível com <i>durante x tempo</i>	SIM	NÃO	NÃO	SIM
<i>x <math>\phi</math>-ou em x tempo</i> acarreta <i>x estava <math>\phi</math>-ndo durante x tempo</i>	não se aplica	SIM	NÃO	não se aplica
<i>x <math>\phi</math>-ou durante x tempo</i> acarreta <i>x <math>\phi</math>-ou</i>	SIM	NÃO	não se aplica	??
<i>x está <math>\phi</math>-ndo</i> acarreta <i>x <math>\phi</math>-ou</i>	SIM	NÃO	NÃO	??
<i>x parou de <math>\phi</math></i> acarreta <i>x <math>\phi</math>-ou</i>	SIM	NÃO	não se aplica	não se aplica
Compatível com <i>terminar</i>	NÃO	SIM	NÃO	NÃO
Compatível com <i>às x tempo</i>	não se aplica	não se aplica	SIM	??

Tabela 2 - Testes para a diferenciação das classes aspectuais

Nesta seção, apresentamos as características do aspecto lexical, entendido basicamente como a combinação das propriedades que formam as quatro classes de Vendler (1957/1967). Apresentamos ainda alguns testes propostos por Dowty (1979) que caracterizam e diferenciam as classes vendlerianas.

Na próxima seção, trataremos a análise de Rothstein (2004) sobre essas classes. Como veremos, a autora assume que as classes de Vendler são organizadas de acordo com as propriedades  $[\pm\text{estágios}]$  e  $[\pm\text{télico}]$ . Seguindo o que já dissemos ao longo deste trabalho, discutir a composição do aspecto lexical será fundamental para entendermos as propriedades que constituem os predicados que podem (ou não) ser selecionados pelos verbos aspectuais. Nas seções seguintes, mostraremos os testes que serão relevantes no percurso desta pesquisa.

## 2.2. ANÁLISE DAS CLASSES DE VENDLER: AS PROPRIEDADES $[\pm\text{ESTÁGIOS}]$ E $[\pm\text{TÉLICO}]$

Nesta seção, vamos apresentar a análise de Rothstein (2004) sobre as classes aspectuais sugeridas por Vendler. Veremos que a autora trabalha com duas propriedades presentes nos predicados e que são fundamentais para a formação dessas classes:  $[\pm\text{estágios}]$  e  $[\pm\text{télico}]$ . Essas propriedades são importantes em nosso trabalho (sobretudo a primeira) porque as ligaremos à seleção realizada pelos verbos aspectuais, no terceiro capítulo.

Como dissemos anteriormente, mesmo tendo proposto quatro classes diferentes de verbos, não era foco do trabalho de Vendler uma análise mais minuciosa das propriedades dos predicados que denotavam eventos com essa ou aquela característica. Mas o trabalho de Vendler (1957/1967) foi (e ainda é) um marco na literatura sobre aspecto lexical, porque ele indica que os eventos, como expressos pela língua, têm uma constituição temporal interna específica, que os difere uns dos outros.

Entre os trabalhos que pretendem discutir a constituição das classes vendlerianas, assumimos o de Rothstein (2004), porque acreditamos ser aquele que melhor responde as questões suscitadas na nossa análise sobre os tipos de predicados selecionados pelos verbos aspectuais. Assim, esta seção apresenta a proposta de Rothstein (2004) para a composição das classes de Vendler, em que a autora assume duas propriedades: [ $\pm$ estágios] e [ $\pm$ télico]. Como veremos ao longo do capítulo 3, verbos como *começar* e *parar* selecionam predicados que denotam eventos com a propriedade [+estágios], enquanto outros, como *terminar/acabar*, selecionam predicados que denotam eventualidades compostas simultaneamente com as propriedades [+estágios; +télico]. Já verbos como *passar*, *deixar*, *continuar* e *voltar* parecem se combinar com predicados diferentes, sem selecionar uma única propriedade. A importância de se discutir a proposta de Rothstein é, portanto, a de relacionar as propriedades do predicado à seleção dos aspectualizadores.

Rothstein (2004) assume que as propriedades das classes vendlerianas são lexicais, i.e., estão presentes já no verbo (V). Assim, *accomplishments*, *achievements*, *atividades* e *estados* é uma classificação atribuída para o V (e não para os eventos denotados pelo predicado do VP, como estamos assumindo no presente trabalho).

Neste trabalho, no entanto, vamos assumir que as propriedades [ $\pm$ estágios] e [ $\pm$ télico] são importantes para a operação dos aspectualizadores quando estão no nível do VP. Isso não significa que estejamos argumentando contra Rothstein (2004) com relação ao caráter lexical das propriedades, mas sim que a análise com os verbos aspectuais deve levar em conta a composição aspectual do VP selecionado por eles. Sendo assim, vamos atribuir a nomenclatura das quatro classes de Vendler para o VP e não para o V.

O resultado dessa análise composicional é que VPs com o mesmo verbo, mas objetos diretos distintos, podem ter propriedades diferentes (ou uma composição aspectual diferente), permitindo ou restringindo a operação dos aspectualizadores na sentença. É o que veremos, por exemplo, na seção 2.3 quando trataremos do papel do objeto direto na composição do VP e na seção 2.4, quando tratarmos dos complementos de *terminar/acabar*.

Passemos agora às questões discutidas em Rothstein (2004) a respeito das classes vendlerianas. Rothstein (2004) segue bastante de perto a proposta de Vendler (1957/1967) e defende que as classes vendlerianas possam ser divididas a partir de duas propriedades básicas: [ $\pm$ télico] e [ $\pm$ estágios]. Para ela, é importante desenvolver a proposta de Vendler sem acrescentar qualquer outra propriedade (como o faz Smith 1997, por exemplo). Assim, a combinação desses dois traços oferecem um total de quatro classes

diferentes de predicados, exatamente como desejado. Vejamos as duas propriedades, em duas subseções.

### 2.2.1. SOBRE A PROPRIEDADE [±TÉLICO]

Para Rothstein (2004: 9), “o que distingue predicados atélicos de predicados tólicos é o que podemos chamar formalmente de *S-cumulatividade*”; ao contrário dos tólicos, apenas predicados atélicos têm essa propriedade, definida em (15). X é um predicado s-cumulativo se e somente se:

$$(15) \quad \exists e \exists e' [X(e) \wedge X(e') \wedge \neg e \sqsubseteq e' \wedge \forall e \forall e' [X(e) \wedge X(e') \wedge R(e, e') \rightarrow X(\hat{c}(e \sqcup e'))]]$$

“Um predicado X é S-cumulativo se quaisquer duas instanciações (realizações) de X relacionadas pela relação ‘R’ podem ser somadas, e essa soma formar uma única entidade singular que está, ela mesma, na denotação de X”<sup>8</sup>

Tomando por base essa definição, Rothstein (2004) defende que S-cumulatividade é a propriedade que distingue predicados como *comer três maçãs*, que é tólico, de outros como *correr*, que é atélico. No primeiro caso, não podemos juntar dois eventos descritos pelo predicado *comer três maçãs* a fim de obter um evento singular do mesmo tipo, i.e., um evento único descrito pelo predicado *comer três maçãs*, porque esse predicado não é S-cumulativo. Por isso, se for verdade que João comeu três maçãs ontem e que João comeu três maçãs hoje, deveremos dizer que João comeu seis maçãs nos últimos dias (e não três!) e isso mostra que a soma de dois eventos descritos pelo mesmo predicado tólico (*comer três maçãs*, no caso) resulta um evento (*comer seis maçãs*) que é diferente deles. Dessa forma, predicados tólicos não são S-cumulativos.

Por outro lado, se juntarmos dois eventos descritos pelo predicado *correr*, vamos obter um único evento descrito pelo mesmo predicado, porque ele tem a propriedade de ser S-cumulativo. Assim, se for verdade que João correu ontem e que João correu hoje, podemos dizer simplesmente que João correu (nos últimos dias) e isso mostra que a soma de dois eventos descritos pelo mesmo predicado atélico (*correr*, no caso) resulta um evento (*correr*) que é igual a eles. Dessa forma, predicados atélicos são S-cumulativos.

Outra questão discutida em Rothstein (2004) diz respeito às diferenças entre dois predicados atélicos, como *correr* e *acreditar em uma segunda vida*. Para Rothstein, a noção de homogeneidade é crucial para explicar essas diferenças: sendo um predicado que descreve uma atividade, *correr* é homogêneo em relação às suas partes, o que significa que ele é formado por eventos mínimos. Por exemplo: *correr* é formado por diferentes passos, realizados em diferentes momentos; cada um desses passos não é equivalente ao evento de correr, mas a soma desses passos forma partes mínimas que compõem o evento

<sup>8</sup> Para Rothstein (2004, p. 9) ‘R’ envolve basicamente uma adjacência temporal e a presença dos mesmos argumentos.

de correr. Informalmente falando, dar um único passo não é suficiente para se dizer “eu corri”, mas é necessário um conjunto mínimo de passos. No entanto, definir exatamente “quanto passos são necessários” para a formação de um subevento de correr não é função do linguista; é algo do mundo.

Landman e Rothstein (2009) dão o exemplo de *valsar* como um caso em que a constituição de uma parte mínima de uma eventualidade homogênea pode ser vista mais claramente. Como bem notam os autores, cada parte mínima (ou subevento) de valsar é composta de três diferentes passos e, se um dançarino dá apenas um ou dois passos, não se pode dizer nem mesmo que ele tenha começado a valsar.

*Acreditar em uma segunda vida*, por outro lado, é um predicado que denota um evento estativo, por isso é homogêneo em relação a seus instantes, o que significa que qualquer momento do evento descrito é igual ao evento todo de acreditar em uma segunda vida. Assim, Rothstein (2004) assume que as partes mínimas desses predicados não são identificáveis. Informalmente, acreditar em uma segunda vida, pelo mínimo de tempo possível, é suficiente para se dizer “eu já acreditei em uma segunda vida”.

Poderíamos dizer que estados e atividades são eventualidades atéticas porque não há nada em sua constituição que as meça ou que as torne incrementais. Como veremos na seção 2.4, incrementalidade é a propriedade que pertence a um evento que ocorre pouco a pouco até atingir um ponto final e, por isso, essa propriedade é comum apenas aos accomplishments. Passemos à segunda propriedade: [±estágios].

### 2.2.2. SOBRE A PROPRIEDADE [±ESTÁGIOS]

*Ter estágios* é a segunda propriedade discutida por Rothstein (2004) a fim de explicar a diferença entre as classes de Vendler. Para a autora, essa propriedade está relacionada com a possibilidade de um predicado aparecer no progressivo – um predicado denota um evento com estágios apenas se ele puder aparecer no progressivo. Nós podemos entender essa propriedade da seguinte maneira: um evento tem estágios se ele tem diferentes subeventos que ocorrem em momentos diferentes.

Uma pergunta pertinente nesse momento seria por que ter ou não ter estágios é importante para caracterizar as classes vendlerianas? A resposta de Rothstein seria que ter estágios é ser composto de partes mínimas (subeventos/ estágios) identificáveis. Isso é natural para atividades e accomplishments, mas não para estados e achievements: predicados que denotam estados não aparecem no progressivo porque estados não possuem estágios identificáveis, ou seja, seus predicados têm a propriedade [-estágios];<sup>9</sup> os predicados

<sup>9</sup> Os predicados que descrevem estados não formam uma classe homogênea, ao menos em português (cf. Cunha 2005), em que algumas sentenças que descrevem eventualidades estativas podem aparecer no progressivo (i). Discutiremos esses casos com mais detalhes na seção 2.5. Além disso, alguns predicados de achievements podem aparecer no progressivo (ii), mas, ao contrário do que ocorre com predicados de atividades (iii) e accomplishments (iv), nesses casos a leitura é de iminência na mudança de estado e não que o evento em si está em progresso.

- i. Meu cachorro está agressivo.
- ii. João está chegando.
- iii. João está correndo.
- iv. João está lendo o livro.

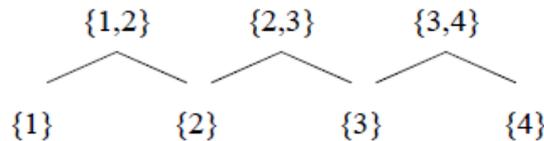
de achievements também têm a propriedade [-estágios] e os achievements são eventos de natureza instantânea (ver seção 2.1 do presente trabalho).

O progressivo é importante para se identificar um evento com estágios, já que, para Rothstein (2004, p. 11) “um verbo no progressivo afirma que uma eventualidade de um tipo particular está ‘em progresso’ ou ‘continua’”.<sup>10</sup>

Nesse ponto, é importante trazermos as contribuições de Landman (2008) sobre eventualidades com e sem estágios. Tomemos como exemplo o evento de cantar, composto de partes mínimas, também chamadas de cantar. Vamos considerar quatro partes mínimas desse evento, enumeradas como segue:

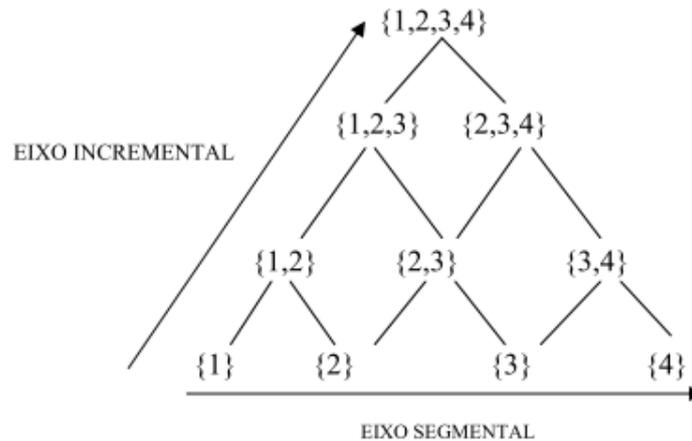
{1}      {2}      {3}      {4}

Em seguida, consideremos que essas partes mínimas possam ser somadas, formando outras partes mínimas, ou seja, outros eventos de cantar, como segue:



Finalmente, somemos as partes mínimas, até a soma total:

- (16) Estrutura de intervalos – eixos incremental e segmental (Landman 2008, p. 111)



Landman (2008) diz que, na estrutura em (16), os intervalos são ordenados por uma relação de subconjunto/subparte ( $\subseteq$ ) e considera que as eventualidades com estágios são aquelas às quais olhamos incrementalmente ( $\nearrow$ ), que podem ser somadas, seguindo o caminho que demonstramos acima. Tecnicamente falando, sendo  $e_1$  e  $e_2$  dois

<sup>10</sup> Rothstein (2004) mostra que Landman (1992) considera o progressivo como um meio de apresentar um estágio de uma dada eventualidade, i.e., há uma ligação entre a propriedade de ter estágios e o aspecto progressivo.

eventos, se  $e_1$  é um estágio de  $e_2$ ,  $e_1$  é parte de  $e_2$  e a duração de  $e_1$  é parte da duração de  $e_2$  (cf. Landman 2008; Filip 2008). Essas eventualidades são compostas de partes mínimas (subeventos/estágios), que podem ser somadas para a formação de todo o evento. Porém, como esses eventos têm estágios e são lidos incrementalmente, *pausas* são absolutamente naturais. Por isso, no evento de cantar, não importa se o cantor parou alguns momentos para tomar água, se houve uma pausa para os músicos, ou algo do gênero, porque pausas não afetarão o evento como um todo; incrementalmente, mesmo com pausas, os subeventos de cantar terão as mesmas propriedades.

Esse caminho de soma de partes mínimas é dispensável, no entanto, quando se trata de eventualidades sem estágios, aquelas localizadas no eixo segmental e com características estativas (estados e hábitos, basicamente). Assim, no caso de um evento como *acreditar numa segunda vida*, as partes da estrutura ( $\{1\}$ ,  $\{2\}$ ,  $\{3\}$ ...) podem ser consideradas momentos de um mesmo estado, mas não partes mínimas ou estágios como ocorre no eixo incremental. No caso dos eventos segmentais, não há diferença entre o evento no momento  $\{1\}$  e o evento no momento  $\{1,2,3,4\}$ , mas no caso dos eventos com estágios,  $\{1\}$  é apenas um subevento de  $\{1,2,3,4\}$ , o que significa que este é mais desenvolvido que aquele.

Assim, nos eventos segmentais, as somas ( $\{1,2\}$ ,  $\{2,3\}$ ...) não são composições de partes mínimas ou estágios do estado, mas junções de momentos em que o estado acontecia. Aliás, nesse caso as divisões parecem sequer fazer sentido, pois o evento é lido homoganeamente em relação aos seus momentos/instantes. Por isso, não se fala em pausas para esse tipo de evento.

Aqui, parece que fica melhor explicado um ponto do início desta seção, quando se disse da diferença entre os eventos atéticos de *correr* e *acreditar numa segunda vida*: o primeiro, com estágios, é homogêneo em relação às suas partes (subeventos/estágios), o segundo, com relação a seus instantes (cf. Rothstein 2004).

É fundamental observar que, sendo composta por estágios, uma eventualidade localizada no eixo incremental pode ter seu início expresso por um estágio identificável (cf. Landman 2008); seria o estágio  $\{1\}$  do esquema em (16). Por outro lado, uma eventualidade segmentalmente homogênea não pode ter seu início identificado por um estágio, porque seus estágios não são identificáveis. Isso voltará à pauta quando tratarmos dos verbos aspectuais no capítulo 4, especialmente no que diz respeito aos aspectualizadores *começar* e *passar*.

Com base nas duas propriedades discutidas acima ( $[\pm\text{tético}]$  e  $[\pm\text{estágios}]$ ), Rothstein propõe a seguinte caracterização para as classes de Vendler:

(17) Classes de Vendler – segundo Rothstein (2004)

	[±estágios]	[±téliico]
Estados	–	–
Atividades	+	–
Accomplishments	+	+
Achievements	–	+

Estados e atividades são eventualidades cujos predicados partilham a propriedade de homogeneidade; mas, ao contrário dos estados, atividades podem ter diferentes partes (estágios). Por exemplo: em *dançar* há partes mínimas (como uma sequência de passos sincronizados, que são subeventos de dançar) as quais formam o que chamamos de *dançar*. Por isso, Rothstein (2004) assume que atividades são homogêneas em relação a partes mínimas (eventos mínimos, como vimos anteriormente). Estados não têm estágios identificáveis porque qualquer parte de um predicado que denota um evento estativo é equivalente ao evento todo ou é o evento todo em si mesmo. Por exemplo: *acreditar em uma segunda vida* é o mesmo evento a qualquer momento, o que impede que se fale de estágios.

Diferentemente de estados e atividades, accomplishments são télicos; mas, como as atividades, eles têm estágios. Rothstein (2004, p. 21) diz que “intuitivamente, um accomplishment é uma atividade que se move em direção a um ponto final”, i.e., é a soma de uma atividade e uma culminação. Numa eventualidade denotada por *escrever uma carta*, por exemplo, há subeventos que a compõem e a fazem similar a uma atividade. Entretanto, diferentemente das atividades que têm subeventos da mesma natureza (passos sincronizados, no caso de *correr* ou *dançar*, por exemplo), o que as fazem ser atélicas e S-cumulativas, os accomplishments quase sempre são compostos de subeventos de natureza diferente. Dessa forma, *escrever uma carta* não é S-cumulativo, já que não podemos formar, a partir de dois eventos descritos por *escrever uma carta*, um evento singular descrito por *escrever uma carta*, como podemos fazer com as atividades; accomplishments são télicos (com mudança de estado), portanto, não podemos somá-los e obter como resultado algo igual à uma de suas partes.

Achievements são similares aos accomplishments porque são eventos télicos/ atômicos; logo, não são S-cumulativos.<sup>11</sup> Portanto, se tivermos dois eventos de quebrar um copo, não podemos somá-los a fim de obter um evento singular do mesmo tipo, como

<sup>11</sup> Rothstein (2004; 2007; 2008) utiliza também o termo *atômico* para caracterizar eventualidades télicas porque, para ela, a telicidade tem relação direta com a contagem: eventualidades télicas descritas por predicados como *escrever uma carta*, *morrer* etc. podem ser contadas porque são atômicas; além disso, achievements (*morrer*, *chegar*, *sair*, entre outros) e semelfactivos (*pular*, *socar*, *chutar*, entre outros) têm sua atomicidade facilmente identificável. Por outro lado, eventualidades atélicas descritas por predicados como *correr*, *cantar*, *ser brasileiro* etc. não podem ser contadas porque não são atômicas. Obviamente, eventualidades como *correr* ou *cantar* podem ser medidas, sendo, assim, télicas/atômicas. É o caso de *correr até a esquina* ou *cantar uma música*.

fazemos com as atividades. Além disso, achievements não têm estágios, porque descrevem uma mudança de estado instantânea.

A partir da discussão apresentada acima, podemos reconsiderar os testes realizados na seção 2.1, a fim de relacionar as propriedades estabelecidas na identificação das classes aspectuais, especialmente para os dados do PB. Faremos isso na próxima subseção.

### 2.2.3. TESTES PARA IDENTIFICAÇÃO DAS CLASSES ASPECTUAIS

Vamos reconsiderar alguns testes de Dowty (1979), propostos na seção 2.1, a fim de verificar a classificação feita por Rothstein (2004) e apresenta nas subseções anteriores. Primeiramente, vamos analisar as eventualidades com e sem estágios. Nosso primeiro teste será o seguinte:

Apenas eventualidades com estágios aparecem no progressivo e acarretam que o evento começou. Como essas eventualidades têm subeventos, quando uma eventualidade desse tipo está no progressivo ela acarreta que o primeiro subevento (estágio inicial) já foi realizado. Assim, de *x está  $\varphi$ -ndo*, se acarreta *x começou a  $\varphi$* .

- (18) a. João está correndo.  
 a'. João começou a correr.  
 b. João está escrevendo a tese.  
 b'. João começou a escrever a tese.
- (19) a. João está chegando.  
 a'. #João começou a chegar.  
 b. \*João está sendo alto.  
 b'. \*João começou a ser alto.

As sentenças em (18a) e (18b), com predicados que denotam, respectivamente, uma atividade e um accomplishment, acarretam as sentenças em (18a') e (18b'), porque descrevem eventualidades com estágios. Por outro lado, a sentença em (19a), que descreve uma eventualidade achievement, não acarreta (19a') e a sentença em (19b), que descreve um estado, não é aceita no progressivo, não acarretando o início (19b').

Seguindo o mesmo raciocínio do primeiro teste, vamos considerar que apenas eventualidades com estágios podem ser interrompidas e acarretar o início. Isso ocorre porque i) o estágio inicial (subevento inicial) precisa ter sido realizado para que a eventualidade possa ser interrompida e, como vimos antes, ii) pausas são naturais para eventualidades desse tipo e podem ser expressas naturalmente. Isso não ocorre com as eventualidades sem estágios, porque i) elas não têm subevento inicial e ii) as pausas não são naturais para elas. Assim, da sequência *x parou de  $\varphi$* , se acarreta *x começou a  $\varphi$* .

- (20) a. João parou de correr.  
 a'. João começou a correr.  
 b. João parou de escrever a tese.  
 b'. João começou a escrever a tese.
- (21) a. #João parou de chegar.  
 a'. #João começou a chegar.  
 b. \*João parou de ser alto.  
 b'. \*João começou a ser alto.

Como as atividades (20a) e os accomplishments (20b) têm estágios, que são subeventos (ou partes mínimas) identificáveis da eventualidade, essas eventualidades podem ser interrompidas e acarretar o início, porque para ser interrompida, é preciso que já tenha ocorrido o subevento inicial da eventualidade. Isso não ocorre com achievements (21a) ou estados (21b), porque elas não têm estágios para expressar interrupção e as pausas não são naturais para eventualidades desse tipo.

Os testes para telicidade são um pouco mais complexos, porque as classes que possuem essas propriedades são achievements e accomplishments, a primeira sem estágios e a segunda com estágios.

O teste para achievements é o seguinte: sendo eventos de mudança de estado pontual/instantânea (ao contrário dos accomplishments), os achievements co-ocorrem com modificadores do tipo *às x tempo* (cf. seção 2.1), que indica o momento da mudança de estado (cf. Smith 1997; Rothstein 2004, entre outros).

- (22) a. João chegou às 12h.  
 b. O avião decolou às 12h.
- (23) a. #João escreveu a tese às 12h.  
 b. #João correu às 12h.  
 c. \*João foi alto às 12h.

Como já havíamos discutido na seção 2.1, apenas nos casos com achievements (22) o modificador *às x tempo* indica o momento da mudança de estado. No caso dos accomplishments (23a), o modificador parece não se aplicar e, no caso das atividades (23b), parece indicar o início do evento ou simplesmente um momento em que a atividade acontecia. Com estados (23c), a modificação é ruim, porque não há mudança de estado, além de ser inaceitável dizer que um estado como *ser alto* aconteceu exatamente num ponto do tempo, no caso, às 10h.

Para os accomplishments, podemos aplicar basicamente dois testes: o primeiro é com o modificador *em x tempo* e o segundo com o verbo *terminar*.

O modificador *em x tempo*, em sentenças que descrevem accomplishments, denota o tempo total gasto no desenvolvimento processo, das atividades realizadas (estágios) à mudança de estado.

- (24) a. João escreveu a tese em 2 anos.  
 b. Maria leu o livro em 2 horas.
- (25) a. #João chegou em 2 horas.  
 b. #João correu em duas horas.  
 c. \*João foi alto em duas horas.

Nos casos em (24), os modificados *em x tempo* indicam o tempo que João levou para escrever a tese, do início ao fim e o tempo que Maria gastou para ler o livro do início ao fim, i.e., indicam a duração de todo o processo. Por outro lado, em (25a), com achievement, a sentença só faria sentido numa situação em que se soubesse o ponto de origem e de destino de João, de modo que *em x tempo* informaria sobre a duração do trajeto percorrido por João. É algo parecido com o que se tem em (25b), com uma atividade: a sentença só faz sentido se for conhecido o trajeto da corrida. Assim, nesses dois casos (25a-b), poderíamos dizer que as sentenças desencadeariam leitura de accomplishment nas situações com trajetos definidos. Finalmente em (25c), com estativo, o modificado *em x tempo* não pode informar a duração de um estado (ser alto).

O segundo teste é com o verbo *terminar*. Como se viu anteriormente (seção 2.1), esse verbo só aparece com eventualidades accomplishments, porque ele indica a culminação de um processo. Veremos mais detalhes sobre isso no próximo capítulo.

- (26) a. João terminou de escrever a tese.  
 b. Maria terminou de ler o livro.
- (27) a. \*João terminou de chegar.  
 b. #João terminou de correr.  
 c. \*João terminou de ser alto.

Apenas as sentenças que descrevem accomplishments (26) são bem formadas com o verbo *terminar*. Sentenças que descrevem achievements (27a) e estados (27c) não são aceitas e outras que descrevem atividades (27b) só são aceitas se houver um percurso definido, assim como havíamos visto no primeiro teste para os accomplishments.

Vamos apresentar, por fim, um teste para as eventualidades estativas, observado por Kenny (1963) e retirado de Dowty (1979, p. 55-56): apenas eventualidades estativas aparecem no presente do indicativo sem leitura habitual (28a), ao contrário das demais

classes de eventualidades – atividades (28b), accomplishments (28c) e achievements (28d); com achievements, até a leitura habitual é menos evidente.<sup>12</sup>

- (28) a. João é alto/ama Maria/mora em Paris.  
 b. João corre/canta/nada.  
 c. João corre uma maratona/canta o hino/nada uma piscina olímpica.  
 d. ??João chega/entra/sai.

Como se vê, apenas estados aparecem no presente do indicativo sem leitura habitual, enquanto nos demais casos essa é a leitura relevante ou mais provável.<sup>13</sup> A seguir, vamos apresentar um quadro com os testes mais relevantes considerados nesta seção.

Teste	Atividade	Accomplishment	Achievement	Estado
A sentença no progressivo acarreta o início do evento	SIM	SIM	NÃO	NÃO
A interrupção com o verbo <i>parar</i> acarreta o início do evento	SIM	SIM	NÃO	NÃO
Compatível com <i>às x tempo</i> , denotando o momento da mudança de estado	não se aplica	não se aplica	SIM	NÃO
Compatível com <i>em x tempo</i> , denotando o desenvolvimento dos estágios e a culminação	não se aplica	SIM	NÃO	não se aplica
Compatível com <i>terminar</i>	NÃO	SIM	NÃO	NÃO
Sem leitura habitual no presente do indicativo	NÃO	NÃO	NÃO	SIM

Tabela 3 - Os testes relevantes para a diferenciação das classes aspectuais

Esta seção se dedicou a discutir as classes de Vendler, especialmente a respeito da composição das propriedades que as formam e apresentou alguns testes para se identificar tais classes. Assumimos aqui a proposta de Rothstein (2004) sobre estágios e telicidade, bem como as noções de eventualidades com e sem estágios apresentadas em Landman (2008). Essas considerações serão importantes para o nosso trabalho porque nossa intenção é propor que verbos como *começar* e *parar* selecionem predicados com a propriedade [+estágios], por exemplo.

<sup>12</sup> Excetuem-se, obviamente, as narrações esportivas e os contextos de presente histórico.

<sup>13</sup> Pires de Oliveira (2003) fala, ainda que brevemente, do presente do indicativo como um elemento que expressa o aspecto (habitual) mais que o tempo (coincidência entre o momento de fala e de evento), carregando uma noção de quantificação.

Defendemos que as propriedades do aspecto lexical (classes de Vendler) que são importantes para a análise sobre os verbos aspectuais se encontram no nível do VP. Por isso, na próxima seção, exemplificaremos de que forma alterações no interior do VP (mais especificamente no objeto direto) podem modificar a composição do aspecto lexical desse sintagma. No capítulo 3, mostraremos que essas questões são fundamentais para a seleção de complementos realizada pelos verbos aspectuais.

### 2.3. O PAPEL DO OBJETO DIRETO NA COMPOSIÇÃO DO ASPECTO LEXICAL

Nesta seção trataremos basicamente do papel do objeto direto na estrutura aspectual de um VP, especialmente no que diz respeito à possibilidade de um evento ter estágios. Não discutiremos o papel do sujeito porque o argumento externo não influencia nas questões aspectuais em foco neste trabalho (cf. Tenny 1994).

Na mesma linha de trabalhos anteriores (cf. Dowty 1979; Krifka 1989; Tenny 1994; Rothstein 2004; Verkuyl 2005; Scher 2007; Wachowicz 2008, entre outros), Bertucci, Lunguinho e Paraguassu (2010) mostram que o objeto direto exerce um importante papel na estrutura aspectual do VP, permitindo que esse sintagma denote um evento com ou sem estágios, o que reflete na seleção feita pelos verbos aspectuais. Embora apresentemos algumas questões sobre os predicados de accomplishment mais adiante, o caso principal que vamos abordar aqui é relativo aos objetos diretos dos VPs que denotam achievements. Não falaremos dos estados, porque em geral seus predicados não têm objeto direto e não discutiremos as atividades porque seus predicados já são selecionados pelos verbos aspectuais.

Nas seções 2.1 e 2.2, vimos que um VP que denota um achievement possui a propriedade [-estágios]. Tomemos como exemplo o predicado *vender o coco* e, seguindo os testes propostos no final da seção anterior, vejamos que uma sentença que descreve um achievement, estando no progressivo (29a), não acarreta o início do evento (29b) – o predicado *vender o coco* não é compatível com *começar* –, como ocorre no caso dos eventos que têm estágios.<sup>14</sup> Além disso, o verbo *parar* formará uma sentença inaceitável (29c), porque ele só se combina com predicados com a propriedade [+estágios] – *vender o coco* também não é compatível com *parar*. Por fim, o predicado em questão é compatível com o modificador às x tempo (29d).

- (29) a. O Pedro está vendendo o coco.  
 b. #O Pedro começou a vender o coco.  
 c. #O Pedro parou de vender o coco.  
 d. O Pedro vendeu o coco às 10h.

<sup>14</sup> Aqui, o verbo *vender* não é sinônimo de *negociar*, em que o acarretamento com *começar* e *parar* é possível.

No entanto, esse fato pode ser alterado pelo tipo de objeto direto que estiver presente no VP com o verbo *vender*: se ele for um plural nu (*cocos*), um singular nu (*coco*) ou um definido plural (*os cocos*), o sintagma passa a ter a propriedade [+estágios] e, conseqüentemente, o progressivo (30a) acarreta o início (30b) e o predicado é compatível com *parar* (30c). Seguindo os testes propostos anteriormente, os casos em (30) se constituem, em testes para comprovar que o predicado tem a propriedade [+estágios].

- (30) a. O Pedro está vendendo *cocos/ coco/ os cocos*.  
 b. O Pedro começou a vender *cocos/ coco/ os cocos*.  
 c. O Pedro parou de vender *cocos/ coco/ os cocos*.

O que podemos dizer sobre esses casos? Em primeiro lugar, verbos de mudança de estado instantânea que formam eventualidades achievements com objeto direto singular, como *vender, pagar, juntar* entre outros, formam predicados de atividade, quando seus objetos diretos são nominais nus (*cocos, coco*) ou plurais definidos (*os cocos*), ou seja, seus predicados passam da propriedade [-estágios], comum aos predicados de achievements (e de estado), para [+estágios], comum aos predicados de atividades (e de accomplishments). No caso de *vender os cocos*, tem-se [+estágios; +télico], propriedades de um predicado de accomplishment. Falaremos sobre o plural definido e a formação de predicados de accomplishment na seção 2.4.

Em segundo lugar, sabemos que as atividades são compostas de partes mínimas que são da mesma natureza do evento como um todo, por exemplo, um evento mínimo de correr é correr, de cantar é cantar e assim por diante. Isso ocorre também com predicados do tipo *vender cocos, vender coco e vender os cocos*, porque cada evento de vender coco é um evento mínimo, de mesma natureza do evento maior que descreve uma repetição de vender coco. Dessa forma, concluímos que predicados como esses tratados acima têm a propriedade [+estágios], o que permite que eles sejam selecionados por verbos aspectuais do tipo *começar e parar* (cf. Bertucci *et al.* 2010), conforme veremos com mais detalhes no próximo capítulo.

Em terceiro lugar, vamos assumir que os nominais nus em PB denotam pluralidades, ou seja, contêm somas em sua denotação (além de entidades singulares), conforme se vê na literatura sobre o tema (cf. Müller 2001; Paraguassu-Martins e Müller 2007) e que é essa pluralidade que influencia na propriedade [±estágios] do predicado (cf. Bertucci *et al.* 2010).

É importante frisar que, diferentemente do que possa parecer, não são apenas os predicados de achievements que passam a ser predicados de atividades (e ter leitura de repetição) por causa de um nominal nu. Predicados de accomplishment (*construir a casa*, por exemplo) podem passar a ser predicados de atividade se houver uma mudança no tipo de objeto direto (*construir casa/casas*, por exemplo), desencadeando uma leitura

iterativa.<sup>15</sup> A diferença é que uma sentença composta por um predicado que denota um accomplishment é bem formada com verbos aspectuais do tipo *começar* e *parar*, mesmo quando o complemento do verbo é um tema que denota uma entidade singular (*João começou a construir a casa*, por exemplo), porque accomplishments têm estágios. Vejamos os exemplos.

- (31) a. João construiu a casa *em 10 anos/#durante 10 anos*.  
 b. João construiu casa *durante 10 anos/\*em 10 anos*.  
 c. João construiu casas *durante 10 anos/\*em 10 anos*.  
 d. João construiu as casas *em 10 anos/#durante 10 anos*.

Diferentemente de (31a), que descreve um evento singular de construir uma casa, as sentenças em (31b-c) descrevem situações de repetição, em que construir casa era (provavelmente) uma atividade profissional de João. Cada evento de construir uma casa serve como subevento/estágio do evento lido como atividade de João, por isso, dizemos que as sentenças descrevem atividades.<sup>16</sup> A sentença em (31d) descreve um eventualidade accomplishment, sendo compatível com o modificador *em x tempo* e não com *durante x tempo*.<sup>17</sup>

Embora essa alteração pareça não ter reflexos para a seleção feita por verbos como *começar* e *parar*, ela influencia diretamente na seleção de *acabar/terminar* e pode ter reflexo também na aceitabilidade de sentenças com verbos do tipo *passar* e *deixar* em PB. Veremos tudo isso no terceiro capítulo.

Como ficou demonstrado até aqui, predicados cujo complemento do verbo é um nominal nu são VPs que denotam um evento de atividade. Já havíamos visto que uma atividade não tem culminação (ou mudança de estado) e é composta de estágios, que nada mais são do que uma repetição de subeventos do mesmo tipo: nos eventos de dançar ou correr, por exemplo, há uma repetição de passos num ritmo sincronizado (cf. Rothstein 2004). Dessa forma, é natural que predicados compostos com nominais nus se comportem como predicados de atividades, justamente por possuírem em comum uma repetição de subeventos do mesmo tipo. Uma característica das atividades é que elas podem co-ocorrer com expressões tais como *durante x tempo*, (ver tabela 2), como se observa em (32).

- (32) a. João dançou durante uma hora.  
 b. João pulou durante cinco minutos.

<sup>15</sup> *Iteração* é um termo comum na literatura para se tratar de *repetição de eventos*.

<sup>16</sup> Yoshida (2008) mostra que, em japonês, verbos como *construir*, que são núcleos de predicados que denotam accomplishments (*construir a casa*), podem ser também núcleos de predicados que denotam atividades se o complemento do verbo for um nominal nu (*construir casa*) e têm a mesma leitura de repetição que constatamos em PB.

<sup>17</sup> Na verdade, o melhor é dizer que o modificador *durante x tempo* pode aparecer em (31a) e (31d), mas, nesses casos, as sentenças descrevem atividades e não accomplishments, já que o fim da construção não é desencadeado nesses casos, como o é nos casos com o modificado *em x tempo*.

No caso de (32), expressões como *durante uma hora/ cinco minutos* estendem a duração dos eventos de *João dançar* e *João pular* o que faz com que a leitura seja de repetição: no primeiro caso, repetição de passos sincronizados que João realizou por uma hora; no segundo, uma repetição de pulos dados por João (cf. Rothstein 2004; 2007; 2008).<sup>18</sup>

Alguém poderia questionar se a mudança que ocorre nos predicados discutidos nesta seção não é exatamente de [-estágios; +téllico], típico de predicados de achievement, para [+estágios;-téllico], típico de predicados de atividade.<sup>19</sup> De fato, quando se trata dos nominais nus (singular e plural), a alteração é essa mesma. No entanto, quando se trata do definido plural, a alteração é para [+estágios; +téllico], propriedades típicas dos predicados de accomplishment, conforme se verá na seção 2.4. Portanto, como temos destacado até agora, vamos considerar até aqui que a alteração fundamental seja aquela que diz respeito à mudança da propriedade [-estágios] para [+estágios], o que será indispensável para se entender a seleção dos verbos aspectuais a ser discutida no próximo capítulo.

Esta seção tratou do papel do objeto direto na formação dos VPs mostrando que nominais nus e definido plural podem formar VPs com a propriedade [+estágios] quando o núcleo desse sintagma é um verbo de mudança de estado instantânea (*vender, pagar, comprar, sair, entrar*, entre outros), i.e., verbos que frequentemente formam predicados de achievement. A próxima seção vai tratar da formação de predicados incrementais, aqueles que são selecionados pelos verbos *acabar/terminar*, conforme se analisará no terceiro capítulo.

## 2.4. PREDICADOS INCREMENTAIS

Esta seção discute as características de um *predicado incremental*, considerado aqui um subtipo dos predicados de accomplishment. A intenção é mostrar a diferença entre predicados do tipo *escrever a tese* e *dormir até meio-dia*, ambos chamados de predicados de accomplishment. A discussão sobre predicados incrementais é importante para que possamos entender a seleção de predicados dos verbos aspectuais, especialmente de *acabar/terminar*, que será realizada no próximo capítulo.

Os predicados que estamos denominando de *incrementais* são aqueles predicados tipicamente de accomplishment, como *construir a casa, escrever a tese, ler o livro, recitar o soneto* etc. Se considerarmos as propriedades discutidas anteriormente, esses predicados são marcados com [+estágios; +téllico], conforme estabelecido para os predicados de ac-

<sup>18</sup> A maneira como os subeventos são compostos não é uma preocupação para este trabalho, porque eles variam muito no mundo real e, claro, de uma atividade para outra, segundo a percepção do falante.

<sup>19</sup> Deixamos de lado a discussão sobre a mudança nos predicados de accomplishments, por ser de menor relevância neste ponto, já que são sempre marcados com a propriedade [+estágios].

complishment. Grosso modo, podemos dizer que os predicados incrementais são compostos por subeventos que vão culminando até a mudança de estado completa do tema.

Nesta seção, vamos mostrar que predicados como *dormir até meio-dia*, *andar três quilômetros*, *correr até a loja* entre outros não são incrementais, embora sejam considerados accomplishments. O que cada um desses VPs denota, na verdade, é um evento télico (um evento medido até um ponto específico), mas não incremental. Rothstein (2004) concorda que esses predicados denotem accomplishments, porque os complementos dos verbos medem o evento e o torna télico. No entanto, ela não os considera predicados incrementais e veremos em seguida o porquê. Sendo assim, o que seria um predicado incremental?

Seguindo Rothstein (2004), vamos assumir que predicados incrementais sejam predicados com a propriedade [+estágios; +télico], em que há um evento de mudança de estado: BECOME (cf. Dowty 1979).<sup>20</sup> Além disso, veremos que, para a formação de um predicado incremental, o papel do complemento verbal deve ser maior do que a simples medição do evento, ou seja, deve ser maior do que a atribuição da propriedade [+télico].

Como se costuma afirmar na literatura (cf. Tenny 1994; Rothstein 2004; Rappaport Hovav 2008; Filip 2008, entre outros), objetos diretos delimitados,<sup>21</sup> como *o copo* e *a casa*, em (33), medem o evento do qual participam, o que faz com que esses eventos sejam télicos. Em (34), no entanto, como os objetos *copos* e *casas* não são delimitados, eles não dão uma medida, o que faz com que os eventos sejam atélicos, ou mais precisamente, atividades.

- (33) a. Eva lavou o copo.  
b. Ivo pintou a casa.

- (34) a. Eva lavou copos.  
b. Ivo pintou casas.

Os objetos diretos de (34), como não são delimitados, formam predicados que denotam atividades, enquanto os delimitados, em (33), formam predicados de accomplishment – cf. também Verkuyl (2005) sobre o papel do objeto direto na formação da Aktionsart. Wachowicz (2008) discute o papel do objeto direto na estrutura da sentença e diz que, “não há telicidade no verbo; ela está em outros fenômenos da sentença: na

<sup>20</sup> É importante esclarecer que Rothstein (2004) não separa predicados incrementais de predicados de accomplishment. Em seu trabalho, os predicados de accomplishment são aqueles tipicamente incrementais (*construir a casa*, *escrever o soneto* etc.). No entanto, essa distinção é importante para nós pois explica a (im)possibilidade de ocorrência dos verbos aspectuais *acabar/terminar* com determinados predicados, como veremos no capítulo 3. Portanto, todas as vezes que usarmos o termo *predicado incremental* aqui, o leitor deve ter em mente que Rothstein (2004) o denomina *predicado de accomplishment*, simplesmente.

<sup>21</sup> Um sintagma delimitado deve ser entendido como aquele que denota uma quantidade específica de uma determinada entidade (cf. Tenny 1994).

quantificação do objeto ou em PPs [sintagmas preposicionais] que marcam o término ou a culminância” de uma eventualidade (Wachowicz 2008, p. 64-65).

Rothstein (2004; 2008), por sua vez, assume que lexicalmente os verbos podem ser achievements, accomplishments, estados ou atividades, mas que a informação de telicidade é dada no nível do VP. Para a autora, telicidade não está relacionada à culminância, mas sim à atomicidade: eventos contáveis/atômicos, são télicos; do contrário, são atélicos (ver nota 11, neste capítulo). Tal atomicidade é dada por uma medida, que pode vir de um objeto delimitado ou de um adjunto que delimite uma atividade. Assim, eventos denotados por predicados como *ler o livro* ou *correr até a padaria* são atômicos porque contam como um único evento e são, portanto, télicos. Outros denotados por predicados como *correr* ou *ser brasileiro* não são atômicos, porque nada os mede; logo, são eventos atélicos.

Quanto à culminância, Rothstein (2004) afirma que não é pertinente se falar dela para predicados de achievement, já que ela não está relacionada diretamente à telicidade, mas à incrementalidade de alguns predicados de accomplishment: a culminância é o último estágio de uma eventualidade accomplishment, sendo parte da estrutura desse tipo de eventualidade.

Basicamente, estamos vendo que uma eventualidade incremental é composta de subeventos (estágios) e uma culminação. Por isso, apenas eventualidades accomplishments podem ser incrementais – embora nem todo accomplishment seja necessariamente incremental, ponto sobre o qual falaremos mais adiante.

Dessa forma, Rothstein (2004) propõe que um evento incremental seja composto de dois eventos: um evento de atividade ( $e_1$ ) e um evento BECOME ( $e_2$ ), que é um evento de mudança de estado. Essa mudança de estado não é instantânea (como ocorre com os achievements, por exemplo), mas acontece gradualmente, em partes, por isso é chamada de “*extended BECOME event*” (Rothstein 2004, p. 106).

Rothstein (2004, p. 107) argumenta que a incrementalidade do processo reside no fato das partes serem distintas (*individuable parts*) e terem, cada uma, sua própria culminação. Essas partes distintas que existem no evento  $e_2$  formam um conjunto, chamado de cadeia incremental –  $C(e_2)$ . À medida que essas partes são juntadas, o evento incremental vai sendo finalizado.

Tomemos como exemplo o predicado *escrever o soneto*. No evento denotado por esse predicado, o núcleo do VP (*escrever*) designa a atividade desenvolvida ( $e_1$ ) e o tema dessa atividade (*o soneto*) vai sendo formado aos poucos, em partes, seguindo uma certa ordem. Cada uma dessas partes (os versos, por exemplo) tem sua própria culminação e o evento BECOME ( $e_2$ ) vai ocorrendo à medida que essas partes são finalizadas e juntadas umas às outras, até a culminação do último verso escrito. Quando isso ocorrer, há um soneto completamente escrito.

Assim, Rothstein (2004) propõe que um evento accomplishment seja chamado de incremental na medida em que suas partes sejam individualizadas (seus estágios sejam identificáveis) e que sua culminação seja um *upper bound* distinguível – como em *escrever*

*o soneto*, em que se tem versos distinguíveis até o 14º. e último verso, que é a culminação/ upper bound. *Upper bound* é justamente o subevento final de um evento incremental – Rothstein (2004) denomina essa culminação de *upper bound*, por ser a última parte do evento. No capítulo 4, assumiremos que a contribuição semântica de *acabar/terminar* para o significado de uma sentença seja justamente a de expressar o upper bound de uma eventualidade incremental.

Para falar um pouco mais sobre o *upper bound*, voltemos ao exemplo de *escrever o soneto*. Vamos assumir que cada verso do soneto seja um subevento do evento maior (descrito por *escrever o soneto*). Nesse caso, cada uma dessas partes (versos) tem seu próprio fim, seu próprio upper bound: o primeiro verso, o segundo, o terceiro etc., cada um desses subeventos da escrita de um soneto precisa ser finalizado. O upper bound final de *escrever o soneto* é aquele referente ao último subevento que compõe a escrita do soneto, ou seja, o upper bound do último verso, de modo que o fim desse último verso coincide com o fim do processo todo, do soneto completamente escrito.<sup>22</sup>

Vejamos como Rothstein (2004) propõe a denotação de um predicado como *Pedro escrever o soneto*:

$$(35) \quad ||\text{pedro escrever o soneto}|| = \lambda e. \exists e_1, e_2 [e = {}^s(e_1 \sqcup e_2) \ \& \ \text{escrever}_{\langle \text{pedro} \rangle}(e_1) \ \& \ \text{Ag}(e_1) = \text{pedro} \ \& \ \text{Th}(e_1) = \text{o soneto} \ \& \ \text{BECOME-ESCRITO}_{\langle \text{o soneto} \rangle}(e_2) \ \& \ \text{Arg}(e_2) = \text{Th}(e_1) \ \& \ \text{INCR}(e_1, e_2, C(e_2))]$$

Em palavras: *pedro escrever o soneto* denota um conjunto de eventualidades que é a soma de dois eventos ( ${}^s(e_1 \sqcup e_2)$ );  $e_1$  é atividade de *Pedro escrever*, da qual *Pedro* é o agente e *o soneto* é o tema;  $e_2$  é o evento de mudança, de tornar o soneto escrito; o argumento desse evento de mudança é igual ao tema de  $e_1$ , ou seja, é *o soneto*; e existe uma relação incremental (INCR), responsável por relacionar os eventos de  $e_1$  e  $e_2$ , e a cadeia incremental, que é o conjunto de partes do evento.

Três pontos que aparecem em (35) merecem um comentário. Primeiro que a eventualidade incremental é a soma dos dois eventos envolvidos no processo, o que é demonstrado por:  $e = {}^s(e_1 \sqcup e_2)$ , em que  $e$  é o evento incremental,  $e_1$  o evento atividade, e  $e_2$ , o evento de mudança. O sobrescrito  ${}^s$  significa que se trata de um evento *singular*. Em segundo lugar, aparece a cadeia incremental ( $C(e_2)$ ) que havíamos citado anteriormente, cujo papel é mostrar que há um conjunto de partes do evento  $e_2$ . Em terceiro lugar, INCR é a relação entre a atividade ( $e_1$ ), o evento de mudança ( $e_2$ ) e a cadeia incremental. INCR relaciona as partes de  $e_2$ , dadas pela cadeia incremental, aos subeventos de  $e_1$ , fazendo uma espécie de “montagem” das partes num único evento (cf. Rothstein, 2004, p. 108). Podemos resumir a proposta aqui apresentada nos próprios termos de Rothstein (2004, p. 112):

<sup>22</sup> Obviamente, o agente do evento não precisa escrever os versos na ordem em que vão aparecer no soneto. Mas enquanto não escrever o 14º. verso (não importando a ordem), o soneto não estará pronto.

Um processo incremental é um evento de mudança com uma progressão interna inerente expressa pelo fato de que ele tem partes distintas que permanecem numa ordem linear e que formam uma cadeia incremental (...). O processo que afeta o tema é um processo gradual com estágios identificáveis e ordenados de uma maneira particular determinada pelo processo.<sup>23</sup>

Portanto, um evento incremental possui um tema que vai mudando de estado aos poucos no processo (por causa dos subeventos que têm sua culminação), até a culminação do último subevento (e do evento como um todo). Assim, podemos dizer que, no caso de *escrever o soneto*, o soneto vai ficando pronto aos poucos até o último verso ser finalizado. O mesmo ocorre com predicados como *ler o livro*, *construir a casa*, *recitar o poema*, *escrever a tese* entre outros.

Ainda sobre o papel do objeto direto, Rothstein (2004, p. 115) afirma que “o argumento incremental de um accomplishment é o argumento do processo incremental, com o qual algo acontece passo a passo”. Aliás, é dessa forma que se entende a afirmação de Wachowicz (2008, p. 63): “não há accomplishment sem seu complemento, pois este participa com o verbo do desenrolar do evento”, entendido aqui por nós como um evento incremental.<sup>24</sup>

Havíamos dito na seção 2.3 que definidos plurais, sendo objeto direto de verbos de mudança de estado instantânea (*vender*, *pagar*, *juntar*, *sair*, *entrar* etc.), os quais geralmente formam predicados que denotam achievements, formavam predicados com características de accomplishments (agora, mais especificamente, predicados incrementais). Podemos, neste instante, verificar o porquê disso. Vamos considerar alguns exemplos (36).

- (36) a. O Pedro vendeu *os cocos*.  
 b. O Pedro comprou *os livros*.  
 c. Os convidados *entraram/saíram*.

O definido plural faz duas alterações importantes: primeiro, ele possibilita que os predicados acima tenham a propriedade [+estágios], conforme vimos na seção 2.3. Em segundo lugar, ele denota uma quantidade delimitada (pelo contexto) de entidades, contribuindo para que o predicado denote um evento que culmina, à medida que a mudança de estado se aplica a esse número limitado de entidades.

<sup>23</sup> “An incremental process is a BECOME event with an inherent progression expressed by the fact it has distinguishable parts which stand in a linear order and which form an incremental chain. (...) The process affecting the theme is a gradual process with recognizable stages ordered in a particular way determined by the process”.

<sup>24</sup> Como dissemos anteriormente, o que se considera tipicamente um evento accomplishment em Rothstein (2004) é o que estamos especificando como sendo incremental. Assim como Rothstein, Wachowicz (2008) não faz esse tipo de distinção/subdivisão.

Os definidos plurais, denotando uma quantidade plural e limitada de entidades num dado contexto, contribuem para que o predicado seja incremental, como ocorrem nos casos em (36) e outros similares.

Aliás, depois de toda a discussão sobre incrementalidade, podemos dizer que um argumento definido plural (ou com quantificador universal) seja capaz de “incrementalizar” o predicado formado com verbos de mudança de estado instantânea (que geralmente formam predicados de achievement) a exemplo do que se vê em (36).

Essa “incrementalização” ocorre porque há iteração, ou seja, os predicados são compostos de estágios (subeventos) que se repetem até o limite das entidades presentes no contexto. Ilustramos em (37), a seguir, como seria formado o VP da sentença em (36b). Consideremos que *os livros/todos os livros* denote um conjunto com apenas três livros a serem comprados e que o Pedro comprou um deles em cada dia da semana.

(37)

COMPRAR OS LIVROS		
1ª. compra – livro A	2ª. compra – livro B	3ª. compra – livro C
segunda-feira	quarta-feira	sexta-feira

Uma situação como (37) poderia ser o contexto de uma frase como: *o Pedro começou a comprar os livros do filho na segunda-feira e só terminou na sexta-feira*. No mesmo caso, seria possível perguntar ao Pedro na quinta-feira: “você comprou os livros do seu filho?”; e a resposta poderia ser: “ainda não terminei”. A utilização de tais verbos aspectuais (*começar e terminar*) só é possível porque há um número definido de livros para serem comprados (no caso, três) dentro de um processo com estágios e culminação; assim, o definido plural contribui para tornar o VP um predicado incremental.

Falta-nos ainda dizer por que predicados como *dormir até meio-dia*, *andar três quilômetros* ou *correr até a loja* não são predicados incrementais. Vejamos (38).

- (38) a. O Pedro dormiu até meio-dia.  
 b. O Pedro andou três quilômetros.  
 c. O Pedro correu até a loja.

O que ocorre nos casos acima é que o objeto-tema não é afetado estágio a estágio, como nos predicados incrementais. Rothstein (2004) diz que sintagmas como *até meio-dia*, *três quilômetros* e *até a loja* são utilizados simplesmente para marcar o término dos seus eventos, tornando-os télicos ou atômicos – ver nota 11, neste capítulo, e o trabalho de Tenny (1994). Entretanto, nesses casos, não temos o evento BECOME nem a relação incremental que temos nos outros casos com accomplishments. Por isso, os exemplos acima, em (38), não possuem predicados incrementais.

Na denotação de um predicado como *correr até a loja*, não há sequer dois eventos para a formação do evento incremental (atividade+evento de mudança). Além disso, *até a loja* é tomado como o ponto final da trajetória no evento e não como tema (cf. também Tenny 1994). Podemos assumir algo semelhante para os predicados de (38), acima.

Rothstein (2004) assume que modificadores como *três quilômetros* ou *até a loja* denotam funções atômicas, ou seja, esses modificadores tornam os eventos atômicos, porque dão uma medida aos eventos (ver nota 11, deste capítulo). Como vimos no início da seção, alguns objetos diretos dão a medida a um evento; e, como vemos agora, esses modificadores também dão uma medida para os eventos (cf. também Tenny 1994). A diferença é que, neste último caso, não há a formação de um predicado incremental.

Consequentemente, eventos como aqueles descritos em (38), acima, são télicos, mas não são incrementais, pelos motivos mencionados. Portanto, casos como (38) são accomplishments no sentido de mostrarem uma certa trajetória, um percurso, mas não mostram uma incrementalidade do evento.

Nosso argumento para identificar um predicado incremental é justamente o uso dos aspectualizadores *acabar/terminar*, mas que deixaremos para o capítulo 3, quando tratarmos especificamente das restrições de seleção desses verbos. Por ora, vamos sugerir apenas que os predicados incrementais são marcados com o traço [+incremental] e que a propriedade [±incremental] aparece no nível do VP, onde será levada em conta na seleção de *acabar/terminar*, como se verá no próximo capítulo.

Esta seção apresentou a estrutura dos predicados incrementais (um subtipo de predicados de accomplishment), já que isso será importante para se entender a seleção realizada por *acabar/terminar* bem como a semântica desses verbos. Vimos ainda que nem todos os predicados de que se diz denotarem accomplishments são incrementais, porque nem todos possuem uma estrutura incremental, composta basicamente de uma atividade e uma mudança de estado. Além disso, mostramos a importância do objeto direto para a formação dos predicados incrementais.

Acreditamos que a proposta de Rothstein (2004) sobre os accomplishments serve como arcabouço teórico indispensável para que entendamos a semântica de *acabar/terminar* em PB e em outras línguas (cf. Bertucci 2011).

Na próxima seção, falaremos dos predicados que denotam estados, uma classe que não é homogênea em português. Nosso objetivo é investigar se as propriedades atribuídas aos predicados discutidos até aqui (estágios, telicidade e incrementalidade) podem ser atribuídas também aos predicados de estado.

## 2.5. PREDICADOS ESTATIVOS

Durante o desenvolvimento deste trabalho, uma das questões intrigantes que surgiram girava em torno da possibilidade de alguns estativos aparecerem no progressivo,

o que é até certo ponto surpreendente se considerarmos a literatura sobre o assunto (cf. Dowty 1979; Vlach 1981; Landman 1992; Portner 1998; Rothstein 2004 entre outros). Além disso, alguns estativos também apareciam com verbos aspectuais (cf. para o francês: Lamiroy 1987; para o português: Oliveira *et al.* 2001; Cunha 2005, Bertucci 2009).

Nesta seção, baseados na proposta de Cunha (2005),<sup>25</sup> mostraremos que os estativos não formam uma classe homogênea, em que alguns predicados parecem ter a propriedade [+estágios], fato que explicaria a ocorrência deles no progressivo, bem como a co-ocorrência com verbos aspectuais em PB (ver capítulo 3).

Para Cunha, os estados não formam uma classe aspectual homogênea e seu comportamento pode ser bem distinto. Em línguas como o português, com verbos do tipo *ser* e *estar* a diferença entre estativos pode ser melhor evidenciada. Cunha (2005) argumenta que a diferença entre os estativos pode ser dada por duas distinções: predicados individual-level *vs.* predicados stage-level e predicados faseáveis *vs.* predicados não-faseáveis.<sup>26</sup> Vamos tratar dessas diferenças a seguir.

Para o autor, estativos individual-level denotam propriedades que são estáveis em uma entidade ao longo do tempo e do espaço, como no caso de *ser alto* (39a). Por outro lado, estativos stage-level denotam propriedades que são transitórias ao longo do tempo e do espaço, como temos com *ser amável*, em (39b) – cf. Cunha (2005, p. 8).

- (39) a. João é alto.  
b. João foi amável.

A fim de atestar essa diferença, Cunha (2005, p. 8-10) propõe alguns testes. Primeiro, ele afirma que apenas estativos stage-level se combinam livremente com advérbios de tempo e espaço, como se verifica nos exemplos em (40), porque as características de tais estativos é denotar uma propriedade transitória – ou que pode ser transitória. Os individual-level não aparecem com esses advérbios, como se vê em (41), porque denotam propriedades estáveis à entidade.

- (40) a. João foi amável ontem/na festa.  
b. Ontem/durante a viagem, Maria esteve doente.  
c. Maria teve cólicas durante a noite toda/na escola.
- (41) a. \*João foi alto ontem/na festa.  
b. \*Ontem/durante a viagem, Maria foi brasileira.  
c. \*Ontem/durante o primeiro semestre, João gostou de matemática.  
d. \*Maria teve olhos verdes durante a noite toda/na escola.

<sup>25</sup> Cunha (2005) analisou basicamente o português europeu. No entanto, sua análise pode ser aplicada a grande parte dos casos do PB.

<sup>26</sup> As considerações de Cunha (2005) sobre estativos individual-level e stage-level são baseadas nas reflexões de Carlson (1977), Kratzer (1995) e Chierchia (1995) sobre predicados com tais propriedades.

Em segundo lugar, por causa das mesmas propriedades (transitoriedade *vs.* estabilidade da propriedade), apenas estativos stage-level podem aparecer com advérbios de tempo pontuais, como se vê em (42a). Os estativos individual-level rejeitam essa co-ocorrência, como se observa em (42b).

- (42) a. Maria teve cólicas às 2h da madrugada.  
 b. \*Maria teve olhos verdes às 2h da madrugada.

Finalmente, ao contrário dos estativos individual-level (44), os estativos stage-level podem ser quantificados por expressões como *sempre que* e *todas as vezes que*, como se vê nos exemplos em (43).

- (43) a. *Sempre que está feliz*, Maria canta.  
 b. *Todas as vezes que tem cólicas*, Maria chora.
- (44) a. \**Sempre que é brasileira*, Maria canta.  
 b. \**Sempre que tem olhos verdes*, Maria chora.

Cunha (2005) diz, no entanto, que essa distinção não explica todas as características dos estativos, já que, em alguns contextos, alguns deles que se comportam como eventos (ou *atividades*, na terminologia adotada aqui), aceitando o progressivo e o verbo aspectual *começar*. Por exemplo, há estativos individual-level que aparecem no progressivo e co-ocorrem com *começar* (45a) e outros também individual-level que não permitem essas ocorrências (45b). De outro lado, há estativos stage-level que aparecem no progressivo e co-ocorrem com *começar* (45c) e outros também stage-level que não permitem tais ocorrências (45d).

- (45) a. João *começou a gostar/ está gostando* de matemática.  
 b. \*João *começou a ser/ está sendo* brasileiro.  
 c. Maria *começou a ter/ está tendo* cólicas.  
 d. \*Maria *começou a estar/ está estando* feliz.<sup>27</sup>

Diante dessa diferença de comportamento dos estativos, Cunha (2005) propõe que uma nova propriedade entre em jogo para se explicar a diferença entre esses casos: a faseabilidade. Um predicado estativo é faseável se for possível identificar fases (estágios, na nossa terminologia) diferentes desse predicado em relação a uma determinada entidade e isso poderia ser atestado, por exemplo, pela possibilidade desse predicado aparecer no progressivo ou com o verbo *começar*.

<sup>27</sup> Aqui, o verbo correto é mesmo *estar*. Cunha (2005) quer mostrar que estativos com esse verbo são stage-level, mas não são faseáveis.

A ideia de Cunha se fundamenta em um ponto já observado na seção 2.2.2, deste trabalho: o progressivo está ligado com a possibilidade de se descrever um evento em curso, ou seja, na **fase** de desenvolvimento. Além disso, um dos nossos testes para predicados com estágios utiliza exatamente o progressivo e o verbo aspectual *começar*: apenas eventualidades com estágios podem aparecer no progressivo e acarretar seu início – ver teste mais adiante. Cunha (2005) argumenta, então, que há estativos faseáveis (46a) e outros não-faseáveis (46b). Neste trabalho, nós podemos denominá-los, respectivamente, estativos com estágios e sem estágios, a fim de manter um paralelo com o quadro teórico utilizado.

- (46) a. Meu cachorro é/está agressivo.  
b. João tem olhos azuis.

Aqui, uma pergunta importante seria a seguinte: quais critérios existiriam para separar essas classes? Cunha (2005, p. 13-14) propõe, primeiro, que os faseáveis são aqueles que aparecem no progressivo ou com *começar* (47), enquanto os não-faseáveis não aparecem sob tais condições (48).

- (47) a. Meu cachorro está sendo agressivo.  
b. Meu cachorro começou a ser agressivo.  
(48) a. \*João está tendo olhos azuis.  
b. \*João começou a ter olhos azuis.

Um segundo teste, envolve orações temporais e o pretérito: nas sentenças em que o TT (momento de tópico) seja uma oração adverbial temporal do tipo “*quando...*”, só estativos faseáveis aceitam o pretérito perfeito (49a), o que não ocorre com os estativos não-faseáveis (49b).

- (49) a. Quando puxei o rabo dele, meu cachorro *foi agressivo* comigo.  
b. \*Quando completou 20 anos, João *teve os olhos verdes*.

Cunha (2005) sugere ainda um terceiro teste: acompanhados de expressões que indicam habitualidade, apenas os estativos faseáveis formam sentenças aceitáveis (50a), diferentemente dos não-faseáveis (50b).

- (50) a. O meu cachorro sempre é agressivo. (habitualmente)  
b. \*João sempre tem olhos verdes. (habitualmente)

Sendo assim, Cunha (2005) propõe que os predicados estativos possam ser divididos em quatro grupos distintos, considerando as combinações entre stage-level/individual-level e faseáveis/não-faseáveis:

(51) **Os predicados estativos segundo Cunha (2005)**

- a. Estativos individual-level/não-faseáveis: *ser alto, ser brasileiro, ter olhos verdes.*
- b. Estativos individual-level/faseáveis: *gostar de matemática, amar.*
- c. Estativos stage-level/não-faseáveis: *estar fria, estar feliz.*
- d. Estativos stage-level/faseáveis: *ter cólicas, ser amável.*

Olhando para as características gerais dos predicados estativos e para as classes apresentadas por Cunha em (51), acima, os predicados mais importantes para a análise sobre os verbos aspectuais são aqueles chamados de *estativos faseáveis*. Sugerimos que os *estativos faseáveis* possam ser considerados predicados com a propriedade [+estágios] e vamos aplicar um teste para comprovar isso, bem como testes para verificar se eles possuem também a propriedade [+télico].

Quanto à presença de estágios, vamos dizer que um predicado tem a propriedade [+estágios] se a sentença no progressivo acarretar o início. Podemos observar isso com os estativos faseáveis nos exemplos em (52). Os outros estativos, como demonstrado pelo próprio Cunha, não aparecem no progressivo.

- (52) a. João está gostando de matemática. → João começou a gostar de matemática.
- b. Maria está tendo cólicas. → Maria começou a ter cólicas.

Quanto à propriedade de ser télico, o teste em (53a) mostra que os estativos faseáveis não são compatíveis com *em x tempo*, como o são os predicados de accomplishment (53b), que são télicos. Já o teste com *às x tempo* indica que o evento ocorria naquele momento (54a) e não que houve uma mudança de estado, como ocorre quando temos um predicado de achievement (54b) – cf. seção 2.2.2, exemplos em (23).

- (53) a. \*João gostou de matemática em 2 meses.
- b. João escreveu a tese em dois meses.

- (54) a. #Maria teve cólica às 2h.
- b. Maria chegou às 2h.

Considerando que os estativos faseáveis não são télicos, não precisamos aplicar o teste da incrementalidade, já que essa propriedade só é compatível aos predicados de accomplishment que são obrigatoriamente [+estágios; +télico]. Dessa forma, os estativos faseáveis devem ter a propriedade [+estágios; -télico], o que os torna similares aos predicados de atividades.<sup>28</sup>

<sup>28</sup> Uma diferença fundamental seria a leitura habitual no presente do indicativo, que ocorre com as atividades, mas não com os estativos faseáveis.

Neste momento, uma previsão que podemos fazer de antemão é que, considerando que aspectualizadores como *começar*, *parar* e *continuar*, por exemplo, selecionam predicados com a propriedade [+estágios], conforme afirmam Bertucci *et al.* (2010), os estativos faseáveis também deverão ser selecionados por esses verbos, porque também possuem essa propriedade.

Uma segunda previsão é a de que, considerando que os verbos *acabar/terminar* devem selecionar predicados incrementais como argumento (cf. Bertucci 2011), os estativos faseáveis seriam incompatíveis com esses verbos aspectuais.

Tanto essas duas previsões, quanto a ocorrência dos estativos com outros aspectualizadores serão analisadas no próximo capítulo.

Nesta seção, mostramos que os predicados estativos não formam uma classe homogênea em português. A partir do trabalho de Cunha (2005), tomamos a divisão entre estativos faseáveis e não-faseáveis como a mais relevante para o andamento do nosso trabalho, atribuindo aos primeiros, um caráter similar àquele que encontramos com os predicados de atividades.

## 2.6. CONCLUSÕES DO CAPÍTULO

Este capítulo discutiu a composição aspectual de um predicado, com a intenção de mostrar que o aspecto lexical é dado composicionalmente na sentença (conforme assinado no primeiro capítulo). Na primeira seção, 2.1, apresentamos algumas características das classes aspectuais (ter ou não fases; ser ou não télico), sugeridas a partir de Vendler (1957/1967), oferecendo também uma série de testes propostos por Dowty (1979) para a divisão/identificação dessas classes. Como dissemos, ao apresentar as características das classes aspectuais, bem como testes para identificá-las, nossa intenção era encontrar propriedades que fossem relevantes para a seleção de complementos realizada pelos verbos aspectuais.

Na seção 2.2, assumimos a teoria de Rothstein (2004) sobre as classes vendlerianas e discutimos as propriedades [ $\pm$ estágios] e [ $\pm$ télico], que são essenciais para se entender a formação do aspecto lexical e, conseqüentemente, a seleção realizada pelos verbos aspectuais.

A seção 2.3 mostrou que o objeto direto exerce um papel importante na composição do aspecto lexical, podendo alterar as propriedades de um predicado. A intenção, nesse caso, foi mostrar que o aspecto lexical é, de fato, composicional e que essas alterações podem ser decisivas para a seleção ou restrição de um verbo aspectual sobre um determinado predicado, como se verá no capítulo 3.

Na seção 2.4, o foco foram os predicados incrementais. Vimos que predicados de accomplishment podem ser incrementais, mas que isso não é uma característica de toda a classe. Como a incrementalidade é uma propriedade essencial para a seleção realizada

pelos verbos *acabar/terminar*, sugerimos que os predicados de accomplishments pudessem designar a existência (ou não) dessa propriedade com o traço [ $\pm$ incremental].

Finalmente, em 2.5, tratamos dos casos com os predicados estativos. A partir do trabalho de Cunha (2005), tomamos a divisão entre estativos faseáveis e não-faseáveis como a mais relevante para o andamento do nosso trabalho, atribuindo aos primeiros, um caráter similar àquele que encontramos com os predicados de atividades.

O próximo capítulo se dedicará exclusivamente à seleção realizada pelos verbos aspectuais. Veremos quais as propriedades necessárias a um predicado para que ele possa ser selecionado por um aspectualizador. pelos verbos *acabar/terminar*, sugerimos que os predicados de accomplishments pudessem designar a existência (ou não) dessa propriedade com o traço [ $\pm$ incremental].

Finalmente, em 2.5, tratamos dos casos com os predicados estativos. A partir do trabalho de Cunha (2005), tomamos a divisão entre estativos faseáveis e não-faseáveis como a mais relevante para o andamento do nosso trabalho, atribuindo aos primeiros, um caráter similar àquele que encontramos com os predicados de atividades.

O próximo capítulo se dedicará exclusivamente à seleção realizada pelos verbos aspectuais. Veremos quais as propriedades necessárias a um predicado para que ele possa ser selecionado por um aspectualizador. pelos verbos *acabar/terminar*, sugerimos que os predicados de accomplishments pudessem designar a existência (ou não) dessa propriedade com o traço [ $\pm$ incremental].

Finalmente, em 2.5, tratamos dos casos com os predicados estativos. A partir do trabalho de Cunha (2005), tomamos a divisão entre estativos faseáveis e não-faseáveis como a mais relevante para o andamento do nosso trabalho, atribuindo aos primeiros, um caráter similar àquele que encontramos com os predicados de atividades.

O próximo capítulo se dedicará exclusivamente à seleção realizada pelos verbos aspectuais. Veremos quais as propriedades necessárias a um predicado para que ele possa ser selecionado por um aspectualizador. pelos verbos *acabar/terminar*, sugerimos que os predicados de accomplishments pudessem designar a existência (ou não) dessa propriedade com o traço [ $\pm$ incremental].

Finalmente, em 2.5, tratamos dos casos com os predicados estativos. A partir do trabalho de Cunha (2005), tomamos a divisão entre estativos faseáveis e não-faseáveis como a mais relevante para o andamento do nosso trabalho, atribuindo aos primeiros, um caráter similar àquele que encontramos com os predicados de atividades.

O próximo capítulo se dedicará exclusivamente à seleção realizada pelos verbos aspectuais. Veremos quais as propriedades necessárias a um predicado para que ele possa ser selecionado por um aspectualizador.

## CAPÍTULO 3

# VERBOS ASPECTUAIS: A SELEÇÃO DOS COMPLEMENTOS

No primeiro capítulo, tratamos da definição e da estrutura dos verbos aspectuais, diferenciando-os dos verbos de aspecto gramatical. No segundo capítulo, já atentos à complementação dos aspectualizadores, mostramos que as propriedades de um VP são dadas composicionalmente, especialmente no que diz respeito ao aspecto lexical (*Aktionsart*), que é aquele ao qual estão relacionados os verbos aspectuais.

Este terceiro capítulo tem como objetivo central investigar as propriedades que estão em jogo na seleção que um verbo aspectual faz de seu complemento. Como se sabe, esses verbos impõem certas restrições quanto ao tipo de complemento que selecionam e nossa intenção aqui é explicar por que tais restrições ocorrem. Este capítulo se justifica porque, como defende Freed (1979, p. 47), “uma boa descrição dos aspectualizadores passa por uma análise dos seus complementos e da natureza aspectual desse complemento”. Ou ainda, como afirmam Oliveira et al. (2001, p. 380): “os operadores [verbos aspectuais] parecem ser sensíveis às classes das eventualidades com que se combinam”. No entanto, mais do que especificamente a classe a que se combinam, este capítulo investiga a(s) propriedade(s) envolvida(s) na seleção de um predicado feita por um aspectualizador.

Desde o início de nosso trabalho com a classe dos verbos aspectuais, havia uma pergunta intrigante: por que sentenças como aquelas mostradas em (1) são bem formadas, enquanto outras, como aquelas mostradas em (2), não são aceitáveis em PB?

- (1)
- a. Pedro *começou a/ voltou a/ passou a* comprar livro.
  - b. Pedro *continua* comprando livro.
  - c. Pedro *deixou del/ parou del/* comprar livro.
- (2)
- a. \*Pedro *começou a/ voltou a/ passou a* comprar o livro.
  - b. \*Pedro *continua* comprando o livro.
  - c. \*Pedro *deixou del/ parou de* comprar o livro.

Foi por isso que, no capítulo anterior, mostramos que as propriedades dos predicados podem ser alteradas, por exemplo, pelo objeto direto e essa alteração pode (ou não) permitir que a sentença ocorra com alguns verbos aspectuais. É isso o que podemos observar nas sentenças acima com a mudança do singular no *livro* (1) para o definido singular o *livro* (2). Na seção 3.2, falaremos dessa mudança.

Ainda sobre a diferença na seleção de complementos, desejávamos saber por que *passar* e *deixar* aparecem com estativos, mas *começar* e *parar*, verbos semelhantes aos primeiros, não, como se vê em (3), a seguir.

- (3) a. Pedro *passou* *al* *deixou* *de* ser brasileiro (depois da naturalização).  
 b. \*Pedro *começou* *al* *parou* *de* ser brasileiro (depois da naturalização).

Finalmente, uma última questão a respeito da seleção realizada pelos verbos aspectuais dizia respeito à restrição de *acabar/terminar*, que só apareciam com predicados de accomplishment, como se vê nos exemplos em (4a-b), mas não com predicados de achievement (4c), de estado (4d) e de atividade (4e-f).

- (4) a. Pedro *acabou/terminou* *de* escrever o soneto.  
 b. Pedro *acabou/terminou* *de* comprar os livros.  
 c. \*Pedro *acabou/terminou* *de* chegar.  
 d. \*Pedro *acabou/terminou* *de* ser brasileiro.  
 e. #Pedro *acabou/terminou* *de* correr.  
 f. \*Pedro *acabou/terminou* *de* comprar livros.

Neste terceiro capítulo, procuramos desenvolver uma análise que simplifique ao máximo as questões em torno da seleção dos verbos aspectuais, olhando especialmente para as propriedades do predicado selecionado.

O capítulo está assim organizado: na seção 3.1, mostramos trabalhos anteriores sobre a seleção de complementos dos aspectualizadores; na seção 3.2, tratamos da seleção de complementos dos verbos *começar* e *parar*, que exigem, basicamente, a presença da propriedade [+estágios] no predicado selecionado, e dos verbos *passar*, *deixar*, *continuar* e *voltar*, que têm uma seleção mais livre. Já na seção 3.3, verificamos a seleção realizada pelos verbos *acabar/terminar*. Finalmente, na seção 3.4, voltamos aos casos com complementos DPs, apresentados brevemente no primeiro capítulo. De modo geral, veremos que esses DPs ou têm as mesmas propriedades dos predicados VPs selecionados pelos aspectualizadores, ou fazem parte de um VP em que o verbo que os seleciona está implícito (dado pelo contexto).

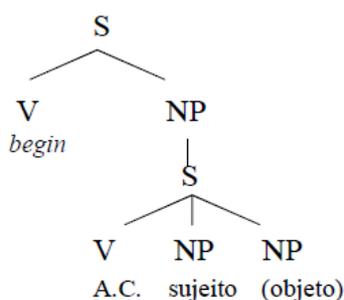
### 3.1. TRABALHOS ANTERIORES SOBRE A SELEÇÃO DOS ASPECTUALIZADORES

Nesta seção, apresentaremos trabalhos anteriores que trataram da questão dos complementos dos aspectualizadores. Ao apresentar os diferentes trabalhos, nossa intenção é defender que uma análise que olhe para as propriedades presentes no predicado selecionado, como pretendemos fazer neste capítulo, tem algumas vantagens.

Na literatura, há uma série de trabalhos que propuseram explicar a seleção que se verifica com os verbos aspectuais. Newmeyer (1975), por exemplo, considera que os verbos da *classe de começar* (*begin-class*), basicamente aqueles tratados na presente pesquisa, são predicados de um lugar que tomam NP (sintagma nominal) como complemento e esse NP denota sempre uma proposição inteira (Newmeyer, 1975, p. 8), como se vê na estrutura em (5), baseada naquela apresentada pelo autor. Para ele, o verbo que faz parte da proposição deve denotar uma “atividade que continua” (Newmeyer 1975, p. 36).

(5)

(cf. Newmeyer, 1975, p. 46)



Como se vê na estrutura, o NP que o verbo da *classe de começar* toma como complemento denota uma proposição, cuja sentença (S) é formada por um verbo (V) de atividade – no caso, uma atividade que continua (A.C.) –, um sujeito (NP) e um objeto (NP), nos casos em que o verbo de atividade é transitivo.

A intuição de Newmeyer é interessante: no complemento do verbo aspectual é preciso que haja um verbo de atividade. Isso parece correto e vai ao encontro de outros trabalhos sobre o tema, como Freed (1979), que mantém a noção de atividade presente nos complementos, Dascal (1982), Rochette (1993; 1999) e Bertucci *et al.* (2010), para quem os verbos aspectuais selecionam predicados que denotem eventualidades com fases ou estágios, o que intuitivamente está relacionado com a ideia de atividade (ver capítulo 2 desta pesquisa).

No entanto, o fato dos verbos aspectuais selecionarem NPs não encontra eco em outros trabalhos sobre o tema. Também na presente pesquisa, defendemos que esses verbos selecionem VPs como complementos – com exceção de alguns casos em que alguns verbos aspectuais selecionam DPs.

Além disso, propor que o verbo que está no complemento do aspectualizador precisa denotar “uma atividade que continua” não explica i) nem as propriedades que estão



- (7a) a. Les invités continuent à arriver. (Lamiroy, 1987, pp. 283; 286)  
 ‘Os convidados continuam chegando’  
 b. Jean a commencé à savoir qu’Anne le trompait peu avant de soutenir sa thèse.  
 ‘João começou a saber que a Ana o enganava pouco antes de defender sua tese’

Lamiroy (1987) explica as sentenças em (7) a partir de dois pontos: para ela, (7a) é um exemplo de *multiplicação de evento* ou uma *série de eventos*, o que não é meramente de caráter aspectual, mas um meio termo entre aspecto e tempo; para o estativo (7b), Lamiroy diz que essa classe não tem fronteiras (início e fim) e, por isso, o papel do modificador é justamente o de atribuir uma fronteira ao estado, o que permite a presença do modificador. Sobre esses casos, Lamiroy (1987, pp. 287-288) diz que

as duas operações [multiplicação de eventos e criação de fronteira] têm em comum o fato de que os chamados verbos aspectuais, quando seguidos por um complemento estativo no infinitivo [predicado de estado], na verdade não expressam mais aspecto, mas pertencem à subcategoria temporal da serialização.

Os exemplos de Lamiroy em (6a) e (7a) se comportam de modo igual em PB. No capítulo anterior, mostramos que definidos plurais (os *convidados*, no caso acima) mudam as propriedades do predicado formado com um verbo como *chegar*, o que parece estar permitindo a ocorrência do verbo aspectual em (7a), mas não em (6a).

Com relação aos exemplos em (6b) e (7b), se forem aceitáveis em PB, entram na lista dos predicados de estado faseável, conforme a análise de Cunha (2005) que adotamos também no capítulo anterior.

Com isso, defenderemos neste capítulo que os verbos aspectuais selecionam os predicados conforme as propriedades destes últimos. As vantagens dessa proposta são as seguintes: i) mantemos a ideia de que o aspecto lexical é dado composicionalmente no predicado e que os elementos que o compõem podem mudar suas propriedades (ver capítulo 2), permitindo ou não a presença de um verbo aspectual; ii) as propriedades exigidas pelos verbos aspectuais são as mesmas nos diferentes casos analisados e iii) não precisamos recorrer a uma saída temporal, como o faz Lamiroy em seu trabalho para tratar dos casos em (6) e (7): os verbos aspectuais continuam aspectuais e o que ela chama de *serialização* pode ser tratado simplesmente como *subeventos* de uma eventualidade maior (em paralelismo com o que ocorre nas atividades).

Rochette (1993; 1999) propõe que os verbos aspectuais selecionem complementos da categoria *ação*, que denotam um *processo* ou *atividade*. Ao dizer que esses verbos selecionam complementos da categoria *ação*, Rochette (1993; 1999) quer ressaltar a

(quase) não-ocorrência desses verbos com predicados de estado (com exceção dos casos apresentados por Lamiroy e levados em conta por Rochette).

Rochette (1999, p. 154-155) afirma que adota a proposta de Pustejovsky (1991), “que junta atividades e accomplishments como uma classe natural, caracterizada em termos da categoria semântica *processo*”. Assim, Rochette identifica os complementos dos verbos aspectuais como *verbos de processo*, o que explicaria sua ampla ocorrência com predicados de atividades e accomplishments e sua restrição com predicados de estado e achievements. Para a autora, “é possível afirmar que os verbos aspectuais sejam caracterizados como verbos que semanticamente selecionam um processo” (Rochette 1999, p. 159).

No entanto, para os casos em que os aspectualizadores aparecem ao lado de estativos ou achievements (como mostramos acima, com Lamiroy 1987), Rochette assume que tais predicados, complementos dos verbos aspectuais, sejam da categoria *processo*, seguindo a análise geral que ela havia sugerido para os aspectualizadores.

Embora o trabalho de Rochette apresente semelhanças com aquilo que vamos sugerir, é possível antecipar algumas diferenças: i) não falamos em categoria dos verbos (*processo* ou *estado*, por exemplo), mas nas propriedades que um predicado VP deve ter para ser selecionado por um aspectualizador; ii) no capítulo 2, já mostramos como são dadas as propriedades dos predicados, justificando a inclusão de um determinado predicado numa determinada classe (por exemplo, alguns estativos na classe dos estativos faseáveis), explicando como é possível incluir estativos na classe dos “verbos de processo”, análise que não é apresentada por Rochette; iii) vamos assumir que os verbos aspectuais não formam necessariamente uma classe homogênea no que diz respeito à seleção de seus complementos, o que explica adequadamente os dados com esses verbos. Por isso, assumir uma única característica (*processo*, por exemplo), não nos permitiria explicar a ocorrência ou restrição de determinados verbos aspectuais com alguns predicados. Por isso nossa opção pelas propriedades dos predicados.

Como se viu até aqui, em nenhum dos trabalhos apresentados encontramos uma discussão sobre as propriedades que um determinado predicado precisa ter para ser selecionado pelos verbos aspectualizadores. Além disso, esses mesmos trabalhos tratam os verbos aspectuais como uma classe homogênea, em que os complementos parecem ter todos as mesmas características com relação a todos os aspectualizadores, fato que não está de acordo com as observações a serem apresentadas no presente capítulo.

Por isso, depois de apresentar como alguns autores trataram a questão da seleção de complementos realizada pelos verbos aspectuais, podemos partir para as nossas próprias considerações sobre a seleção dos verbos aspectuais, considerando os verbos aspectuais como verbos diferentes com relação às exigências feitas aos predicados que tomam como complemento.

### 3.2. A SELEÇÃO DE COMPLEMENTOS DOS VERBOS ASPECTUAIS

Nesta seção, trataremos das propriedades presentes nos predicados selecionados pelos verbos aspectuais. Vamos assumir, diferentemente do que vimos em trabalhos anteriores, e conforme mostrado na seção acima, que a seleção dos complementos não é homogênea, já que cada aspectualizador pode fazer um tipo de exigência com relação à propriedade mais relevante do seu complemento. Vamos mostrar que a propriedade [+estágios] é importante para alguns verbos, tais como *começar* e *parar*, mas não necessariamente para verbos como *passar*, *deixar*, *continuar* e *voltar*.

Tanto no capítulo 2, quanto no início do presente capítulo, mostramos que os verbos aspectuais impõem restrições quanto ao tipo de predicado que selecionam.

Dascal (1982) afirma que verbos como *começar*, *parar* e *acabar* selecionam predicados nos quais seja possível se identificar fases (ver também Boff 2003, sobre o verbo *começar*) e Rochette (1999) argumenta que verbos aspectuais selecionam predicados que descrevem um processo. Nos dois casos, o que parece comum aos autores é a ideia de que verbos aspectuais, por expressarem um momento específico da eventualidade (o começo ou o fim, por exemplo), exigem complementos que tenham esses momentos identificáveis. Ao longo desta seção, mostraremos que a condição de fases (ou *estágios*, na terminologia adotada aqui) pode ser suficiente em alguns casos (*começar* e *parar*), não suficiente em outros (*acabar* e *terminar*) e até mesmo não necessária para alguns (*passar*, *continuar*, *deixar* e *voltar*).

Seguindo Bertucci, Lunguinho e Paraguassu (2010), vamos assumir como primeira hipótese que verbos aspectuais como *começar* e *parar* selecionam predicados com a propriedade [+estágios], ou seja, predicados de accomplishment e de atividade. É isso o que temos, basicamente em (8), a seguir.

- (8) a. Pedro *começou a/ parou de* cantar.  
b. Pedro *começou a/ parou de* escrever o soneto.

Vimos no capítulo anterior que os predicados de atividade são compostos pelas propriedades [+estágios;-télico] e os predicados de accomplishment por [+estágios;+télico]. Se *começar* e *parar* são compatíveis com esses dois tipos de predicado, podemos concluir que a propriedade relevante para a seleção desses verbos é, de fato, [+estágios] e que a propriedade [±télico] não influencia na seleção realizada por esses verbos. Isso explica também a não ocorrência desses verbos com predicados de achievement (9a) e de estado (9b), porque esses predicados têm, respectivamente, as propriedades [-estágios;+télico] e [-estágios;-télico].

- (9) a. \*Pedro *começou a/ parou de* comprar o livro.  
b. \*Pedro *começou a/ parou de* ser brasileiro.

No entanto, como mostrado no capítulo anterior, a composição da estrutura aspectual de uma sentença – ou, no caso dos verbos aspectuais, a composição aspectual do

predicado (VP) que eles selecionam – leva em conta diversos elementos, especialmente o objeto direto nas sentenças compostas por verbos transitivos (cf. Dowty 1979; Tenny 1994; Krifka 1989; 1992; 1998; Rothstein 2004; Verkuyl 2005; Wachowicz 2008, entre outros).

No capítulo anterior, vimos que um VP que denota um achievement (*comprar o livro*, por exemplo) não possui a propriedade [+estágios], o que o impede de ser selecionado pelos verbos aspectuais: não tendo estágios, o VP que denota um achievement não pode ser modificado por verbos aspectuais do tipo *começar* ou *parar* (9a).<sup>1</sup> No entanto, essa restrição desaparece com a mudança no tipo de objeto direto que estiver como complemento do VP: se ele for um plural nu (10a), um singular nu (10b) ou um definido plural (10c), a seleção dos verbos aspectuais acontece normalmente.

- (10) a. Pedro *começou a/parou de* comprar livros.  
 b. Pedro *começou a/parou de* comprar livro.  
 c. Pedro *começou a/parou de* comprar os livros.

Seguindo a hipótese inicial de que os verbos *começar* e *parar* selecionam apenas predicados com a propriedade [+estágios], os predicados em (10a), *comprar livros*, em (10b), *comprar livro*, e em (10c), *comprar os livros*, devem ser compostos com essa propriedade, já que são perfeitamente aceitáveis na língua. Também no segundo capítulo, apresentamos testes que comprovavam que esses predicados se comportam como predicados de atividade ou accomplishment (no caso de *comprar os livros*), tendo, portanto, a propriedade [+estágios].

Ainda voltando ao capítulo anterior, vimos que alguns predicados considerados de estado podem se comportar como predicados de atividade – o que equivale dizer que têm a propriedade [+estágios]. Assim, a previsão é de que possam aparecer com *começar* e *parar*. Já havíamos mostrado que Cunha (2005) sugere que a presença de *começar* é um indicativo de que estamos tratando de um predicado de estado faseável. Logo os exemplos com *começar* são naturalmente esperados. Os dados a seguir incluem casos com *começar* e *parar*.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> A sentença em (9a) pode ser aceita se descrever uma iteração.

<sup>2</sup> Diferentes autores (cf. Cunha 1998 e Rochette 1999, por exemplo) mostram que as sentenças com *parar* ou *stop*, seu equivalente em inglês, seguido de um estativo faseável não são totalmente aceitáveis nas línguas, como o são os casos com *começar*. Esse fato se soma a outros, como os mostrados em (A-B), a seguir.

- A:  
 i. Pedro começou a achar a solução do problema.  
 ii.\*Pedro parou de achar a solução do problema.  
 B:  
 i. A flor começou a morrer.  
 ii.\*A flor parou de morrer.

Esses autores atribuem a não-aceitabilidade das sentenças com *parar* (ou *stop*) nesses contextos ao fato de que as atividades (*processos*, na denominação dos autores) que compõem um evento estativo faseável ou um accomplishment derivado (A-B) são derivadas, ou seja, não fazem parte da estrutura aspectual do predicado que denota tal tipo de eventualidade. Para nós, no entanto, essa agramaticalidade vem do fato desses eventos denotarem uma atividade ou processo que se desenvolve naturalmente até um fim igualmente natural/esperado, que não se combina com a interrupção denotada por *parar*. Esse desenvolvimento natural/esperado explicaria também a não-aceitabilidade dos casos com *parar* em (C), a seguir, diferentemente dos casos com *começar*.

- C:  
 i. O abacate começou a madurar.  
 ii.\*O abacate parou de madurar.

- (11) a. Pedro *começou a/parou de* gostar de carro.  
 b. Pedro *começou a/parou de* amar a Maria.  
 c. Maria *começou a/parou de* ser educada.

Todos esses fatos nos fazem concluir que, de fato, a propriedade requerida na seleção dos aspectualizadores *começar* e *parar* seja [+estágios].

Por outro lado, alguns aspectualizadores aparecem com predicados com essa propriedade (12), mas não a exigem como requisito básico. É o caso de *continuar*, *deixar*, *passar* e *voltar*, que aparecem também com alguns predicados de estado não-faseáveis (13), que carregam, portanto, a propriedade [-estágios]. Vejamos, os dados.

- (12) a. Pedro *continua* cantando.  
 b. Pedro *deixou del/ passou a/ voltou a* cantar.  
 c. Pedro *continua* escrevendo o soneto.  
 d. Pedro *deixou del/ passou a/ voltou a* escrever o soneto.
- (13) a. Pedro *continua* sendo brasileiro (apesar da naturalização/ com a anulação da naturalização).  
 b. Pedro *deixou del/ passou a/ voltou a* ser brasileiro (com a naturalização/com a a anulação da naturalização).  
 c. Pedro *continua* sendo o gerente da loja.  
 d. Pedro *deixou del/ passou a/ voltou a* ser o gerente da loja.

Os dados em (12) apresentam predicados com a propriedade [+estágios]: *cantar* e *escrever* o soneto, respectivamente, predicados de atividade e accomplishment. Já os dados em (13) apresentam predicados de estado (*ser brasileiro* e *ser o gerente da loja*), com a propriedade [-estágios], porque, seguindo a seção 2.5 do capítulo anterior, esses predicados denotam eventualidades de estados individual-level/não-faseáveis. Assim como vimos em relação a *começar* e *parar*, esses verbos também não levam em conta a propriedade [±télico] para fazer a seleção de seus complementos.

No entanto, é importante dizer que nem todos os predicados que possuem a propriedade [-estágios] são selecionados pelos aspectualizadores em questão. Os casos com predicados de achievements são inaceitáveis em PB (14) e os casos com estativos cuja propriedade seja inerente e que seja praticamente impossível mudá-la também não são aceitos (15).<sup>3</sup>

- (14) a. \*Pedro *continua* chegando  
 b. \*Pedro *deixou del/ passou a/ voltou a* chegar.

<sup>3</sup> Vale lembrar que uma sentença que descreva iteração, como em *A torcida continua chegando* é perfeitamente aceitável. Além disso, os casos em (15) são aceitáveis em contextos (e mundos possíveis) em que a mudança de estado possa acontecer.

- (15) a. \*/??Pedro *continua* tendo olhos azuis (apesar da cirurgia).  
 b. \*Pedro *deixou del/ passou al/ voltou a* ter olhos azuis (depois da cirurgia).  
 c. \*Pedro *continua* sendo alto (depois que tomou o remédio).  
 d. \*Pedro *deixou del/ passou al/ voltou a* ser alto (depois que tomou o remédio).

Se considerarmos os testes realizados no capítulo anterior, seção 2.5, tanto os predicados *ser brasileiro/ ser gerente da loja*, quanto os predicados *ter olhos azuis/ ser alto* são estativos individual-level (não são compatíveis com o modificador às x tempo, por exemplo) e não-faseáveis (são ruins no progressivo, por exemplo). No entanto, poderíamos dizer que a diferença entre os primeiros e os segundos é que os primeiros denotam propriedades passíveis de mudança, por alguma motivação; nos exemplos em (13), essa motivação são as leis (de naturalização e trabalho). Apesar disso, não se pode dizer que os predicados tenham a propriedade [+estágios] e é por isso que não são compatíveis com os aspectualizadores *começar* e *parar*.

Alguém poderia nos questionar se nos casos em (13), *ser brasileiro* e *ser o gerente da loja* não são predicados estativos stage-level. No entanto, se fosse assim, esperaríamos que *continuar, deixar, passar* e *voltar* fossem compatíveis com outros predicados de estado stage-level e não-faseáveis, como *estar feliz* (ver capítulo 2). Mas isso não ocorre.

- (16) a. \*Pedro *deixou del/ passou al/ voltou a* estar feliz.  
 b. \*Pedro *continua* estando feliz.

Portanto, o que podemos fazer aqui é apenas uma descrição dos fatos, dizendo que esses verbos aspectuais, quando selecionam predicados de estado [-estágios; +individual-level], requerem que a eventualidade possa sofrer algum tipo de mudança, mas que não se torne uma eventualidade transitória, com a propriedade [+stage-level]. Em geral, como se trata de um estativo individual-level, essa mudança é inesperada, daí a continuação entre parênteses, nos exemplos em (13). Por outro lado, *começar, parar* e *acabar/terminar* exigem a propriedade [+estágios], por isso não são compatíveis com *ser brasileiro* ou *estar feliz*.

Uma questão importante que envolve basicamente os verbos *passar* e *deixar* e que nos foi indicada por diversos falantes do PB é a alteração no objeto direto de predicados de accomplishment (17a). Esses predicados são selecionados por todos os verbos aspectuais, mas as sentenças com *passar* e *deixar* parecem mais naturais (ou produtivas) quando o objeto direto é um termo que denota uma pluralidade, especialmente com nominais nus (17b-c), do que quando é um termo que denota uma entidade singular, como se tem em (17a).

- (17) a. Pedro *passou al/ deixou de* escrever o soneto.  
 b. Pedro *passou al/deixou de* escrever soneto.  
 c. Pedro *passou al/ deixou de* escrever sonetos.

Embora a sentença em (17a) seja aceitável, ela descreve um evento único e isolado e, por isso, vários falantes do PB nos indicaram que as sentenças com nominais nus (17b-c) são mais naturais, por denotarem uma repetição do evento. Tal fato nos levou a considerar que *passar* e *deixar* estejam relacionados com uma atividade que perdura no tempo, como acontece com os hábitos – seguindo a intuição de diversos falantes da língua. No capítulo 4, quando tratarmos da semântica desses verbos, vamos discutir melhor essa questão.

Nesta seção, mostramos que os aspectualizadores *começar* e *parar* selecionam predicados com a propriedade [+estágios] e que *continuar*, *deixar*, *passar* e *voltar* têm uma seleção mais livre, aceitando também alguns predicados de estado (sem essa propriedade). No entanto, estes últimos verbos impõem algumas restrições aos predicados de estado [-estágios], as quais ficam por conta, possivelmente, do conhecimento de mundo: quando um predicado marcado como [-estágios] pode ser alterado, ou seja, quando pode haver uma mudança de estado, sua co-ocorrência com tais verbos aspectuais é possível. Além disso, os dados nos mostraram que a propriedade [±télico] não exerce qualquer influência na seleção que os verbos *começar*, *parar*, *continuar*, *deixar*, *passar* e *voltar* fazem de seu complemento. Na próxima seção, trataremos dos complementos dos verbos *acabar/terminar*, que exigem a propriedade [+incremental], presente em vários predicados de accomplishment, que naturalmente têm as propriedades [+estágios;+télico].

### 3.3. A INCREMENTALIDADE DOS COMPLEMENTOS DE ACABAR/TERMINAR

Como mostrado ao longo deste trabalho, *acabar/terminar* exigem que seu VP complemento tenha as propriedades [+estágios;+télico], ou seja, eles selecionam apenas predicados que denotam eventualidades accomplishments (para outras línguas, ver Da Cruz 1995; Fukuda 2006 entre outros). No entanto, esta seção argumentará que o predicado selecionado por *acabar/terminar* precisa denotar, mais que um accomplishment, um evento *incremental*, i.e., composto por estágios e uma mudança de estado, como em *escrever o soneto*, *construir a casa*, *ler o livro* etc., conforme foi demonstrado na seção 2.4, no capítulo anterior.

Naquela seção, vimos também que definidos plurais na posição de objeto direto podem contribuir para a formação de um predicado incremental (*comprar os livros*, por exemplo), quando o núcleo do VP for um verbo de mudança de estado instantânea (*comprar*, por exemplo). Mostramos também que, apesar de serem considerados predicados que denotam accomplishments, *andar três quilômetros*, *correr até a loja*, *dormir até meio-dia*, entre outros, não são incrementais, porque não há uma mudança de estado, nem um argumento-tema que sofre tal mudança.

Nesta seção, vamos relacionar a propriedade [+incremental] à seleção realizada por *acabar/terminar*, o que significa que apenas predicados com essa propriedade são

selecionados por esses verbos. Consequentemente, predicados como *construir a casa*, *escrever o soneto* ou *comprar os livros* podem co-ocorrer com tais verbos aspectuais, mas outros predicados como *andar três quilômetros*, *correr até a loja* ou *dormir até meio-dia*, não co-ocorrem.

Embora não tenham desenvolvido amplamente sua análise, Bertucci, Paraguassu e Lunguinho (2009) já tinham mostrado que, em PB, *terminar* é um verbo aspectual que seleciona apenas predicados de accomplishment como complemento, como se vê em (18a). Ele não seleciona predicados de atividade (18b), de estado (18c) ou de achievement (18d). Aqui, acrescentamos o verbo *acabar*, ao lado de *terminar*.

- (18) a. Pedro *acabou/terminou de* construir a casa.  
 b. #Pedro *acabou/terminou de* dançar.  
 c. \*Pedro *acabou/terminou de* ser alto.  
 d. #Pedro *acabou/terminou de* comprar o livro.

Verbos de mudança de estado instantânea (tais como vimos na seção 2.4) podem ser núcleos de VPs selecionados por *acabar/terminar*, desde que o tema seja delimitado e plural, como se vê em (19b).

- (19) a. #Pedro *acabou/terminou de* vender *a lata/latas/lata*.  
 b. Pedro *acabou/terminou de* vender *as latas/todas as latas*.

Aqui, vamos modificar um pouco a consideração feita em Bertucci *et al.* (2009) e dizer que *acabar/terminar* selecionam predicados incrementais. Dessa forma, levando em conta a análise sobre predicados incrementais feita em 2.4, no capítulo 2, podemos dizer que a propriedade [+incremental] é aquela exigida por esses verbos e que não está presente nos casos em (18b), com predicado de atividade, em (18c), com predicado de estado e em (18d), com predicado de achievement. Em (19a), essa propriedade também não está presente porque, ou temos um predicado de achievement (*vender a lata*) ou temos um predicado de atividade (*vender lata/latas*). Por outro lado, os predicados em (18a) e (19a), *construir a casa* e *vender as latas/todas as latas*, possuem a propriedade [+incremental] e, por isso, são selecionados por *acabar/terminar*.

Ao considerarmos que [+incremental] é a propriedade exigida por esses verbos aspectuais, podemos explicar por que eles não selecionam qualquer tipo de predicado que denota um accomplishment: embora as sentenças em (20), a seguir, descrevam eventualidades accomplishments, porque os sintagmas *três quarteirões*, *até a loja* e *até meio-dia* medem, respectivamente, as atividades de andar, correr e dormir (cf. Tenny 1994;

Rothstein 2004 entre outros), seus predicados não aparecem em sentenças com *acabar/terminar*, como se vê em (21).<sup>4</sup>

- (20) a. Pedro andou três quarteirões.  
 b. Pedro correu até a loja.  
 c. Pedro dormiu até meio-dia.
- (21) a. \*Pedro acabou/terminou de andar três quarteirões.  
 b. \*Pedro acabou/terminou de correr até a loja.  
 c. \*Pedro acabou/terminou de dormir até meio-dia.

Ainda no segundo capítulo (seção 2.4), vimos que tais predicados são considerados predicados de accomplishment, mas não são incrementais: há um evento que ocorre em estágios e é télico, mas não há um argumento-tema que sofre uma mudança de estado durante o processo.

Essa restrição de seleção dos verbos *acabar/terminar* está diretamente ligada à contribuição semântica que esses verbos dão para o significado da sentença. Como dissemos anteriormente, os predicados incrementais possuem uma culminação, ou um *upper bound* na nomenclatura de Rothstein (2004). No capítulo 4, vamos propor que os verbos *acabar/terminar* expressam o upper bound de uma eventualidade incremental e, por isso, selecionam só esse tipo de predicado.

Vamos esclarecer que os verbos *começar* e *parar* (22a-b) selecionam predicados com a propriedade [+incremental], porque ela pressupõe a existência de estágios. *Continuar* e *voltar* (22c-d) também selecionam predicados com tal propriedade, porque também selecionam predicados com estágios.

- (22) a. Pedro começou a construir a casa.  
 b. Pedro parou de construir a casa.  
 c. Pedro continuou construindo a casa.  
 d. Pedro voltou a construir a casa.

Por outro lado, *passar* e *deixar* (23a-b), embora apareçam com esse tipo de predicado, parecem impor uma coerção sobre o predicado a fim que ele denote um estado que *passou a existir* ou *deixou de existir* e não um evento incremental que foi iniciado ou que foi abandonado. Falaremos mais sobre isso no próximo capítulo e ligaremos esse fato à semântica desses verbos aspectuais.

- (23) a. Pedro passou a construir a casa (com dinheiro financiado).  
 b. Pedro deixou de construir a casa (com dinheiro financiado).

<sup>4</sup> Os casos com *acabar* em (21) são aceitáveis se esse verbo estiver expressando o aspecto retrospectivo (ver capítulo 1).

Nesta seção, consideramos que a propriedade [+incremental] é aquela exigida pelos verbos *acabar/terminar* e mostramos diversos casos que corroboram essa análise. Por ser uma propriedade que envolve a presença de estágios, ela é aceita também pelos verbos *começar, continuar, parar e voltar*. Já com *passar e deixar*, o predicado parece não denotar um evento incremental, mas um estado novo que *passou a existir* ou *deixou de existir*. Na próxima seção, falaremos um pouco dos complementos DPs que aparecem com os verbos aspectuais e mostraremos que as propriedades exigidas para os complementos VPs são as mesmas exigidas para os complementos DPs.

### 3.4. VERBOS ASPECTUAIS E COMPLEMENTOS DP

Nesta seção, trataremos dos casos em que os verbos aspectuais são complementados explicitamente por DPs e não por VPs. Essa é uma discussão de longa data na literatura (cf. Perlmutter 1970; Brinton 1988; Rochette 1988; 1993; 1999, entre outros) e sua importância reside no fato de sabermos que tipos de propriedades estão em jogo nesse tipo de complementação, a fim de verificarmos se o padrão de seleção dos verbos aspectuais é o mesmo quando se trata de VPs ou DPs complementos. Além disso, num trabalho anterior, verificamos que crianças adquirindo verbos aspectuais tendem a utilizar DPs complementos antes de VPs em PB (cf. Bertucci 2010), mas as propriedades que estão em jogo na seleção são as mesmas para VPs e DPs. Se esse é o tipo de complemento adquirido primeiro na língua, é pertinente que sejam comparados com os complementos posteriores (VPs).

Como se sabe, os aspectualizadores podem ser complementados também por DPs e, nesses casos, eles costumam ser chamados de *verbos plenos*. Para Wachowicz (2007), os verbos aspectuais mantêm a estrutura de transitividade e atribuição temática nos contextos em que são verbos plenos – como em (24a) – e naqueles em que são complementados por um VP – como em (24b). Alguns trabalhos sobre o tema argumentam que há casos em que parece haver um VP no complemento dos aspectuais (cf. Perlmutter 1970, Brinton 1988, Rochette 1999, entre outros). Por isso, casos com um DP, como (24), poderiam ser parte de uma estrutura mais complexa, com um VP, como em (25), dependendo do contexto.

- (24) a. João começou [DP o livro].  
 b. João acabou [DP o livro].
- (25) a. João começou a [VP *escrever/ler/revisar/corrigir* o livro].  
 b. João acabou de [VP *escrever/ler/revisar/corrigir* o livro].

As sentenças em (24) de fato parecem ser correspondentes a (25). Nesse caso, podemos considerar que o verbo aspectual toma como complemento um sintagma verbal (VP), ao invés de um sintagma nominal (DP), embora o núcleo do VP, o verbo, esteja ausente da estrutura. Num contexto em que se sabe, por exemplo, que João deve ler um livro específico para a prova, as sentenças em (24) podem descrever o evento de leitura João, sem que haja a necessidade do verbo *ler* estar explícito na sentença.

No entanto, a possibilidade de haver um VP implícito não é clara para outras ocorrências, como vemos em (26), a seguir. Nesses casos, o DP não parece fazer parte de uma estrutura mais complexa, com um VP (27), como se atribuiu acima para os casos em (24).

- (26) a. Começou o jogo.  
 b. Acabou o jogo.
- (27) a. começou a [VP \_\_\_\_ o jogo].  
 b. acabou de [VP \_\_\_\_ o jogo].

É difícil se encontrar um verbo adequado para preencher as lacunas em (27) que mantenha o significado expresso pelas sentenças em (26), tal como fizemos com (24) e (25), acima. Os sintagmas verbais em (26) denotam eventos (com estágios) e, por isso, não precisam fazer parte de uma estrutura complexa (com VP) para que os verbos aspectuais *começar* e *acabar* possam selecioná-los. Além disso, tanto com complementos VPs, quanto com DPs, os verbos aspectuais mantêm seu significado na sentença, fato que nos motivou a lhes atribuir um caráter lexical (ver capítulo 1).

Mas, apesar da possibilidade dos verbos aspectuais aceitarem ser complementados por DPs, eles só aceitam esse tipo de complementação se i) o DP denotar um evento com as mesmas propriedades das classes aspectuais que ele seleciona – *o jogo* em (26), por exemplo – ou ii) o DP for apenas uma parte de um VP implícito – *o trabalho* em (24-25), por exemplo.<sup>5</sup> Vejamos o primeiro ponto.

Seguindo as restrições de seleção que vimos na seção 3.2, os verbos aspectuais *começar* e *parar* só devem selecionar DPs se eles denotarem um evento com estágios. É exatamente para isso que os dados apontam (28).

- (28) a. [DP A chuva] começou/parou.  
 b. [[DP O jogo] começou/parou.  
 c. João começou/parou [DP o trabalho].  
 d. #[DP A chegada] começou/parou.

<sup>5</sup> Podemos pensar que, apenas nos casos de verbo transitivo, há um VP implícito.

Nos casos em (28a-c), as eventualidades *a chuva*, *o jogo* e *o trabalho* têm estágios/subeventos e, por isso, aparecem como complementos dos verbos aspectuais. Já o caso em (28d) não é plenamente aceitável porque a *chegada* é uma eventualidade sem estágios e instantânea (achievement). Grosso modo, podemos dizer que esses substantivos correspondem a seus verbos (*chover*, *jogar*, *trabalhar* e *chegar*) e carregam as mesmas propriedades demonstradas anteriormente: *chover/chuva*= [+estágios;-télico]; *jogar/jogo* e *trabalhar/trabalho*= [+estágios; +télico]; *chegar/chegada*= [-estágios; +télico].<sup>6</sup>

Por outro lado, seguindo as restrições observadas na seção 3.3, *acabar/terminar* só selecionam DPs se eles denotarem um evento com estágios/partes e com um ponto final. Esse evento ocorre passo a passo (em estágios) e muda de estado também passo a passo, exatamente como ocorre com os eventos incrementais. Assim, podemos dizer que apenas DPs que denotam eventualidades incrementais, podem aparecer com *acabar/terminar*, como se vê nos exemplos em (29).

- (29) a. #[DP A chuva] terminou/acabou.  
 b. [DP O jogo] terminou/acabou.  
 c. João terminou/acabou [DP o trabalho].<sup>7</sup>  
 d. #[DP A chegada] terminou/acabou.

Em (29b-c), as eventualidades *o jogo* e *o trabalho* têm estágios e um ponto final intrínseco/natural, como são os predicados que denotam accomplishments: [+estágios; +télico]. Por outro lado, *a chuva* (29a) e *a chegada* (29d) têm características, respectivamente, de atividade [-télico] e achievement [-estágios] e, por isso, as sentenças não são plenamente aceitáveis.

Uma última análise sobre *acabar* fica por conta de casos como (30): por que sentenças desse tipo são aceitáveis, se seus DPs parecem não denotar um evento?<sup>8</sup>

- (30) a. Acabou o bolo.  
 b. Acabou o leite.

Rodero (2010, p.7, nota 3) argumenta que, em casos como esses, o DP pode ser interpretado como um evento, porque “mede o evento de consumir [algo]”, i.e., consumir o bolo em (30a) e consumir o leite em (30b). Para a autora, com o verbo *acabar*, as sentenças em (30) são lidas como situações em que os eventos estão concluídos.

<sup>6</sup> Não respondemos, neste trabalho, se os substantivos são derivados dos verbos ou vice-versa, já que o mais importante é analisarmos as propriedades que eles possuem a fim de aparecerem (ou não) como complementos dos verbos aspectuais.

<sup>7</sup> Este caso é analisado mais corretamente como um VP que denota uma eventualidade incremental, o que não altera em nada nossa análise sobre a seleção de *acabar/terminar*, que exigem sempre um complemento com a propriedade [+incremental].

<sup>8</sup> Alguns falantes do PB não aceitam as sentenças em (30) com *terminar* no lugar de *acabar*. Deixamos a resposta para o porquê disso em aberto e inserimos apenas *acabar* nos exemplos.

Entretanto, assumindo essa análise, deveríamos esperar que os “eventos” o *leite* e o *bolo* pudessem aparecer em sentenças com outros verbos aspectuais, o que não é confirmado pelos dados apresentados em (31).

- (31) a. \*Começou/parou o bolo.  
b. \*Começou/parou o leite.

Para explicar a gramaticalidade de sentenças como em (30), em oposição àquelas em (31), vamos assumir que o verbo *acabar* em (30) signifique “não existe mais”, denotando o fim de uma determinada entidade, o que de fato é aceito como paráfrase pelos falantes do PB. Nesse caso, vamos assumir que *acabar* não seja um verbo aspectual, no sentido que estamos considerando aqui – ele expressa a culminação (o subevento final) de uma eventualidade incremental (ver capítulo 4).<sup>9</sup> Por outro lado, vamos assumir que *começar* e *parar* selecionam complementos que denotam eventos (VPs ou DPs) e que os DPs em (31) não denotam eventos. Daí a agramaticalidade das sentenças.

Os verbos aspectuais *continuar* e *voltar* seguem de perto as observações que temos feito sobre outros aspectualizadores. Esses dois verbos mantêm seus significados de verbos aspectuais ao lado de diferentes nominalizações (32a-b). As observações ficam por conta da obrigatoriedade da preposição em alguns casos com *voltar* (32c-d), especialmente naqueles em que temos considerado a existência de um VP implícito na sentença, seguindo, entre outros, Rochette (1993; 1999). Sintagmas determinantes que denotam achievements não são aceitos com esses verbos (32e), seguindo as restrições existentes quando o complemento é um sintagma verbal, as quais abordamos com detalhes na seção 3.2.

- (32) a. [DP A chuva] continuou/voltou.  
b. João continuou [DP o trabalho].  
c. \*João voltou [DP o trabalho].  
d. João voltou [PP ao trabalho].  
e. #A chegada continuou/voltou.

Para finalizar esta seção, vamos tecer algumas considerações sobre a complementação de *passar* e *deixar* com DPs. Esses dois verbos não se comportam como outros aspectualizadores, visto que não mantêm a mesma operação aspectual que realizam sobre VPs quando seu complemento é um DP, ao contrário do que observado acima com *começar*, *parar* e *acabar/terminar*, por exemplo. Vejamos os dados em (33-35), a seguir.

- (33) a. João passou a [VP trabalhar].  
b. \*João passou [DP o trabalho].  
c. João passou [DP o trabalho] [PP para Maria].

<sup>9</sup> Neste trabalho, nossa intenção não é discutir os diferentes significados para o verbo *acabar* e, por isso, apenas frisamos que esse verbo, em (29), não mantém a expressão aspectual que é o foco de nossa pesquisa. Para uma análise exclusiva sobre *acabar*, sugerimos Travaglia (2004) e Rodero (2010).

- (34) a. João deixou de [VP trabalhar].  
 b. João deixou [DP o trabalho].
- (35) a. [DP A chuva] passou.  
 b. \*[DP A chuva] deixou.  
 c. \*[DP O jogo] passou.  
 d. \*[DP O jogo] deixou

Nas sentenças acima, o comportamento de *passar* e *deixar* é bastante heterogêneo se comparado aos demais aspectualizadores. Quando seus complementos são VPs (33a;34a) eles podem ser considerados verbos aspectuais. No entanto, quando *passar* está numa estrutura transitiva (33b), a sentença é agramatical e, quando está numa estrutura bitransitiva, i.e., com objetos direto e indireto (33c), a sentença é bem formada. Nesse caso, o sentido de *passar* é de *entregar algo a alguém*, não mantendo o significado aspectual dos casos que estamos vendo ao longo deste trabalho e que vamos detalhar no próximo capítulo, i.e., de início de um estado/hábito.

*Deixar* parece manter o sentido de interrupção nos dois casos em (34), no entanto, dificilmente um falante de PB diria que as sentenças acima são sinônimas: o primeiro caso (34a) pode ser usado, por exemplo, numa situação em que João não trabalha mais por algum motivo (de saúde, por exemplo), enquanto (34b) é verdadeira na mesma situação ou num caso em que João abandonou o trabalho (emprego) em que estava e começou um outro, caso em que (34a) não é verdadeira.

Os exemplos em que esses verbos estão em estrutura intransitivas (35) também são diferentes; mesmo o DP *a chuva* denotando um evento, *passar* em (35a) não tem o papel de indicar o início de uma situação como em *Passou a chover*; ao contrário, a sentença em (35a) é verdadeira numa situação em que a chuva parou e não em que ela começou. Outro caso em que o DP envolve um evento é (35c), com o *jogo*, mas *passar* não forma uma boa sentença em (35c), assim como os casos com *deixar* em (35b;35d).

Diferentemente do que ocorre com outros verbos como *começar*, *continuar*, *parar*, *voltar* e *acabar/terminar*, os casos com *passar* e *deixar* têm várias restrições quando seus complementos são DPs.

Nesta seção, vimos que verbos como *começar*, *continuar*, *parar*, *voltar* e *acabar/terminar* podem ter complementos DPs e manter seu significado aspectual, desde que esses sintagmas tenham as mesmas propriedades dos complementos VPs selecionados por tais verbos aspectuais, discutidas ao longo do capítulo. *Passar* e *deixar*, por outro lado, não mantêm seu significado aspectual quando seus complementos são DPs.

Isso tudo nos motiva a investigar qual é a diferença com relação à contribuição que os verbos aspectuais dão ao significado da sentença em que ocorrem. E é isso o que procuraremos fazer no próximo capítulo.

### 3.5. CONCLUSÕES DO CAPÍTULO

Neste capítulo, vimos que os verbos aspectuais selecionam predicados com propriedades específicas, atuando no nível do aspecto lexical (Aktionsart) – e não no nível do aspecto gramatical, confirmando o que havíamos visto no primeiro capítulo. Vimos também que a propriedade relevante para a seleção dos complementos dos verbos aspectuais *começar* e *parar* é [+estágios], uma propriedade presente em predicados de accomplishment e de atividade, além de alguns estativos (faseáveis/com estágios). Mostramos que essa propriedade é exigida também para os DPs que podem aparecer como complementos de *começar* e *parar*.

Além disso, vimos que a propriedade [+incremental] é a única relevante para a seleção dos complementos dos verbos aspectuais *acabar/terminar* e essa propriedade é típica dos predicados que denotam accomplishments. Essa propriedade deve aparecer também nos complementos DPs selecionados por *acabar/terminar*. Predicados incrementais, por acarretarem a propriedade [+estágios] em sua constituição, também podem ser selecionados pelos outros verbos aspectuais. Apenas *passar* e *deixar* impõem restrições de leitura para as sentenças com tais predicados, o que será melhor discutido no próximo capítulo.

Ainda neste capítulo, mostramos que *continuar*, *deixar*, *passar* e *voltar* selecionam predicados com a propriedade [+estágios], mas selecionam também predicados de estado não-faseáveis, sem essa propriedade. Vimos que esses estativos [-estágios] precisam ser passíveis de mudança, mas não são estativos transitórios (stage-level). Quanto aos complementos DPs, *continuar* e *voltar* aparecem com alguns complementos desse tipo, enquanto *passar* e *deixar*, quando aparecem, não mantêm o significado que possuem como verbo aspectual.

Vamos resumir em (36) os pontos principais da seleção dos verbos aspectuais, tomando como base a seleção de predicados verbais, já que o nosso foco é a contribuição semântica desses verbos quando formam perífrases em PB.

- (36) As propriedades relevantes para a seleção dos aspectualizadores
- a. *começar* e *parar*: a propriedade relevante é [+estágios];
  - b. *acabar/terminar*: a propriedade relevante é [+incremental];
  - c. *continuar*, *deixar*, *passar* e *voltar*: selecionam diferentes tipos de predicado e não há uma única propriedade relevante para a seleção;

Na tabela 4, a seguir, vamos apresentar a seleção desses verbos com relação às classes de Vendler. Vamos assumir que os predicados de accomplishment, nesta tabela e em todo o capítulo 4, se refiram apenas aos predicados incrementais. Além disso, para facilitar o entendimento e seguir as observações feitas até aqui, vamos dividir os estativos em [+estágios] e [-estágios]. Assim como já foi feito anteriormente, nas tabelas do capítulo

2, os dois pontos de interrogação (??) demonstram que nem todos os predicados daquela classe são compatíveis com o verbo aspectual.

Complemento Aspectualizador	Predicado de atividade	Predicado de accomplishment	Predicado de achievement	Predicado de estado [+estágios]	Predicado de estado [-estágios]
<b>COMEÇAR</b>	SIM	SIM	NÃO	SIM	NÃO
<b>PARAR</b>	SIM	SIM	NÃO	??	NÃO
<b>CONTINUAR</b>	SIM	SIM	NÃO	SIM	??
<b>VOLTAR</b>	SIM	SIM	NÃO	SIM	??
<b>PASSAR</b>	SIM	SIM	NÃO	SIM	??
<b>DEIXAR</b>	SIM	SIM	NÃO	SIM	??
<b>ACABAR/ TERMINAR</b>	NÃO	SIM	NÃO	NÃO	NÃO

Tabela 4 - A seleção dos verbos aspectuais – predicados referentes às classes vendlerianas

A tabela acima mostra que os predicados mais compatíveis com os verbos aspectuais são os predicados de atividade, de accomplishment e de estado faseável (com estágios). Os predicados de estado não-faseável são compatíveis com alguns verbos aspectuais, e a exceção nessa compatibilidade fica por conta dos casos em que nenhuma alteração pode ocorrer, tal como discutido no capítulo.

No próximo capítulo, vamos analisar a contribuição semântica que os verbos aspectuais oferecem ao significado da sentença. Procuraremos fornecer uma entrada lexical para cada aspectualizador, de modo a exprimir seu significado na língua.

## CAPÍTULO 4

### A CONTRIBUIÇÃO SEMÂNTICA DOS ASPECTUALIZADORES

Os três primeiros capítulos deste trabalho se preocuparam em definir o que são verbos aspectuais, diferenciá-los dos verbos de aspecto gramatical e analisar a composição dos predicados selecionados por eles. Dessa forma, como já analisamos os tipos de predicado selecionados pelos verbos aspectuais, este quarto capítulo tem como objetivo principal analisar a contribuição semântica dada pelos verbos aspectuais para o significado de uma sentença.

Neste quarto capítulo, vamos apresentar as entradas lexicais para cada um dos verbos analisados nesta pesquisa. A importância dessas entradas é justamente a de tentar proporcionar uma metalinguagem que exponha o significado desses verbos na língua de modo explícito, para além da argumentação apenas discursiva. Assim, ao utilizar uma metalinguagem diferente da língua-objeto tentaremos capturar a contribuição semântica que um verbo aspectual oferece para as condições de verdade de uma sentença e tornar nossa proposta passível de ser comprovada ou falsificada.

Neste capítulo, seguindo basicamente a definição discutida no primeiro capítulo, assumimos que esses verbos são modificadores de predicados, especialmente no que diz respeito ao aspecto lexical. Assim, na seção 4.1, vamos analisar o tipo de modificação desencadeada por eles numa sentença. Veremos que as modificações são dependentes do tipo de verbo aspectual. Por exemplo: verbos como *começar* e *terminar* formam predicados de achievement, enquanto o verbo *continuar* forma um predicado estativo. Na seção 4.1, portanto, vamos mostrar que os aspectualizadores formam predicados cujo tipo de aspecto lexical é diferente do tipo de aspecto lexical do predicado tomado como seu complemento.

Em seguida, na seção 4.2, tratamos da semântica de *começar* e *passar*; na seção 4.3, analisamos *parar* e *deixar*; na seção 4.4, tratamos de *continuar* e *voltar* e, na seção 4.5, analisamos a semântica de *acabar/terminar*. No último caso, com *acabar* e *terminar*, não faremos uma comparação entre os dois verbos, porque, como temos dito desde o primeiro capítulo, no contexto em que estamos utilizando esses verbos, eles são equivalentes. A diferença fundamental fica por conta de *acabar* que pode formar também uma perífrase (*acabar<sub>2</sub> de+infinitivo*) que denota o aspecto (gramatical) retrospectivo, em casos como *Pedro acabou de chegar*.

#### 4.1. A MODIFICAÇÃO DO ASPECTO LEXICAL

Nesta seção, mostraremos que os verbos aspectuais modificam o aspecto lexical do predicado que tomam como complemento. Seguindo a literatura sobre verbos aspectuais, vamos assumir que tais verbos modificam o aspecto lexical do predicado selecionado (cf. Smith 1997; Oliveira *et al.* 2001; Laca 2002; 2004), o que é justificativa para que sejam denominados de “modificadores de eventualidades” (cf. Rochette 1999; Laca 2002; 2004; 2005).

No capítulo anterior, vimos que *começar*, *parar* e *acabar/terminar* não selecionam predicados de achievement (1a) e que uma característica desse tipo de predicado é aparecer com modificadores pontuais, do tipo *às x tempo* (1b).

- (1) a. \*Pedro *começou a/ parou de/ acabou/terminou de* chegar.<sup>1</sup>  
 b. Pedro chegou *às 10h*.

O que pretendemos mostrar nesta seção é que os aspectualizadores *começar*, *parar* e *acabar/terminar*, embora não selecionem predicados de achievement, formam predicados dessa natureza. Para atestar essa afirmação, observamos que os predicados formados por *começar a*+infinitivo, *parar de*+infinitivo e *acabar/terminar de*+infinitivo são compatíveis com o modificador *às x tempo*, como se vê em (2).

- (2) a. Pedro *começou a* almoçar *às 10h*.  
 b. Pedro *parou de* almoçar *às 10h*.  
 c. Pedro *acabou/terminou de* almoçar *às 10h*.

Apesar dos verbos *passar*, *deixar* e *voltar* também formarem predicados de achievement, eles apresentam algumas especificidades. Em primeiro lugar, um modificador pontual, como *às 10h*, no fim da sentença não modifica o predicado  $V_{\text{Aspectual}} + \text{infinitivo}$ , mas apenas o predicado do verbo principal, como se vê em (3).

- (3) Pedro *passou a/ voltou a/ deixou de* almoçar *às 10h*.

Nesses casos, a leitura é a de que o evento denotado pelo predicado principal (Pedro almoçar) ocorre naquele momento (*às 10h*) e não que a mudança de estado provocada pelo verbo aspectual (*passar*, *voltar* e *deixar*) ocorreu exatamente *às 10h*. Se quisermos esta última leitura, o melhor a fazer é colocar o modificador no início da sentença (4), deixando a leitura pontual mais ressaltada.

<sup>1</sup> Lembramos que *Pedro acabou<sub>2</sub> de chegar* é perfeitamente possível quando a perífrase expressa o aspecto retrospectivo, i.e., o evento aconteceu há instantes (ver capítulo 1). Sempre que preciso, colocaremos o número 2, subscrito, indicando que se trata do aspecto retrospectivo, em que *acabar* não é equivalente a *terminar*.

- (4) a. Às 10h, Pedro passou a almoçar.  
 b. Às 10h, Pedro voltou a almoçar.  
 c. Às 10h, Pedro deixou de almoçar.

Como será mostrado nas respectivas seções, os casos com *passar*, *deixar* e *voltar* são mais comuns quando se trata da descrição de um hábito (ou de uma repetição, no caso de *voltar*). Por isso, os casos em (3) nos parecem até mais naturais do que os casos em (4), porque as sentenças em (3) descrevem o hábito de Pedro de almoçar às 10h, o que não temos em (4), que descreve um evento episódico, cuja mudança ocorre num momento pontual, o que parece estranho quando se trata de um hábito.

Outro fato importante que separa os predicados com *passar*, *voltar* e *deixar* dos predicados com *começar*, *parar* e *acabar/terminar* é a compatibilidade destes últimos verbos com a perífrase retrospectiva *acabar*<sub>2</sub> *de*+infinitivo. Essa perífrase é comum com predicados que denotam eventos télicos (cf. Laca 2002; 2004) e, portanto, a previsão inicial é de que ela seria compatível com os predicados formados por todos os verbos aspectuais acima, já que todos são predicados de achievement, logo, de eventos télicos. No entanto, apenas *começar*, *parar* e *terminar* co-ocorrem livremente com essa perífrase (5), o que não acontece com *passar*, *voltar* e *deixar* (6).

- (5) a. Pedro acabou<sub>2</sub> de começar a almoçar.  
 b. Pedro acabou<sub>2</sub> de parar de almoçar.  
 c. Pedro acabou<sub>2</sub> de terminar de almoçar.
- (6) a. \*Pedro acabou<sub>2</sub> de passar a almoçar.  
 b. ??Pedro acabou<sub>2</sub> de voltar a almoçar.  
 c. \*Pedro acabou<sub>2</sub> de deixar de almoçar.

A incompatibilidade dos casos em (6) pode estar relacionada novamente com o tipo de evento descrito pelas sentenças com os verbos *passar*, *deixar* e *voltar*. Como elas descrevem hábitos (ou no mínimo um evento com certa continuidade ou repetição), a perífrase de aspecto retrospectivo não é compatível com esse tipo de leitura. Por outro lado, os casos em (5) são perfeitamente gramaticais com a mesma perífrase porque as sentenças com *começar a*+infinitivo, *parar de*+infinitivo e *acabar/terminar de* +infinitivo descrevem eventos episódicos, sendo compatíveis com *acabar*<sub>2</sub>. Isso nos leva a sugerir que a perífrase de aspecto retrospectivo faça restrições também quanto ao tipo de evento descrito e não apenas com relação à telicidade.

Analisemos agora o predicado formado pela perífrase *continuar*+gerúndio, tomando uma posição diferente daquela verificada em Cunha (1998). Para o autor, “o output de *continuar* mantém as mesmas características do seu input” (Cunha, 1998, p. 109). Neste trabalho, no entanto, vamos assumir que a perífrase com *continuar* sempre forma

um predicado com características estativas, similarmente ao que ocorre com os predicados com o verbo *permanecer*. Consideremos que as propriedades do predicado com *continuar* sejam [-estágios; -télico] e, portanto, ele denota um evento estativo.

Sendo assim, esperamos que *continuar* não seja compatível com o progressivo, já que estados não o são (pelo menos os estados sem estágios, como vimos no capítulo anterior), e como deveria ser se mantivesse as propriedades do predicado que toma como argumento, tal como afirma Cunha (1998). Como se vê em (7a), a perífrase com *continuar* não ocorre no progressivo. Além disso, sendo [-télico] esperamos que o predicado com *continuar* seja compatível com o modificador *durante x tempo* (ver capítulo 2), que é compatível com predicados [-télico]. É o que temos em (7b). Finalmente, ainda por formar um predicado com a propriedade [-télico], *continuar*+gerúndio não deve aparecer no aspecto retrospectivo, exatamente como se observa em (7c).<sup>2</sup>

- (7) a. \*Pedro está continuando correndo.  
 b. Pedro continuou correndo durante 10 minutos.  
 c. \*Pedro acabou de continuar correndo.

Laca (2002; 2004) denomina a perífrase com *continuar* de *intransformative periphrasis*, sendo equivalente ao predicado com o verbo *permanecer*. De fato, os dados em (8), com esse verbo, seguem as observações feitas acima para *continuar*+gerúndio.

- (8) a. \*/??Pedro está permacendo em pé.  
 b. Pedro permaneceu em pé por 10 minutos.  
 c. \*Pedro acabou de permanecer em pé.

No primeiro capítulo, seguindo as considerações feitas por Laca (2002; 2004) para os verbos aspectuais do espanhol, dissemos que os aspectualizadores tinham uma co-ocorrência mais livre entre si do que os verbos de aspecto gramatical, isso por razões sintáticas. No entanto, naquele mesmo capítulo, mostramos que a co-ocorrência entre os verbos aspectuais não é tão livre e sugerimos que as restrições de co-ocorrência entre as perífrases com esses verbos se dessem por conta do tipo de predicado que eles formavam. Agora, já podemos esclarecer essa questão.

No terceiro capítulo, mostramos que os verbos aspectuais impõem restrições quanto ao tipo de predicado que selecionam, e os predicados que mais sofrem essas restrições são os predicados de achievement (além de alguns predicados de estado). Na presente seção, mostramos que os verbos aspectuais que analisamos formam predicados de achievement (*começar, parar, acabar/terminar, passar, deixar e voltar*) ou de estado (*continuar*). Assim, seguindo a discussão estabelecida no terceiro capítulo, o que esperamos, de fato, é

<sup>2</sup> Outro bom argumento é que *continuar* aparece no presente do indicativo sem ter, necessariamente, uma leitura habitual: *João continua correndo/escrevendo o soneto*. Esse teste está na seção 2.2.2, no capítulo 2.

que a co-ocorrência entre as perífrases com esses verbos não seja plenamente possível em razão das restrições de seleção: um verbo aspectual dificilmente selecionará um predicado com outro verbo aspectual porque esse predicado será de achievement ou de estado. Os dados em (9) mostram que as co-ocorrências entre aspectualizadores de fato não são bem aceitas na língua.

- (9)
- a. ??Pedro começou a terminar de pintar a tela.
  - b. ??Pedro parou de começar a pintar a tela.
  - c. ??Pedro terminou de começar a pintar a tela.
  - d. \*Pedro parou de continuar a pintar a tela.
  - e. ??Pedro começou a deixar de pintar a tela.
  - f. ??Pedro voltou a começar a pintar a tela.

Os dados acima mostram que as sentenças ou são inaceitáveis (\*), ou têm um baixo grau de aceitabilidade (??). De modo geral, os casos marcados com dupla interrogação não parecem totalmente agramaticais (e poderiam até aparecer em alguns contextos), mas ainda assim não são sentenças plenamente aceitáveis.

Entretanto, no primeiro capítulo, mostramos que algumas interações entre verbos aspectuais formam sentenças bastante aceitáveis ou com um baixo grau de estranheza (?). Repetimos alguns dados a seguir.

- (10)
- a. Pedro passou a terminar de almoçar (e dormir).
  - b. Pedro continua parando de trabalhar à meia-noite.
  - c. ?Pedro deixou de começar a trabalhar à meia-noite.

Como se vê, a co-ocorrência entre verbos aspectuais é possível e Laca (2002) atribui a melhor formação de sentenças como em (10), em relação àquelas em (9), pela leitura habitual comum aos casos em (10). Os verbos aspectuais nessas sentenças estariam contribuindo com uma leitura de início (10a), continuidade (10b) e abandono (10c) de um determinado hábito. Logo, os predicados formados com *começar* ou *terminar*, por exemplo, não seriam de achievement, mas de hábito (ou estado faseável), por conta da iteração que denotariam.<sup>3</sup> De fato, veremos nas respectivas seções que os verbos *passar* e *deixar* são mais propensos a formar um predicado que denota, respectivamente, o início e o abandono de um hábito (ou de um evento com características estativas).

Nesta seção, discutimos a formação dos predicados com verbos aspectuais e mostramos que eles denotam eventualidades com tipo aspectual próprio, diferente do tipo aspectual denotado pelo predicado que tomam como argumento, daí a justificativa para serem chamados de “modificadores de eventualidade” (cf. Rochette 1999; Laca 2002;

<sup>3</sup> Vimos, especialmente no segundo capítulo, que esse tipo de mudança no tipo de eventualidade denotada por um VP é relativamente comum na língua. Predicados de achievement (*A flor morreu*), por exemplo, podem mudar para predicados de accomplishment e aparecer no progressivo (*A flor está morrendo*).

2004). Com testes específicos observamos que *começar*, *parar*, *acabar/terminar*, *passar*, *deixar* e *voltar* formam predicados de achievement, enquanto *continuar* forma um predicado de estado. Com isso, pudemos mostrar por que a co-ocorrência entre aspectualizadores não é tão comum nas línguas, tema levantado ainda no primeiro capítulo: o tipo aspectual denotado pelo predicado do aspectualizador é, geralmente, incompatível com as restrições de seleção feitas por esse tipo de verbo. A partir da próxima seção analisamos os verbos aspectuais, iniciando por *começar* e *passar*.

#### 4.2. OS ASPECTUALIZADORES *COMEÇAR* E *PASSAR*

Esta seção trata de dois aspectualizadores cuja operação resulta na expressão do início de uma eventualidade: *começar* e *passar*. Nosso objetivo é mostrar que, embora ambos denotem o início de uma eventualidade, os predicados com *começar* denotam o início de um evento com estágios, enquanto os predicados com *passar* denotam o início de um evento sem estágios, com características estativas (como estados ou hábitos).

Mas antes de detalhar nossa proposta, traremos algumas ideias sobre *verbos inceptivos* ou *ingressivos*, como são conhecidos os verbos que denotam o início de um evento, em PB e outras línguas (cf. Castilho 1967; Newmeyer 1975; Freed 1979; Brinton 1988; Travaglia 2006, entre outros). A apresentação dessas ideias tem o objetivo de nos levar a compreender melhor a expressão dos verbos aspectuais, bem como a análise que faremos sobre eles. Começamos por dois trabalhos sobre o inglês, com *start* e *begin*, realizados por Newmeyer (1975) e Freed (1979). Em seguida, trataremos do PB.

Trabalhando com a noção de *factividade*, Newmeyer (1975) considera que *begin* ‘começar’ e *start* ‘começar’ não são factivos, o que significa que eles não pressupõem a verdade do complemento.<sup>4</sup> Assim, a sentença em (11a) não pressupõe aquela em (11b).

- (11) a. John started/began to run.  
           ‘João começou a correr’  
       b. John ran.  
           ‘João correu’

Como o principal teste da pressuposição é o da negação, Newmeyer (1975) explica que, se negarmos a sentença em (11a), ela não poderá pressupor (11b). Para o autor, isso não ocorre com verbos de interrupção ou término, como *stop* ‘parar’ nos exemplos em (12).

<sup>4</sup> É importante dizer que os verbos em inglês *start* e *begin*, que apresentam diferenças entre si (cf. Freed 1979, por exemplo), não são equivalentes a *começar* e *passar* em português. Aparentemente, *começar* têm características dos dois verbos do inglês, aproximando-se mais de *begin*. Já *passar* é mais próximo de um verbo de mudança de estado em inglês, como *become* ‘tornar-se, virar’, por exemplo.

- (12) a. John stopped running.  
           ‘João parou de correr’  
       b. John ran.  
           ‘João correu’

Neste caso, a pressuposição (12b) se mantém, mesmo se houver a negação de (12a). Por isso, Newmeyer (1975) sustenta que os verbos aspectuais oferecem contribuições diferentes ao significado de uma sentença, no que diz respeito à factividade do evento denotado pelo predicado que é complemento dos aspectualizadores. As conclusões do autor valem para o PB, como se vê pelas traduções.

Freed (1979) considera que os aspectualizadores selecionam eventos (*sic*) e que os eventos podem ser constituídos de três fases distintas: *onset*, *nucleus* e *coda*. Para ela, *onset* equivale a um estágio preparatório do evento, antes do início propriamente dito. Em inglês, pode ser dado por *start*, em casos como (13a). O *nucleus* é a fase central do evento, onde de fato o evento começa e se desenvolve (no caso dos eventos em que há um desenvolvimento explícito). Freed dá o exemplo em (13b) para *nucleus*. Finalmente, a *coda* é a fase final de um evento (daqueles que possuem fase final), que ocorre depois do *nucleus*. Em inglês, pode ser dado por *finish*, em casos como (13c).

- (13) a. He starts to sneeze. (Freed, 1979, p. 31)  
           ‘Ele *starts* a espirrar’<sup>5</sup>  
       b. I am cooking now.  
           ‘Eu estou cozinhando agora’  
       c. Tom and Lynn finished their conversation. (Freed, 1979, p. 35)  
           ‘Tom and Lynn encerraram a conversa deles.’

Para Freed (1979), o fato de *start* indicar o onset significa que o evento não precisa necessariamente ocorrer (ou ter ocorrido). Em (13a), pode ser que a pessoa não tenha espirrado, apenas sentido a vontade e as contrações naturais antes do próprio espirro, mas acabou não espirrando (ou seja, ela quase espirrou). Freed diz que isso é comum para sentenças com *start*, mas não para aquelas com *begin*, porque este último verbo denota o início do *nucleus*, de modo que, se *x began e*, significa dizer que o evento já passou do onset, da fase preparatória.<sup>6</sup> Freed (1979) aponta também que *start* ocorre em mais contextos que *begin* e, por isso, este é um subgrupo daquele.

Olhando a comparação que Freed (1979) faz entre *start* e *begin* em seu livro, constatamos que as maiores diferenças entre *start* e *begin* são vistas quando os complementos

<sup>5</sup> Freed (1979) alega que (13a) é compatível com uma situação em que a pessoa sentiu as contrações nasais, mas não chegou a espirrar. Como não encontramos um verbo adequado para traduzir *start* com esse significado, nós o mantivemos na forma original.

<sup>6</sup> Freed (1979, p. 72) assegura, no entanto, que essa diferença entre *start* e *begin* desaparece quando o complemento desses verbos está no gerúndio. No caso de *He started/began sneezing*, por exemplo, ambos aspectualizadores têm leitura de início do *nucleus* e não do *onset*.

desses verbos são DPs: a sentença é sempre melhor com *start* do que com *begin*. Seguindo a sugestão de Boff (2003), podemos dizer que *começar* seja mais parecido com *begin* do que com *start*, já que, como vimos no segundo capítulo, *começar* só aceita DPs como complementos se eles denotarem eventos com estágios.

Tratando do PB, Castilho (1967) insere *começar* e *passar* na lista dos verbos que expressam o aspecto inceptivo (cf. também Travaglia 2006 e Barroso 1994). Ele afirma que “há aspecto inceptivo quando se indicam claramente os primeiros momentos da ação” (Castilho, 1967, p. 62). Para o autor, esse aspecto é parte do “aspecto imperfectivo”, já que descreve uma parte do evento (início) e não o evento todo. Se descrevesse o evento todo, estaria relacionado ao aspecto perfectivo. Castilho (1967) diz ainda que, no caso de verbos como *começar* e *passar*, a expressão do aspecto é feita pelo próprio “semantema” (conceito) dos verbos.

No primeiro capítulo, já defendemos que os aspectualizadores não são parte do sistema de aspecto gramatical. Logo, não podem figurar na lista daqueles que contribuem para a expressão do aspecto imperfectivo, como propõe Castilho (1967).

Nesta seção, vimos alguns tratamentos já realizados sobre verbos inceptivos, em PB e em inglês. No entanto, tais trabalhos não esclarecem as restrições de seleção dos verbos *começar* e *passar*, os inceptivos em questão na presente pesquisa, nem as diferenças semânticas entre esses dois aspectualizadores. Nosso objetivo é justamente o de tentar captar essas diferenças a partir das entradas lexicais desses verbos. É isso o que nos propomos a fazer a partir da próxima subseção.

#### 4.2.1. COMEÇAR

Nesta subseção, analisamos a contribuição semântica de *começar* quando forma a perífrase *começar a*+infinitivo. Nossa proposta é a de que essa perífrase expresse o *onset* de um evento com estágios (sobre *onset*, ver Landman 2008; Landman & Rothstein 2009).

Dascal (1982) diz que *começar* é um verbo télico<sup>7</sup> e que ele seleciona predicados com fases como complemento porque uma dessas fases (a inicial) é expressa justamente por esse verbo. Essa ideia se aproxima da nossa proposta para *começar*, na qual a perífrase com esse verbo denota o subevento inicial (*onset*) de um evento com estágios.

Antes de mais nada, retomemos algumas diferenças entre eventualidades com e sem estágios feitas no segundo capítulo deste trabalho. Na ocasião, mostramos que o progressivo é compatível com praticamente todos os tipos de eventualidade em PB, mas só acarreta o início da eventualidade quando ela possui estágios. Vejamos alguns dados.

- (14) a. João está *correndo/escrivendo o soneto*.  
 b. João *começou a correr/escriver o soneto*.

<sup>7</sup> Nossa argumentação de que *começar* forma um predicado de achievement (seção 4.1) é, portanto, compatível com a afirmação de Dascal (1982) a respeito da telicidade de *começar*.

- (15) a. João está *chegando*/\**está sendo alto*.  
 b. \*João começou a *chegar/ser alto*.

Em (14), temos uma atividade (*correr*) e um accomplishment (*escrever o soneto*), ambas eventualidades com estágios. No progressivo, o início é acarretado, e no teste, este início é denotado por *começar a*+infinitivo. Em (15), por outro lado, embora um achievement (*chegar*) seja compatível no progressivo, a sentença que denotaria seu início não é bem formada em PB, assim como ocorre com os estados (*ser alto*). Tanto achievements quanto estados são eventualidades sem estágios (ver exceções para os estados no capítulo 2, seção 2.5) e, por isso, quando aparecem no progressivo não acarretam o início da eventualidade.

Considerando a validade do teste acima, vamos assumir que *começar* seja o elemento linguístico que torne identificável o primeiro subevento de uma eventualidade com estágios. Neste trabalho, vamos assumir também, com Landman (2008) e Landman & Rothstein (2009), que as eventualidades com estágios têm um *onset*, definido como o primeiro subevento/estágio/parte mínima de um evento maior **e** – aqui onset não é o estágio preparatório, como proposto em Freed (1979).

Portanto, vamos assumir que a perífrase *começar a*+infinitivo expressa o *onset* de um evento e vamos definir *onset* como sendo o menor subevento inicial de uma eventualidade, seguindo as condições apresentadas em (16), que se baseiam na versão original de Landman 2008 e Landman & Rothstein (2009).<sup>8</sup>

(16) **Definição de onset**

Seja **e'** uma eventualidade denotada por um predicado **P**.

O onset de **e'** é a menor eventualidade inicial de **e'** tal que:

$$\exists e \exists e' [e = O(e') \ \& \ P(e') \leftrightarrow e \sim e' \ \& \ \tau(e) \subseteq_{\text{inicial}} \tau(e')]$$

Sendo que

**e**= variável sobre eventos;

**P**= um predicado de eventos;

$\sim$ = sinal de identidade trans-temporal; se **e**  $\sim$  **e'**, então **e** e **e'** começam simultaneamente e contam como um único evento;

$\tau$ = sinal relativo à duração do evento;

$\subseteq_{\text{inicial}}$ = é parte inicial de.

<sup>8</sup> Originalmente, Landman & Rothstein (2009, p. 7) definem *onset*, como segue: seja **e** uma eventualidade de tipo verbal **V**. O onset de **e**, relativo a **V**,  $O(e,V)$  é a menor eventualidade de tipo **V** tal que:  $O(e,V) \sim e$  &  $\tau(O(e,V)) \subseteq_{\text{in}} e$ .

Vamos relacionar essa noção de *onset* com as ideias sobre eventualidades com e sem estágios. De um lado, as eventualidades com estágios devem ter onset, pois sendo compostas de subeventos, devem ter um subevento inicial identificável. Em *escrever o soneto*, por exemplo, o onset pode ser o primeiro verso escrito. Neste caso, o onset será trans-temporal ao próprio evento de escrever o soneto, ou seja, o início do onset (a primeira palavra do soneto, por exemplo) coincide com o início do próprio evento (a escrita do soneto) e o onset é apenas uma parte do evento maior, ou seja, ambos contam como um único evento. Além disso, a duração deste primeiro subevento contará como parte inicial da duração da eventualidade toda.

Se de um lado, eventos com estágios têm onset, de outro, as eventualidades sem estágios não devem tê-lo, ou ao menos não será possível se identificar um subevento inicial. Por isso, no caso de *ser alto* ou *chegar*, não é possível visualizar um subevento inicial ao qual possamos chamar de onset.

Se *começar* pode ser tomado como o elemento linguístico capaz de tornar visível o onset de uma eventualidade, como o consideramos acima, vamos ligar a noção de onset à entrada lexical deste aspectualizador. Vamos propor que *começar* tome um predicado que denote uma eventualidade com estágios como input e retorne um outro predicado, que é o onset dessa eventualidade, como seu output. Em (17), apresentamos os elementos envolvidos na entrada lexical para *começar*, dada em (18).

- (17) Considere que:
- $P_{\langle s,t \rangle}$  = um predicado de eventos;
  - $e'_{\langle s \rangle}$  = uma variável sobre eventualidades;
  - começar a*  $P_{\langle s,t \rangle}$  = uma função de eventualidades para valores de verdade;
  - começar*  $\langle \langle s,t \rangle, \langle s,t \rangle \rangle$  = um modificador de predicados de eventualidades, que se combina com um predicado P e retorna outro predicado de eventualidades. O seu output é o onset (O) de uma eventualidade:

$$(18) \quad [[\text{começar}]] = \lambda P \lambda e. \exists e' [e = O(e') \ \& \ P(e')]$$

Em (16), acima, foram apresentadas as condições para um onset e, por isso, ficam implícitas na entrada lexical em (18).<sup>9</sup> No espírito de Landman & Rothstein (2009), vamos considerar que o onset de uma eventualidade (no mundo!) seja dado por uma atividade específica, mas que é parte da própria eventualidade (ou daquilo que ela descreve). Por exemplo: o onset de comer uma maçã é a primeira mordida que se dá nela; o

<sup>9</sup> A entrada lexical em (18) indica a existência de um evento  $e'$  ( $\exists e'$ ). No entanto, Marcelo Ferreira (c.p.) alertou-nos para o fato de que, em um evento como *Pedro comer uma maçã*, o início *Pedro começar a comer uma maçã* não deveria apontar para a existência do evento maior, como a entrada lexical de *começar* sugere. Ao longo dos anos, um problema semelhante vem sendo discutido com relação ao progressivo (cf. Dowty 1979; Landman 1992; Portner 1998). Assim, por ser um problema maior e que não envolve apenas os verbos aspectuais, vamos deixá-lo de lado neste trabalho.

onset de correr são os primeiros passos de uma corrida e assim por diante. Nosso papel aqui não é identificar qual subevento é o onset de uma determinada eventualidade, mas apenas dizer que esse subevento pode ser identificado.

Como dissemos anteriormente, apenas eventualidades com estágios – basicamente, atividades e accomplishments<sup>10</sup> – podem ter seu onset expresso, porque apenas elas têm subeventos identificáveis. Ao propormos que *começar* seja a expressão linguística do onset, esperamos que este aspectualizador seja compatível apenas com predicados que denotem eventos com estágios.

E é exatamente isso o que observamos no terceiro capítulo: *começar* seleciona predicados com a propriedade [+estágios], como predicados de atividade (19a) e de accomplishment (19b), mas não é compatível com predicados sem tal propriedade, como predicados de achievement (20a) e de estado não-faseável (20b).

- (19) a. Pedro começou a correr.  
b. Pedro começou a escrever o soneto.

- (20) a. \*Pedro começou a chegar.  
b. \*Pedro começou a ser alto.

No entanto, há estados faseáveis, cujos predicados possuem a propriedade [+estágios], como assumimos no segundo capítulo. Conforme esperado pela presente análise, esses predicados são selecionados por *começar*, como se vê em (21a), porque é possível se identificar o subevento inicial. Vamos considerar também que os hábitos sejam um tipo de estado faseável, sendo, portanto, compatíveis com *começar* (21b).<sup>11</sup>

- (21) a. Pedro começou a gostar de chocolate (quando comeu um chocolate belga).  
b. Pedro começou a correr (um dia depois de falar com o médico).

Nos exemplos acima, procuramos mostrar que o subevento inicial (ou o intervalo de tempo referente ao subevento inicial) pode ser identificado pelas continuações colocadas entre parênteses. Assim, fica justificada a boa formação desse tipo de predicado com o aspectualizador *começar* em PB.

Nesta subseção, tratamos da semântica de *começar*, propondo que em sua entrada lexical estivesse contido o onset da eventualidade denotada pelo predicado que ele toma como argumento. Assim, podemos estabelecer que a contribuição semântica da perífrase

<sup>10</sup> Por questão de simplicidade, neste capítulo utilizaremos o nome *accomplishment* para predicados (ou eventos) exclusivamente incrementais.

<sup>11</sup> Embora tenham características estativas, eventos habituais podem ter subeventos identificados pelas ocorrências individuais. Por exemplo, se *Pedro fuma* descreve um hábito, cada vez que Pedro fuma, ocorre um estágio desse hábito. Por isso, aqui, vamos considerá-los similares aos estativos com estágios.

*começar* a+infinitivo seja a de expressar o subevento inicial da eventualidade denotada pelo VP no infinitivo. Além disso, procuramos mostrar que as restrições de seleção observadas no terceiro capítulo devem estar relacionadas com uma informação presente no próprio verbo aspectual, informação essa que restringe o tipo de predicado compatível com o esse verbo. A seguir, trataremos da semântica do verbo *passar*.

#### 4.2.2. PASSAR

Nesta subseção, tratamos da contribuição semântica de *passar* para o significado da sentença em que ocorre. Nossa proposta é a de que a perífrase *passar* a+infinitivo denote uma mudança de estado, em que um evento com características estativas passe a existir, mudança essa que chamaremos de o “devir” de um evento, i.e., a mudança de um não-evento para um evento.

Vamos argumentar aqui que esse “devir” de um evento, que é denotado pelo predicado com *passar*, é simplesmente um evento de mudança que traz à existência a eventualidade denotada pelo VP no infinitivo e **não um subevento inicial** dessa eventualidade, como ocorre com *começar*. No entanto, como nos dois casos o evento ou o subevento inicial não existiam num intervalo de tempo anterior àquele descrito na sentença com *passar* ou *começar*, tem-se a impressão de que esses verbos sejam sinônimos em PB, algo que não defenderemos aqui.

Por isso, na subseção 4.2.3, nosso objetivo é mostrar que *começar* e *passar* fazem operações diferentes e que, ao contrário do que sugere Travaglia (2007, p. 31), esses dois verbos não são exatamente concorrentes entre si com possibilidade de eliminação de um ou de outro num processo de gramaticalização. Em 4.2.3, vamos comparar os dois verbos nos mesmos contextos para demonstrar essa diferença.

Na subseção anterior, utilizamos a proposta de Landman & Rothstein (2009) para relacionar *começar* ao onset de eventualidades com estágios. Para esses autores, estados também possuem um *onset*, mas com uma diferença em relação às eventualidades com estágios: o onset de um estado não é um subevento identificável, devido à homogeneidade que eventualidades desse tipo possuem (são homogêneas em relação a seus instantes; ver capítulo 2, seção 2.2). Por isso, Landman & Rothstein (2009) chamam de *onset nulo* o onset de um estado.

Assumindo essa ideia, nossa intenção é relacionar *passar* a esse onset nulo, afirmando que o papel da perífrase *passar* a+infinitivo é denotar o “devir” de um evento (grosso modo, a passagem de um não-evento para um evento, ou o seu onset nulo). Assim, o onset nulo seria equivalente ao início de um estado, e não ao subevento inicial, e seria claramente descrito em uma sentença com o aspectualizador *passar*.

Por isso, vamos assumir que a perífrase *passar* a+infinitivo descreva o “devir” de um evento e vamos definir o “devir” como um evento de mudança, que traz à tona a existência de um evento qualquer *e'*. Vamos assumir que essa mudança esteja ligada a

um intervalo de tempo  $i'$ , aqui considerado o momento de tópico, o momento em que a mudança ocorre.

Como dissemos, o evento com *passar* descreve uma eventualidade homogênea, com relação aos intervalos que precedem e sucedem o momento da mudança ( $i'$ ). Para dar conta dessa homogeneidade, vamos assumir que existe um intervalo  $i$ , anterior a  $i'$ , tal que para todos os subintervalos  $j$  de  $i$ , o evento  $e'$  não ocorre nesses subintervalos. Da mesma forma, há um intervalo  $i''$ , posterior a  $i'$ , tal que para todos os subintervalos  $k$  de  $i''$ , o evento  $e'$  ocorre nesses subintervalos.

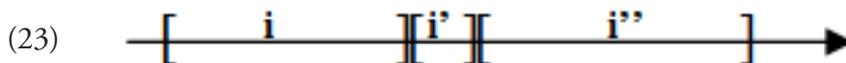
(22) **Definição de “devir” de um evento**

Seja  $e$  um evento que traz o evento  $e'$  à existência; seja  $P$  um predicado de eventos:

$$\exists e \exists e' \exists i' [e = \text{DEVIR}(e')(i') \ \& \ P(e') \leftrightarrow \exists i [i < i' \ \& \ \forall j [j \leq i \rightarrow \neg P(e')(j)]] \ \& \ \exists i'' [i' < i'' \ \& \ \forall k [k \leq i'' \rightarrow P(e')(k)]]]$$

Em palavras:  $e$  é um evento do “devir” de  $e'$  num intervalo de tempo  $i'$ , e  $e'$  é relativo a um predicado de eventos  $P$ , se e somente se: existe um intervalo  $i$ , anterior a  $i'$ , tal que para todos os subintervalos  $j$  de  $i$ , a proposição  $P(e')$  é falsa nesses subintervalos; e existe um intervalo  $i''$ , posterior a  $i'$ , tal que para todos os subintervalos  $k$  de  $i''$ , a proposição  $P(e')$  é verdadeira nesses subintervalos.

Vamos considerar que a fronteira direita do intervalo  $i$  encoste na fronteira esquerda de  $i'$ , e que a fronteira direita de  $i'$  encoste na fronteira esquerda de  $i''$ , tal como ilustrado (23).



Considerando um evento de “devir”, olhando para (23) podemos dizer que em  $i$ , o evento não ocorre; em  $i'$ , o evento muda de estado; em  $i''$ , o evento ocorre. Vamos considerar que o intervalo  $i'$  seja pontual.

Com a definição de “devir”, fica estabelecida a condição de homogeneidade para os intervalos anterior e posterior à mudança e podemos tomar essa condição como parte da entrada lexical de *passar*. Vamos propor que *passar* tome um predicado de eventualidades como input e retorne outro predicado de eventualidades como output; esse predicado (*passar a+infinitivo*) denota a mudança de um evento, no caso, o “devir” do evento. A entrada lexical de *passar* é dada a seguir.

(24) Considere que:

- a.  $P_{\langle s, t \rangle}$  = um predicado de eventos;
- b.  $e_{\langle s \rangle}$  = uma variável sobre eventualidades;
- c. *passar a*  $P_{\langle s, t \rangle}$  = uma função de eventualidades para valores de verdade;

- d.  $passar_{\langle\langle s, t \rangle, \langle s, t \rangle \rangle}$  = um modificador de predicados de eventualidades, que se combina com um predicado P e retorna outro predicado de eventualidades. O seu output é o “devir” de uma eventualidade;
- e.  $i'$  = um intervalo de tempo que é o momento de tópico da sentença (sobre esse tema, ver capítulo 1).

$$(25) \quad [[passar]] = \lambda P \lambda e. \exists e' \exists i' [e = \text{DEVIR}(e')(i') \ \& \ P(e')]$$

O leitor percebe que, diferentemente do que ocorre com *começar*, no caso de *passar* não falamos em um subevento inicial de uma eventualidade maior: como *passar* denota o início de uma eventualidade homogênea com relação a seus subintervalos, não faz sentido se falar em subeventos e, conseqüentemente, em um subevento inicial. Além disso, o que ilustramos em (23) serve para dizer que uma sentença com *passar* descreve que a eventualidade homogênea existe depois de  $i'$ , o intervalo da mudança de estado.

Dissemos antes que há uma homogeneidade nas eventualidades estativas. Vamos considerar que *passar* descreva essa homogeneidade por meio das condições relacionadas a DEVIR e já explicitadas na ocasião da definição de “devir” em (22). Com isso, fica melhor esclarecida a noção de onset nulo que citamos acima: para eventualidades estativas, o onset nulo é equivalente a uma mudança do evento, o seu “devir”, ou a mudança de um não-evento para um evento.<sup>12</sup> Esse fato decorre da estrutura dessas eventualidades: como elas são homogêneas em relação a seus instantes, elas não têm subeventos, de modo que não faria sentido dizer que *passar* expressa o *onset* de uma eventualidade, assim como ocorre com *começar*. Tais conclusões capturam a intuição de que as sentenças com *passar* parecem expressar não um evento episódico, mas um evento habitual ou no mínimo homogêneo.<sup>13</sup>

Se a semântica de *passar* está relacionada com uma homogeneidade, a previsão é de que esse verbo se combine com predicados de estado, que são homogêneos (ver capítulo 2). Além disso, *passar* deve se combinar com predicados que denotam hábitos, porque são um tipo de eventualidade estativa. Como os hábitos são facilmente denotados por predicados de atividade, esses predicados são compatíveis com *passar*. Por outro lado, predicados de achievement e de accomplishments não devem ser compatíveis com *passar* porque não denotam eventos homogêneos.

A análise apresentada no terceiro capítulo de fato mostrou que *passar* seleciona predicados de atividade (26b) – leitura habitual – e de estados (26a). Por outro lado, não é compatível com predicados de achievement (26c).

<sup>12</sup> Propor que *passar* denote uma mudança de um não-evento para um evento acolhe também algumas intuições que nos foram comunicadas em diversos congressos dos quais participamos durante a pesquisa de doutorado. Para muitos falantes, essa seria a grande diferença em relação a *começar*, que denotaria um subevento inicial. Agradecemos a todos que nos sugeriram essa leitura para sentenças com *passar*.

<sup>13</sup> Ao longo do trabalho, nossa preferência é dizer que as sentenças com *passar* descrevam uma situação homogênea, mais que situações habituais. Isso nos permite analisar casos como *Pedro passou a construir a casa (depois que terminou o muro)* como um estado (evento homogêneo) em andamento e não como um hábito. Ver exemplos em (27) e (29).

- (26) a. Pedro passou a *ser brasileiro/ amar a Maria*.  
 b. Pedro passou a fumar.  
 c. \*Pedro passou a chegar.

Assim como observado no capítulo anterior, os predicados de estado não-faseáveis, como *ser brasileiro*, precisam ser passíveis de uma mudança para serem compatíveis com *passar*. Ser passível de uma mudança não significa ser transitório, como não é transitório ser brasileiro, por isso, um predicado como *ser alto* dificilmente será selecionado por *passar* ou outro aspectualizador, a não ser que seja aplicado num contexto de mudança.

Sobre os predicados de accomplishment, ao contrário do previsto, *passar* pode selecioná-los como complemento, como se vê em (27), com *construir a casa*.

- (27) Pedro passou a construir a casa (depois que terminou o muro).

Vamos assumir inicialmente que os predicados de accomplishment podem mudar para predicados de atividade, o que ocorreria, por exemplo, nas sentenças com *passar*. Especificamente no caso em (27), a leitura disponível seria a de que construir a casa foi uma nova atividade realizada por Pedro depois que ele terminou a construção do muro.

No entanto, como bem observado por Marcelo Ferreira (comunicação pessoal), se os predicados de accomplishment mudam para predicados de atividade em casos como (27), seria de se esperar que tivessem leitura habitual, tal como ocorre em (26b), em que o predicado selecionado por *passar* é uma atividade. Isso, no entanto, não acontece.

Embora não tenhamos uma resposta definitiva para o fato de tal leitura habitual não ocorrer em (27), acreditamos que haja alguma restrição imposta pelos predicados de accomplishment quando sofrem esse tipo de mudança, já que a mesma leitura habitual seria esperada em casos como (28a), a seguir, com o modificador *durante x tempo*.

- (28) a. Pedro construiu a casa durante 2 anos (mas parou por falta de dinheiro).  
 b. Pedro fumou durante 2 anos (mas parou por problemas de saúde).

Comparando as duas sentenças, vemos que apenas aquela com predicado de atividade (28b) tem leitura habitual, enquanto aquela com predicado de accomplishment (28a), não.

Portanto, vamos assumir que numa sentença como (27), o predicado de accomplishment sofra algum tipo de coerção por parte do aspectualizador e que o evento descrito na sentença seja o “devir” de um novo estado (não de uma atividade/hábito). Essa coerção vem da condição de homogeneidade presente em *passar*, que requer que para todo subintervalo pertencente ao intervalo de tempo posterior à mudança de estado, a proposição seja verdadeira nesses subintervalos. No caso em (27), isso significa que para todo subintervalo pertencente ao intervalo de tempo posterior à construção do muro, Pedro constrói a casa nesses subintervalos. Tal homogeneidade e leitura de “devir” de um estado novo ocorre em outros casos em que *passar* aparece com predicados de

accomplishment, como em (29). Nesses casos, o estado novo é ressaltado pela continuação entre parênteses.

- (29) a. Pedro passou a construir a casa (com dinheiro financiado).  
 b. Pedro passou a escrever o soneto (com uma caneta preta).

Esperamos ter demonstrado que a perífrase com *passar* não denota necessariamente um evento habitual, mas sobretudo, um evento homogêneo e, por isso mesmo, com características estativas. Agora que já apresentamos com mais detalhes a contribuição semântica de *começar* e *passar*, vamos verificar algumas diferenças entre esses dois verbos.

#### 4.2.3. ALGUMAS DIFERENÇAS ENTRE *COMEÇAR* E *PASSAR*

Nesta subseção, apresentamos algumas diferenças entre *começar* e *passar*. Embora Travaglia (2007) considere que sejam concorrentes entre si, havendo possibilidade de eliminação de um deles num processo de gramaticalização, encontramos diferenças importantes entre eles, para defender que não concorrem pela mesma função na língua.

Nos capítulos anteriores já havíamos mostrado diferenças quanto ao tipo de predicado selecionado por esses verbos e da possibilidade de aparecerem (ou não) com complementos DPs, justificando que não têm o mesmo papel na língua. Agora, podemos tratar de outras diferenças entre eles.

Em primeiro lugar, tratando do progressivo, vemos que as sentenças com *começar* são perfeitamente aceitáveis no progressivo com a leitura pontual – *nesse exato instante* (30). Por outro lado, as sentenças com *passar* não são aceitáveis nesse mesmo contexto (31).

- (30) a. Pedro está começando a correr (nesse exato instante).  
 b. Pedro está começando a escrever o soneto (nesse exato instante).
- (31) a. \*Pedro está passando a correr (nesse exato instante).  
 b. \*Pedro está passando a ser o gerente da loja (nesse exato instante).

Sugerimos que as sentenças com *começar* aparecem no progressivo com a leitura de *nesse exato instante* porque têm leituras episódicas, ao contrário do que ocorre com *passar*, que descreve o início de um evento com características estativas (homogêneas). Se *passar* a+infinitivo denota o início de um estado/hábito, de fato parece incompatível dizer que o início de um evento dessa natureza *está passando a existir nesse exato momento*, porque hábitos levam um certo tempo para serem estabelecidos e considerados hábitos. Por isso a incompatibilidade entre o progressivo e a perífrase com *passar*.

No entanto, a leitura de *passar* no progressivo é aceita por alguns falantes, sem o sintagma *nesse exato instante*. Nas sentenças com *passar* no progressivo, o “passar a existir/ devir” deverá ser lido como uma gradação – embora devamos dizer que, ainda assim, nem todos os falantes da língua aceitam o progressivo. Essa gradação indicaria a existência de um processo que já começou e que culminará com a aquisição plena de um

determinado hábito/estado (32). É algo semelhante ao que temos com o verbo *virar* em casos como (33). Comparemos (32) e (33) – a marca (?) indica a não-aceitabilidade por parte de alguns falantes.

- (32) a. ?Pedro está passando a ser o gerente da loja (aos poucos).  
 b. ?Pedro está passando a ser um homem mais responsável (aos poucos).
- (33) a. ?Pedro está virando o gerente da loja (aos poucos).  
 b. Pedro está virando um homem mais responsável (aos poucos).

Ainda mantendo a ideia de que as sentenças com *passar* em geral expressam o início de um hábito, e as sentenças com *começar* o subevento inicial de um evento maior, podemos explicar por que *começar* (34a), mas não *passar* (34b), pode co-ocorrer com a perífrase de aspecto retrospectivo *acabar<sub>2</sub> de+infinitivo*: é no mínimo estranho afirmar que um estado ou hábito acabou de começar; mas em se tratando de uma leitura episódica, e de um subevento inicial, como ocorre com *começar*, isso é plenamente aceitável.

- (34) a. Pedro acabou de começar a correr.  
 b. \*Pedro acabou de passar a correr.

Uma diferença interessante com relação a *passar* e *começar* diz respeito à possibilidade de seleção de alguns predicados de achievement. Alguns desses predicados de achievement que aparecem no progressivo – *derived accomplishment* ‘accomplishments derivados’, segundo Rothstein (2004) – também podem aparecer com *começar* (35), mas não com *passar* (36), a não ser que haja iteração, como em (37). Isso ocorre porque esse tipo de achievement permite que o processo que antecede a mudança de estado seja semelhante a uma atividade, daí sua comparação com os accomplishments. Vejamos os exemplos.<sup>14</sup>

<sup>14</sup> Brenda Laca (comunicação pessoal) nos chamou a atenção para o seguinte fato: como a própria Rothstein (2004) mostra em seu segundo capítulo, predicados que sofrem mudança na estrutura aspectual não aceitam todo tipo de operação que um predicado do mesmo tipo, mas que não sofreu nenhuma mudança. Assim, os mesmos achievements no progressivo ou accomplishments derivados não podem aparecer com expressões durativas do tipo *durante x tempo* (A), enquanto os accomplishments em geral podem (B), mesmo que a telicidade não seja acarretada (nem exigida) nesses casos.

- (A) i. \*João estava chegando durante 30 minutos.  
 ii. \*A flor estava morrendo durante 2 meses.
- (B) i. Maria pintou o quadro durante 2 horas.  
 ii. Pedro leu o livro durante uma hora.

Outro exemplo que nos foi apontado por Brenda Laca: os accomplishments que não são incrementais (também derivados), tais como *andar três quarteirões* e *correr até a padaria* podem aparecer no progressivo, mas não podem aparecer com *terminar*, como vimos no capítulo 3. Isso significa que, um predicado que sofre algum tipo de mudança na sua estrutura aspectual não aceita todas as operações possíveis a um predicado que não sofre mudança. É o que parece ocorrer com os verbos aspectuais.

- (35) a. A flor está morrendo.  
 a'. A flor começou a morrer.  
 b. A flor está nascendo.  
 b'. A flor começou a nascer.
- (36) a. #A flor passou a morrer.  
 b. #A flor passou a nascer.
- (37) a. As flores *começaram a/ passaram a* morrer.  
 b. As flores *começaram a/ passaram a* nascer.

Os exemplos mostram que *achievements no progressivo*, tais como os denotados por *morrer* e *nascer*, aceitam a operação de *começar* (35a';b'), mas não de *passar* (36), a não ser que a leitura seja iterativa (37). Isso mostra que de fato *começar* e *passar* formam sentenças cujas leituras são diferentes.

E essa diferença também aparece nos exemplos em (38-39): apenas os casos com *começar* podem ser revertidos, ou seja, apenas as sentenças com *começar* podem aparecer numa estrutura com uma oração adversativa, de modo a informar que a mudança de estado não foi concretizada (38). Isso não é possível com *passar* (39).

- (38) a. As flores começaram a morrer, mas eu consegui salvar elas.  
 b. A flor começou a morrer, mas eu consegui salvar ela.
- (39) a. \*As flores passaram a morrer, mas eu consegui salvar elas.  
 b. \*A flor passou a morrer, mas eu consegui salvar ela.

Se o predicado com *começar* de fato indica o primeiro estágio de um processo, a possibilidade de reversão que se vê em (38) é esperada. Por outro lado, como *passar* não indica um primeiro estágio, mas o estabelecimento de uma eventualidade homogênea, a impossibilidade de reverter uma situação é também esperada, conforme se observa nos dados em (39).

Nesta subseção, comparamos os aspectualizadores *passar* e *começar*, e sugerimos que as diferenças entre eles podem ser analisadas a partir da semântica a eles atribuída neste capítulo. Assim, é possível defender que esses verbos não têm a mesma função e não devem sofrer qualquer tipo de eliminação na língua – possibilidade sugerida em Travaglia (2007). Na próxima seção, vamos analisar os verbos *parar* e *deixar*, defendendo uma diferença nos mesmos moldes propostos para *começar* e *passar*.

### 4.3. OS ASPECTUALIZADORES *PARAR* E *DEIXAR*

Nesta seção, trataremos da contribuição semântica de *parar* e *deixar*. Iniciamos por compará-los aos verbos *stop* e *quit*, do inglês e, neste trabalho, vamos traduzir *stop* por *parar* e *quit*, por *deixar*, a partir das diferenças entre esses verbos (*stop* e *quit*) apontados no trabalho de Freed (1979). Em seguida, propomos que os outputs das operações que *deixar* e *parar* realizam sejam diferentes, de modo que *parar de*+infinitivo denote a interrupção de um evento, enquanto *deixar de*+infinitivo denote o “abandono” de um estado ou hábito (grosso modo, uma mudança de um evento para um não-evento, exatamente o contrário do que ocorre com *passar a*+infinitivo).

Freed (1979) insere *stop* e *quit* na lista dos verbos que denotam o aspecto *egressivo* (ver também Newmeyer 1975, Brinton 1988, entre outros), o que significa que eles focalizam a parte final de uma situação ou a interrupção/cessamento dela. Freed (1979) afirma que a diferença de *stop* para outros aspectualizadores, tais como *cease*, *quit* e *finish*, é que ele permite que o evento seja retomado, o que não ocorre nos outros três casos. Assim, se *x stopped e*, num momento posterior é possível que *x volte a praticar e*; mas se *x ceased/quit/finished e*, não é possível retomar a atividade. Vemos que isso é semelhante ao que se observa com relação a *parar* e *deixar* em PB, como demonstram os exemplos a seguir.

- (40) a. João *parou de* correr porque sentiu uma dor, mas em seguida *voltou a* correr.  
 b. #João *deixou de* correr porque sentiu uma dor, mas em seguida *voltou a* correr.

Como se vê, a não-aceitabilidade que Freed (1979) observa para sentenças com *quit* em inglês, também é verificada em PB, para casos como (40b). Para a autora, isso ocorre porque, enquanto *stop* descreve uma interrupção, mas não necessariamente um fim (ou um abandono da atividade), *quit* descreve uma interrupção praticamente definitiva. Por isso, descrever uma interrupção com *quit* – nos moldes de *deixar* em (40b) – e em seguida descrever uma retomada, não é aceitável em inglês (e em PB, podemos acrescentar).

Além disso, Freed (1979, p. 114) atribui a *quit* uma intencionalidade que não está presente em *stop*, segundo ela mesma. Assim, sentenças com entidades inanimadas são melhor formadas com *stop* do que com *quit*, fato que, aliás, parece valer também para o par *parar* e *deixar* em PB, como se observa nas traduções das sentenças de Freed.

- (41) a. ?The wind quit blowing. (Freed, 1979, p. 114)  
 ‘?O vento deixou de soprar’  
 b. ?The water quit dripping.  
 ‘?A água deixou de gotejar/pingar’

- c. \*The dripping of the water quit.  
 ‘\*O gotejar/pingar da água deixou’
- (42) a. The wind stopped blowing.  
 ‘O vento parou de soprar’
- b. The water stopped dripping.  
 ‘A água parou de gotejar/pingar’
- c. The dripping of the water stopped.  
 ‘O gotejar/pingar da água parou’

A sentença em (42a) mostra que *stop*, ao contrário de *quit* (41a), aceita melhor predicados cujo sujeito seja inanimado (*o vento*) e isso também vale para o PB, respectivamente, para *parar* e *deixar*. Já os casos em (41b-c) e (42b-c) mostram que a nominalização de evento, dada por *the dripping of the water* ‘o gotejar/pingar da água’, pode parafrasear o predicado que denota o evento *dripping* ‘gotejar/pingar’, quando o verbo aspectual é *stop* (42b-c). No entanto, isso não ocorre com *quit*, como se vê em (41b-c). Essa observação de Freed é similar àquela que fizemos, no terceiro capítulo, sobre o tipo de sintagmas que os aspectualizadores selecionam. Na ocasião, mostramos que *parar*, ao contrário de *deixar*, pode aparecer mais livremente com complementos DPs, desde que esse sintagma denote um evento. Essa restrição parece ocorrer com *quit*, como se observa nos dados de Freed (1979).

Em PB, podemos citar alguns trabalhos sobre esses aspectualizadores, começando por Castilho (1967). Este autor nada fala sobre a perífrase *parar de*+infinitivo, no entanto, insere *deixar de*+infinitivo no grupo das perífrases que denotam o aspecto terminativo (tais como *acabar de*, *cessar de*, *terminar de*+infinitivo). Para Castilho (1967) o aspecto terminativo é um sub-grupo do aspecto imperfectivo e sua função é apresentar a situação em seu término ou momentos finais.

Barroso (1994) discorda da inclusão de *parar* e *deixar* na lista daqueles que expressam aspecto terminativo ou de fase final. Para o autor, a perífrase *parar de*+infinitivo denota a interrupção de um evento, enquanto a perífrase *deixar de*+infinitivo denota o abandono de uma situação que ocorria. No presente capítulo, vamos utilizar essas ideias sobre *interrupção* e *abandono* para tentar capturar a diferença nas entradas lexicais de *parar* e *deixar*.

Travaglia (2006, pp. 200-202) afirma que as perífrases *deixar de*+infinitivo e *parar de*+infinitivo marcam o aspecto terminativo (segundo a definição de Castilho 1967) apenas quando ocorrem no progressivo – casos como (43), abaixo.<sup>15</sup>

15 Para os falantes de PB consultados por nós, sentenças com *deixar* no progressivo (43a-b) não são plenamente aceitáveis e a preferência é por *parar* nesses casos.

- (43) a. Celso está deixando de fumar. (Travaglia 2006, p. 200)  
 b. Embora eu esteja deixando de amar você, creio que nunca o odiarei.  
 c. Seu irmão está parando de estudar. (Travaglia 2006, p. 202)  
 d. Estarmos parando de comer não significa que a festa esteja ruim.

Já nos casos em que as perífrases com *deixar* e *parar* estão no pretérito perfeito, elas marcam o aspecto acabado, que “apresenta a situação após seu momento de término” (Travaglia, 2006, p. 88). Nos demais tempos verbais, não há marcação de aspecto pela perífrase, mas pela morfologia.

No presente trabalho, queremos evitar que uma mesma perífrase esteja envolvida em tipos de aspecto diferentes, como se vê em Travaglia (2006). Dessa forma, ao tomar como foco de pesquisa o verbo que encabeça uma perífrase, queremos traçar uma análise que explique a contribuição semântica de cada verbo (e de cada perífrase) para o significado de uma sentença, sem que isso mude, por exemplo, por causa da morfologia de tempo e aspecto. Claro que pode haver outros elementos na sentença que expressam aspecto gramatical (perífrases ou morfemas, por exemplo), mas isso, não deverá influenciar na semântica do verbo aspectual em questão.

Oliveira *et al.* (2001) analisam que, em português europeu (PE), *parar* toma predicados de atividade e de accomplishment como argumentos e o output da operação desse verbo é um predicado que denota um achievement associado a um estado cessativo, ou seja, à interrupção do evento. Dessa forma, *parar* não seleciona predicados de estado como argumento (44a) e pode aparecer em situações em que a eventualidade foi retomada (44b) em PE. Vejamos alguns dados.

- (44) a. \*O Rui parou de ser simpático. (Oliveira *et al.* 2001, p. 382)  
 b. O Rui parou de fumar quando a Maria entrou na sala, mas voltou a pegar num cigarro, mal ela saiu.

Em PB, (44b) também só é possível com *parar*, não com *deixar*; no entanto, (44a) é perfeitamente gramatical, com um ou outro verbo aspectual.

Oliveira *et al.* (2001) defendem que, em PE, há dois verbos *deixar* que funcionam como operadores aspectuais: o primeiro, toma como argumento um predicado de estado não-faseável e retorna um predicado que denota o mesmo tipo de eventualidade (*João deixou de ser português*, por exemplo). O segundo *deixar* é semelhante a *parar*, já que toma predicados de atividade ou de accomplishment como argumentos e devolvem um predicado que denota um achievement associado a um estado cessativo.

Para os autores, enquanto *parar* indica a interrupção de uma atividade, *deixar* indica a cessação de um estado habitual (Oliveira *et al.* 2001). É assim que explicam a impossibilidade de *deixar* aparecer em (45a) e apenas *parar* ser possível neste ambiente.

Além disso, *parar* não aparece em um contexto habitual (45b), apenas *deixar*. E é do mesmo modo que explicam a possibilidade de *deixar* ocorrer em (44a), mas não em (44b), acima. Vale observar que (45b) é aceitável em PB, mesmo com *parar*.

- (45) a. O Rui parou de/\*deixou de escrever a carta.  
(Oliveira *et al.* 2001, p. 382)
- b. O Rui fumava desde os seus 15 anos. Mas deixou de  
/?parou de fumar depois de um tratamento médico.

Quanto ao PB, Oliveira *et al.* (2001) consideram que ambos, *deixar* e *parar*, seguem o mesmo padrão de *deixar* em PE: ou i) selecionam predicados de atividades e de accomplishments, resultando um achievement associado a um estado cessativo, ou ii) *parar* e *deixar* selecionam um predicado de estado e retornam outro predicado de estado. O fato de Oliveira *et al.* (2001) considerarem que *deixar de*+infinitivo denota o cessamento de um hábito está de acordo com aquilo que observamos para o PB e que vamos explicitar neste capítulo. Nas duas próximas seções, apresentaremos nossa análise sobre *parar* e *deixar*, argumentando que eles não são totalmente equivalentes.

#### 4.3.1. PARAR

Nesta subseção, apresentamos nossa proposta para a semântica de *parar*. Defendemos que ele toma como input um predicado que denota uma eventualidade com estágios e devolve um outro predicado de eventualidades, que é uma interrupção/pausa da eventualidade que foi tomada como input.

No segundo capítulo (seção 2.2.2), argumentamos que estativos, ao contrário de atividades e accomplishments, não permitem interrupções, porque isso está diretamente ligado à noção de estágios: um evento com estágios (*correr, escrever o soneto*, por exemplo), pode ser interrompido e retomado, porque, na soma dos estágios que o compõe, interrupções são desprezadas. De fato, se alguém estiver correndo ou escrevendo um soneto e parar por algum tempo, no final o que vai contar é a corrida realizada ou o soneto escrito, i.e., na soma dos estágios, interrupções são desprezadas.

Por outro lado, os estados não têm estágios identificáveis, não fazendo sentido se falar em interrupções ou soma de estágios. Assim, é comum se ver na literatura termos como *cessação* ou *abandono* de eventos estativos, tal como vimos na seção anterior.

Ainda no segundo capítulo, mostramos um teste com *parar* (sugerido em Dowty 1979) em que apenas eventualidades com estágios apareciam com esse verbo. Considerando, portanto, que apenas eventualidades desse tipo podem ser interrompidas, nesta seção, vamos relacionar essa restrição de *parar* com a semântica deste verbo, argumentando que a perífrase *parar de*+infinitivo denota a interrupção de um evento.

Sendo assim, vamos definir *interrupção* como a não-continuidade de uma eventualidade com estágios e em desenvolvimento. Seguindo essa definição, propomos al-

gumas condições relacionadas à interrupção de um evento. A primeira é justamente a presença de estágios na eventualidade a ser interrompida. A segunda, que o evento esteja em desenvolvimento e vamos ilustrar essa condição por meio do morfema de progressivo *-ndo*.<sup>16</sup> A terceira, que a interrupção, que ocorre num intervalo de tempo *i'*, acarrete que o evento estava em desenvolvimento antes desse intervalo e não está mais em desenvolvimento depois dele. Vejamos (46), a seguir.

(46) **Definição de interrupção de um evento**

Seja *I* um evento que é a interrupção de um evento *e'* com estágios; seja **P-ndo** um predicado de eventos em desenvolvimento. Se há interrupção de *e'* então:

$$\exists e \exists e' \exists i' [e = I(e')(i') \ \& \ P\text{-ndo}(e') \leftrightarrow \exists i [i < i' \ \& \ P\text{-ndo}(e')(i)] \ \& \ \exists i'' [i' < i'' \ \& \ \neg P\text{-ndo}(e')(i'')]]]$$

Em palavras: há um evento *e* que é a interrupção (*I*) de um evento *e'* em desenvolvimento num intervalo *i'* (o momento da interrupção), se e somente se: existe um intervalo *i*, anterior a *i'*, e o evento *e'* está em desenvolvimento em *i*; e existe um intervalo *i''*, imediatamente posterior a *i'*, tal que *e'* não está mais em desenvolvimento em *i''*.

Assumir um evento em desenvolvimento é importante para frisarmos que se trata de um evento com estágios e que a interrupção é um fato novo, porque o evento poderia continuar: em condições naturais, tal evento poderia continuar se desenvolvendo até um certo limite, como a culminação, por exemplo – ver Dowty (1979), Landman (1992) e Portner (1998) sobre a noção de interrupção e desenvolvimento do evento no progressivo. Agora, sim, podemos ligar *parar* diretamente à noção de interrupção. Vamos propor uma entrada lexical para esse verbo.

(47) Considere:

- a.  $P\text{-ndo}_{\langle s, t \rangle}$  = um predicado de eventos em desenvolvimento;
- b.  $e_{\langle s \rangle}$  = uma variável sobre eventualidades;
- c.  $parar \ de \ P\text{-ndo}_{\langle s, t \rangle}$  = uma função de eventualidades para valores de verdade;
- d.  $parar_{\langle \langle s, t \rangle, \langle s, t \rangle \rangle}$  = um modificador de predicados de eventos, que se

<sup>16</sup> Vamos assumir que apenas predicados com a propriedade [+estágios] no progressivo denotam um evento em desenvolvimento, composto de subeventos (Landman 1992; Rothstein 2004; Linguinho & Bertucci 2011, entre outros). É o que se vê com atividades (i) e accomplishments (ii). Vamos assumir também que predicados de achievement no progressivo (iii) denotam não um evento em desenvolvimento e com subeventos, mas denotam uma pré-mudança de estado. Por fim, vamos considerar que os predicados de estado no progressivo (iv) denotam um estado temporário.

- i. Pedro está correndo.
- ii. Pedro está escrevendo um soneto.
- iii. Pedro está chegando.
- iv. Pedro está morando em Paris.

combina com um predicado P-ndo e retorna outro predicado de eventos. O seu output é a interrupção (I) de uma eventualidade; e.  $i'$  = um intervalo de tempo que é o momento de tópico da sentença (sobre esse tema, ver capítulo 1).

$$(48) \quad [[\text{parar}]] = \lambda P \lambda e. \exists e' \exists i' [e = I(e')(i') \ \& \ P\text{-ndo}(e')]$$

Ao sugerirmos que o predicado com *parar* denota um conjunto de eventualidades, que é a interrupção de  $e'$ , nossa intenção é mostrar que o predicado selecionado por *parar* denota uma eventualidade com estágios, em que as interrupções são permitidas.

De antemão, já podemos prever a explicação para o fato de *parar* só se combinar com predicados de atividade (49a) ou de accomplishment (49b), mas não com predicados de achievement (49c) e de estado (49d), conforme havíamos observado no terceiro capítulo. Isso ocorre porque apenas os dois primeiros predicados têm a propriedade [+estágios], exigida por *parar* – dadas as condições de interrupção.

- (49) a. Pedro parou de correr.  
 b. Pedro parou de escrever o soneto.  
 c. \*Pedro parou de chegar.  
 d. \*Pedro parou de ser alto.

Outra previsão é a de que *parar* selecione predicados de estados faseáveis, assim como ocorre com *começar*, já que tais predicados denotam eventos com estágios. De fato, essa seleção ocorre em alguns casos, como em (50a), mas não em outros, como em (50b), o que já tinha nos surpreendido no capítulo anterior. Já os hábitos, aqui considerados um tipo de estado faseável, são compatíveis com *parar*, como se vê em (50c). Por fim, os accomplishments derivados (*morrer* ou *nascer*, por exemplo, que também aparecem no progressivo) são selecionados por *começar* (ver seção 4.1.2), mas não são compatíveis com *parar* (50d).<sup>17</sup>

- (50) a. Pedro parou de gostar de chocolate.  
 b. #Pedro parou de morar em Paris.  
 c. Pedro parou de fumar (por recomendação médica).  
 d. #A flor parou de *nascer/morrer*.

Brenda Laca (comunicação pessoal) nos sugeriu que as restrições desses tipos de predicados com *parar* podem estar relacionadas com uma mudança que predicados como *morar em Paris*, *nascer* e *morrer* sofreriam em sua estrutura aspectual, fazendo-os

<sup>17</sup> Os casos em (50b) e (50d) são aceitáveis apenas se denotarem uma iteratividade (no último caso, essa iteratividade pode ser melhor explicitada quando o sujeito está no plural), caso contrário, não são aceitos.

capazes de denotar eventos com estágios. Para ela, essa mudança pode tornar o predicado compatível com algumas operações semânticas, como o progressivo e o onset (*começar*), mas não com todas as operações semânticas possíveis a predicados idênticos, mas que não sofreram mudança na estrutura, como *correr* ou *escrever o soneto* (ver nota 14, neste capítulo).

Nesta mesma linha de raciocínio, Cunha (1998) credita a má formação de sentenças com *parar* e predicados de estados faseáveis em PE ao fato de que tais predicados são atividades derivadas (ou seja, sofreram algum tipo de mudança na estrutura aspectual) e *parar* não seria compatível com tais predicados. No entanto, o fato de alguns predicados dessa natureza aparecerem com *parar* (50a), colocariam em xeque tal solução para o PB. Neste trabalho, deixaremos essa questão em aberto.

Nesta subseção, propomos que a semântica de *parar* esteja ligada à noção de interrupção, que por sua vez diz respeito a eventualidades com estágios. Assim, podemos explicar como a semântica de *parar* exerce um papel essencial na seleção do tipo de predicado que toma como complemento. Na subseção seguinte, trataremos do verbo *deixar* e, em seguida, faremos uma comparação entre *parar* e *deixar*.

#### 4.3.2. DEIXAR

Nesta subseção, tratamos da semântica de *deixar* em PB. Inicialmente, mostraremos que ele pode ter duas funções quando encabeça a perífrase *deixar de*+infinitivo: a primeira é indicar a interrupção (ou abandono) de um determinado hábito e a segunda, negar a realização do evento denotado pelo predicado selecionado. Como veremos nos exemplos logo em seguida, no primeiro caso, há a pressuposição de que o evento denotado pelo predicado que sucede *deixar* ocorria há algum tempo. No segundo caso, não: o evento denotado pelo predicado selecionado por *deixar* não chegou a existir.

Antes de propormos uma entrada lexical para *deixar*, vejamos então as duas leituras possíveis para a perífrase *deixar de*+infinitivo. Nos exemplos a seguir, as frases em (a) e (b) diferenciam essas duas leituras.

- (51) Pedro deixou de sair.
- a. Pedro abandonou o hábito de sair (à noite com os amigos, por exemplo).
  - b. Pedro não saiu para fazer outra coisa (descansar, por exemplo).
- (52) Pedro deixou de correr.
- a. Pedro abandonou o hábito de correr.
  - b. Pedro não correu para fazer outra coisa (sair com a namorada, por exemplo).

- (53) Pedro deixou de ler o livro.
- a. ??Pedro interrompeu a leitura do livro (= parou de ler o livro).
  - b. Pedro não leu o livro para fazer outra coisa (ver o filme sobre o livro, por exemplo).
- (54) Pedro deixou de ser o gerente da loja.
- a. Pedro não é mais o gerente da loja.
  - b. Algo aconteceu que Pedro não foi o gerente. (Ele não tinha experiência, ou recusou o convite, por exemplo.)<sup>18</sup>

Os exemplos acima mostram que *deixar de*+infinitivo pode expressar o abandono de uma situação habitual, como se vê nos casos em (a). O caso diferente seria (53a), que descreveria a interrupção de uma eventualidade accomplishment (denotada por *ler o livro*). No entanto, muitos falantes de PB (nós mesmos, inclusive) consideram que o significado de (53) dado em (53a) é bastante marginal e a preferência é por *parar*, neste caso. Assim, vamos deixá-lo de fora da análise, por enquanto.

A segunda leitura possível para os casos acima é aquela explicitada em (b). Nesse caso, não há qualquer tipo de restrição quanto ao tipo de predicado que sucede *deixar* – ver a diferença disso em relação a (53a). Silva (1999, p. 549) afirma que as duas leituras nas sentenças com *deixar* são “opções negativas, i.e., optar por não fazer algo [leituras em (b)] e optar por não continuar a fazer algo [leituras em (a)]”. No entanto, como a leitura ilustrada nos casos em (b) é de negação do evento – e não de abandono de uma atividade –, neste trabalho nós a deixaremos de lado, para nos concentrarmos nos casos em que *deixar* denota o abandono de um hábito, i.e., os casos explicitados pelas leituras em (a), acima, e que podem ser comparáveis a *parar* – *parar de*+infinitivo não tem a leitura de negação do evento, como *deixar*. Vamos tratar, portanto, dos casos em que *deixar de*+infinitivo denota o abandono de um hábito ou estado.

Se *deixar de*+infinitivo denota o abandono de um hábito ou estado (cf. Oliveira *et al.* 2001), o predicado selecionado pelo verbo aspectual deve denotar uma eventualidade com tais características – como se viu no capítulo 3 e nos dados iniciais desta seção. Tal fato faz com que possamos aproximar *deixar de* de *passar*, que também seleciona predicados dessa natureza, como se viu anteriormente (seção 4.2.2) e no capítulo 3.

Levando em conta a semelhança entre esses dois verbos, sugerimos que a perífrase *deixar de*+infinitivo também denote uma mudança de estado, mas, nesse caso, a mudança de um evento homogêneo que ocorria e foi abandonado, i.e., deixou de existir (a mudança de um evento para um não-evento).<sup>19</sup> Assumindo essa ideia, nossa intenção

<sup>18</sup> Marcus Lunguinho (c.p.) nos sugeriu que alguns falantes usariam outra sentença equivalente nesse contexto: *Pedro perdeu de ser o gerente da loja*, com o sentido de ‘perder a oportunidade’.

<sup>19</sup> Propor que *deixar* denote uma mudança de um evento para um não-evento acolhe também algumas intuições que nos foram comunicadas em diversos congressos dos quais participamos durante a pesquisa de doutorado. Para muitos falantes, essa seria a grande diferença de *deixar* em relação a *parar*, que denotaria

é relacionar *deixar* ao “abandono” de um determinado evento homogêneo (com características estativas), como ocorre com *passar*. Isso nos possibilitará diferenciar *deixar* de *parar*, porque *deixar* não requer que o evento esteja em desenvolvimento, como ocorre com *parar*.

Vamos assumir que *deixar de*+infinitivo denote o “abandono” de um determinado estado/hábito e vamos definir “abandono” como um evento de mudança de estado que traz à tona a cessação (o deixar de existir) de um evento qualquer  $e'$ . Além disso, vamos assumir que essa mudança esteja relacionada a um intervalo de tempo  $i'$ , aqui considerado o momento de tópico, o momento em que a mudança ocorre. Como vimos, *deixar de*+infinitivo denota uma eventualidade homogênea, com relação aos intervalos que precedem e sucedem o momento da mudança ( $i'$ ). Para dar conta dessa homogeneidade, vamos assumir que existe um intervalo  $i$ , anterior a  $i'$ , tal que para todos os subintervalos  $j$  de  $i$ , o evento  $e'$  ocorre nesses subintervalos. Da mesma forma, há um intervalo  $i''$ , posterior a  $i'$ , tal que para todos os subintervalos  $k$  de  $i''$ , o evento  $e'$  não ocorre mais nesses subintervalos.

(55) **Definição de “abandono” de um evento**

Seja  $e$  um evento que traz à tona o abandono de um evento  $e'$ ; seja  $P$  um predicado de eventos:

$$\exists e \exists e' \exists i' [e = \text{ABANDONO}(e')(i') \ \& \ P(e') \leftrightarrow \exists i [i < i' \ \& \ \forall j [j \leq i \rightarrow P(e') (j)]] \ \& \ \exists i'' [i' < i'' \ \& \ \forall k [k \leq i'' \rightarrow \neg P(e')(k)]]]$$

Em palavras:  $e$  é um evento de abandono de  $e'$  num intervalo de tempo  $i'$ , e  $e'$  é relativo a um predicado de eventos  $P$ , se e somente se: existe um intervalo  $i$ , anterior a  $i'$ , tal que para todos os subintervalos  $j$  de  $i$ , a proposição  $P(e')$  é verdadeira nesses subintervalos; e existe um intervalo  $i''$ , posterior a  $i'$ , tal que para todos os subintervalos  $k$  de  $i''$ , a proposição  $P(e')$  é falsa nesses subintervalos.

Tal como fizemos para *passar*, vamos considerar que a fronteira direita do intervalo  $i$  encoste na fronteira esquerda de  $i'$ , e que a fronteira direita de  $i'$  encoste na fronteira esquerda de  $i''$ , tal como ilustrado (56).

(56)

Considerando um evento de abandono, olhando para (56) podemos dizer que em  $i$ , o evento ocorre; em  $i'$ , o evento muda de estado; em  $i''$ , o evento não ocorre mais. Vamos considerar que o intervalo  $i'$  seja pontual.

---

uma interrupção de um evento (com estágios) em desenvolvimento. Agradecemos a todos que nos sugeriram essa leitura para sentenças com *deixar*.

Com a definição de “abandono”, fica estabelecida a condição de homogeneidade para os intervalos anterior e posterior à mudança e podemos tomar essa condição como parte da entrada lexical de *deixar*. Dessa forma, vamos propor que *deixar* tome um predicado de eventualidades como input e retorne outro predicado de eventualidades como output; esse predicado (*deixar de*+infinitivo) denota a mudança de um evento, no caso, o abandono do evento. A entrada lexical de *deixar* é dada a seguir.

- (57) Considere que:
- $P_{\langle s, t \rangle}$  = um predicado de eventos;
  - $e_{\langle s \rangle}$  = uma variável sobre eventualidades;
  - deixar de*  $P_{\langle s, t \rangle}$  = uma função de eventualidades para valores de verdade;
  - deixar*  $\langle \langle s, t \rangle, \langle s, t \rangle \rangle$  = um modificador de predicados de eventualidades, que se combina com um predicado P e retorna outro predicado de eventualidades. O seu output é o abandono de uma eventualidade;
  - $i'$  = um intervalo de tempo que é o momento de tópico da sentença (sobre esse tema, ver capítulo 1).

$$(58) \quad [[\text{deixar}]] = \lambda P \lambda e. \exists e' \exists i' [e = \text{ABANDONO}(e')(i') \ \& \ P(e')]$$

Vamos enfatizar que, diferentemente do que ocorre com *parar*, no caso de *deixar* não falamos da interrupção (no sentido utilizado para *parar*) de um evento com estágios que está em desenvolvimento, mas do abandono de um evento, que deixa de existir. Vemos também que a entrada lexical de *deixar* não possui o marcador de progressivo (*-ndo*), que existe com *parar*, indicando que o predicado selecionado por *deixar* não precisa ter estágios. Dessa forma, o evento associado ao complemento de *deixar* é um evento homogêneo, com características estativas. Vamos considerar que a homogeneidade descrita nas sentenças com *deixar* seja dada pelas condições associadas à definição de “abandono”.

Se a semântica de *deixar* está relacionada com uma homogeneidade, a previsão é de que esse verbo se combine com predicados estado, que são homogêneos. Além disso, *deixar* deve se combinar com predicados que denotam hábitos, porque são um tipo de eventualidade estativa. Como os hábitos são facilmente denotados por predicados de atividade, esses predicados também devem ser compatíveis com *deixar*. Por outro lado, predicados de achievement e de accomplishment não devem ser compatíveis com esse actualizador, porque não denotam eventos homogêneos.

A análise apresentada no terceiro capítulo de fato mostrou que *deixar* seleciona predicados de atividade (59b) e de estado (59a). Por outro lado, não é compatível com predicados de achievement (59c).<sup>20</sup>

<sup>20</sup> Casos com achievements são aceitos, se denotarem uma iteração.

- (59) a. Pedro deixou de *amar a Maria/ ser brasileiro depois da naturalização*.  
 b. Pedro deixou de fumar.  
 c. \*Pedro deixou de chegar.

A mesma observação feita para *passar*, vale para *deixar*, ou seja, este aspectualizador se combina com predicados de estado com estágios (*amar a Maria*) e sem estágios (*ser brasileiro*), mas neste último caso, é preciso que haja uma possibilidade de uma mudança (a naturalização, por exemplo). Predicados sem estágios, mas também sem possibilidade muito clara de mudança (*ser alto*, por exemplo) não ocorrem com *deixar* e outros verbos aspectuais.

Sobre os predicados de accomplishment, ao contrário do previsto, *deixar* até pode selecioná-los como complemento, como se vê em (60), a seguir.

- (60) Pedro deixou de construir a casa (depois que acabou o dinheiro).

No entanto, assim como fizemos para *passar*, vamos considerar que, neste caso, o evento de construir a casa está sendo lido de forma homogênea como um estado que se estendeu *durante um tempo x*, sem que a culminação esteja em questão, o que pode ser explicitado pela continuação entre parênteses. Por isso, tal predicado é compatível com *deixar*. Sem uma continuação como essa apresentada entre parênteses, a sentença teria uma leitura de negação, como no caso em (53b) visto no início desta seção.

Tais conclusões capturam a intuição de que as sentenças com *deixar* parecem não expressar um evento episódico, mas um evento habitual ou no mínimo homogêneo. E, como se observa até aqui, *deixar* faz uma operação bastante parecida com a de *passar*, mas tendo o sentido inverso do evento para o não-evento.

Após estabelecermos as entradas lexicais para *parar* e *deixar*, motivando cada uma delas e tentando ligá-las às restrições de ocorrência de cada verbo com determinados predicados, podemos passar para algumas diferenças que encontramos entre tais verbos, assim como fizemos com *começar* e *passar*.

#### 4.3.3. ALGUMAS DIFERENÇAS ENTRE PARAR E DEIXAR

Nesta subseção, apresentamos algumas diferenças entre *parar* e *deixar*, tal como fizemos para *começar* e *parar*. Nos capítulos anteriores, havíamos mostrado diferenças quanto ao tipo de predicado selecionado por esses verbos e da possibilidade de aparecerem (ou não) com complementos DPs. Agora, vamos analisar outras questões.

Em primeiro lugar, tratando do progressivo, vemos que as sentenças com *parar* são perfeitamente aceitáveis com a leitura pontual de *nesse exato instante* (61). Por outro lado, as sentenças com *deixar* não são aceitáveis nesse mesmo contexto (62).

- (61) a. Pedro está parando de correr (nesse exato instante).  
 b. Pedro está parando de escrever o soneto (nesse exato instante).
- (62) a. \*Pedro está deixando de correr (nesse exato instante).  
 b. \*Pedro está deixando de ser o gerente da loja (nesse exato instante).

Considerando que tanto *parar* quanto *deixar* formam predicados de achievement (ver seção 4.1), seria de se esperar que ambos aparecessem no progressivo com uma leitura de mudança de estado iminente (cf. Rothstein 2004), o que vale para *parar*, mas não para *deixar*. Acreditamos que a diferença verificada em (61) e (62) acima reside no fato das sentenças com *parar* terem uma leitura episódica, ao contrário das sentenças com *deixar*, que descrevem o abandono de uma situação habitual (ou homogênea). Se for assim, de fato parece incompatível dizer que um evento habitual *está deixando de existir nesse exato momento*, por isso a incompatibilidade entre o progressivo e a perífrase com *deixar*.

No entanto, a perífrase com *deixar* no progressivo é aceita por alguns falantes, sem o sintagma *nesse exato instante*. Nesse caso, o predicado com *deixar* no progressivo é lido como uma gradação. Essa gradação indica a existência de um processo em curso, que culminará com o abandono de um determinado hábito/ estado (63). A marca (?) indica a não-aceitabilidade por alguns falantes; o dado (63a) não ocorre com *parar*, mas aquele em (63b) é inclusive preferível com o verbo *parar*.

- (63) a. ?Pedro está *deixando*/\**parando* de ser o gerente da loja (aos poucos).  
 b. Pedro está *deixando*/*parando* de fumar (aos poucos).

Mantendo a ideia de que as sentenças com *deixar* em geral expressam o abandono de um hábito, e as sentenças com *parar* uma interrupção de um evento episódico, podemos explicar por que *parar* (64a), mas não *deixar* (64b), co-ocorre com a perífrase de aspecto retrospectivo *acabar<sub>2</sub> de+infinitivo*: é no mínimo estranho se dizer que um estado ou hábito acabou de ser abandonado. No entanto, tratando de um caso de leitura episódica, como ocorre com *parar*, isso é aceitável.

- (64) a. Pedro acabou de parar de correr.  
 b. \*Pedro acabou de deixar de correr.

Nossa análise também mostra uma vantagem com relação àquela apresentada por Cunha (1998, p. 114-118): para o autor, os operadores (*sic*) *deixar* e *parar* podem ter dois outputs diferentes porque podem “converter o processo numa eventualidade momentânea ou durativa”, ou seja, depois de alterado pelo verbo aspectual, o evento pode ser do tipo achievement ou do tipo estado. Dessa forma, quando o evento for convertido

em um achievement é compatível com um advérbio pontual (65) e, quando convertido em um estado, é compatível com um advérbio durativo (66).<sup>21</sup>

- (65) a. João deixou de chorar *às 5h*.  
 b. João parou de chorar *às 5h*.
- (66) a. João deixou de chorar *durante meia hora*.  
 b. João parou de chorar *durante meia hora*.

A partir das entradas lexicais que sugerimos, teríamos um único output para cada verbo aspectual e a diferença naquilo que Cunha (1998) denomina de eventualidade *pontual* ou *durativa* viria, na verdade, do papel dos adjuntos de tempo das sentenças. Nos casos em (65), *às 5h* seria relativo ao momento de tópico (*i'*) das sentenças, sendo o intervalo de tempo que expressa o momento exato da mudança de estado. Por outro lado, nos casos em (66), *durante meia hora* seria relativo ao intervalo de tempo (*i''*) posterior ao momento de tópico e, conseqüentemente, só poderá expressar a duração da interrupção (ou do abandono).

Sustentamos assim que, um verbo aspectual não tem mais de um output, mas diferentes intervalos de tempo podem estar em jogo, descrevendo diferentes períodos relacionados à sentença com um verbo aspectual (momento da mudança, momento anterior ou posterior, por exemplo).<sup>22</sup>

Uma observação importante a ser feita, sobre estativos. No terceiro capítulo, mostramos que *deixar*, ao contrário de *parar*, seleciona predicados que denotam eventualidades estativas, tenham ou não a propriedade [+estágios] (ou [+fases], na proposta de Cunha 2005). As exceções ficam para os casos em que, pelo conhecimento de mundo é inaceitável se apontar o abandono do estado (*ser alto, ter olhos verdes* etc.).

Acreditamos que essa seleção menos rigorosa de *deixar* se deva justamente à semântica desse verbo: seu papel é denotar uma mudança de um evento (estado/hábito) que acontece e deixa de acontecer, sem exigir que esse evento tenha estágios (como acontece com *parar*).

- (67) a. Pedro deixou de ser o gerente da loja.  
 b. Pedro deixou de ser brasileiro (depois da naturalização).  
 c. Pedro deixou de amar a Maria.
- (68) a. \*Pedro parou de ser o gerente da loja.  
 b. \*Pedro parou de ser brasileiro (depois da naturalização).  
 c. ??Pedro parou de amar a Maria.

<sup>21</sup> Em PB, os casos com *deixar* parecem menos aceitáveis do que aqueles com *parar*. Como já dissemos, isso ocorre porque as sentenças com *deixar* em geral expressam hábitos.

<sup>22</sup> O modo como um determinado advérbio de tempo se liga a um determinado intervalo nas sentenças com verbos aspectuais foge dos nossos objetivos, mas é tema certo para futuras pesquisas, conforme indicamos nas considerações finais.

Como se vê, as sentenças com *parar* (68) não são aceitáveis com predicados de estado, ao contrário daquelas com *deixar* (67). A observação fica por conta de (68c), em que o predicado *amar a Maria* tem estágios (estativo faseável) e, por isso, pode aparecer com *parar*, embora nem todos os falantes de PB aceitem essa sentença plenamente, preferindo aquela com *deixar* (por isso o uso das interrogações).

Nesta subseção, comparamos os verbos *parar* e *deixar*, para defender que eles não têm a mesma função na língua. Mostramos que *parar* expressa a interrupção de uma eventualidade com estágios, enquanto *deixar* expressa o abandono de uma eventualidade com características estativas (estados e hábitos). Vimos que as características semânticas que havíamos apontado nas seções anteriores ajudam a explicar a diferença que se observa entre esses verbos nos casos analisados. Na próxima seção, vamos analisar *continuar* e *voltar*.

#### 4.4. OS ASPECTUALIZADORES CONTINUAR E VOLTAR

*Continuar* e *voltar* são aspectualizadores que não formam um par tão próximo, como ocorre com *começar* e *passar* ou *parar* e *deixar*, por exemplo, mas guardam entre si algumas semelhanças que mostraremos na subseção 4.4.2. No entanto, não teremos uma subseção com as diferenças entre os dois verbos, justamente porque não os consideramos tão semelhantes como os outros casos.

##### 4.4.1. CONTINUAR

Nesta subseção, vamos discutir a contribuição semântica de *continuar* para o significado da sentença, quando forma a perífrase *continuar*+gerúndio.<sup>23</sup> Vamos propor que essa perífrase denote a continuidade de um evento.

Iniciamos com a exposição de trabalhos anteriores sobre o verbo *continuar* e a perífrase *continuar*+gerúndio. Para Castilho (1967, p. 111), essa perífrase exprime uma ideia de duração (cf. também Barroso, 1994 e Travaglia 2006) e expressa o aspecto “cursivo propriamente dito”. Como essa perífrase denota o desenvolvimento do evento (focaliza só uma parte do evento) é considerada pelo autor uma perífrase de aspecto imperfectivo. Novamente, discordamos de Castilho, argumentando que *continuar* e outros aspectualizadores não formam perífrases de aspecto gramatical (ver capítulo 1), por isso não expressam aspecto imperfectivo ou perfectivo.

Com relação ao correspondente em inglês, Freed (1979, p. 89) mostra que o verbo *continue* ‘continuar’ expressa a permanência/continuidade de uma situação, por isso,

<sup>23</sup> Embora a perífrase *continuar* *a*+infinitivo apareça em alguns contextos em PB (textos escritos, por exemplo), vamos assumir aqui que ela seja equivalente a *continuar*+gerúndio, que por sua vez é mais frequente na fala. Nossos exemplos serão restritos à esta última construção.

“cria uma leitura durativa” em relação ao evento denotado pelo predicado que toma como argumento. É a mesma ideia apresentada por Brinton (1988, p. 60), para quem esse verbo “focaliza na continuação de uma situação”. Freed (1979) diz ainda que o predicado com *continuar* pressupõe uma fase anterior do evento em questão.

Mantendo essas ideias de pressuposição e continuidade, Almeida (1980, p. 80) afirma que a perífrase com *continuar*, em PB, “conduz o pensamento a uma fase anterior” e expressa o “curso de uma ação”. A combinação desse curso com uma parte anterior pressuposta forma uma noção de sequência presente nas sentenças com *continuar*, o que não ocorre com *estar*, embora a perífrase com esse verbo também denote uma ação em curso, segundo o autor.

Laca (2002) também compara os casos entre *estar* e *continuar*. Ela chama a perífrase do espanhol *seguir*+gerúndio, equivalente a *continuar*+gerúndio, em PB, de “intransformative periphrasis”, comparável a predicados com verbos como *manter* ou *permanecer* (Laca, 2002, p. 81). Para a autora, embora essa perífrase denote um evento em continuidade, como a perífrase do progressivo (*estar*+gerúndio), a diferença entre elas reside no fato desta última estar relacionada ao aspecto gramatical. Enquanto a perífrase de progressivo insere o momento de tópico no momento de evento, a perífrase com *continuar*, por sua vez, “envolve a comparação entre dois intervalos de tempo: um anterior e outro posterior ao momento de tópico, sendo que o primeiro é pressuposto” (Laca, 2002, p. 81). Essa pressuposição não ocorre com a perífrase do progressivo.

Com relação à contribuição semântica dada pela perífrase *continuar*+gerúndio (*seguir*+gerúndio, no caso do espanhol) para o significado da sentença, Laca (2002, p. 82) propõe isto: “predicados intransformativos implicam que uma situação *s* existe num intervalo *t* e pressupõem i) que há um intervalo *t'* anterior a *t* tal que uma situação *s'* existe em *t'*, e ii) que *s* e *s'* são subpartes de uma mesma situação *S*.”

É a partir dessa análise de Laca que queremos sugerir uma entrada lexical para *continuar* condizente com sua contribuição semântica na perífrase. Vamos propor que *continuar* tome um predicado de eventos como input e retorne outro predicado de eventos como output. Esse predicado (*continuar*+gerúndio) denota a permanência do evento denotado pelo gerúndio. Antes de propormos uma entrada lexical para *continuar*, é pertinente que definamos o que é continuidade.

Vamos assumir que *continuar*+gerúndio denote a continuidade de um evento e vamos definir *continuidade* como um evento **e** de permanência (ou não-interrupção) de um evento anterior **e'**, que estava em progresso num intervalo **j**. Vamos assumir que esse evento **e** esteja relacionado a um intervalo de tempo **k** (o momento de tópico). Para ilustrar: o evento descrito em *Pedro continuou escrevendo o soneto às 10h* é um evento de permanência **e** de outro evento **e'**, que é *Pedro estava escrevendo o soneto (antes das 10h)*. O intervalo **k** relativo a **e** é *10h*, e o intervalo **j** relativo a **e'** é *antes das 10h*.

Sendo assim, vamos considerar que tanto **e**, quanto **e'** sejam subeventos de um evento maior **e''**, que é descrito por *Pedro escreveu o soneto* (completo), e que durou o intervalo **i**. Assim, vamos considerar que **k** e **j** sejam subintervalos de **i**.

Em termos práticos, isso significa que um predicado que denote uma continuidade (*continuar*+gerúndio, por exemplo) indica que o evento está em progresso no momento de tópico (igual ao progressivo), mas também que existe um intervalo anterior ao momento de tópico em que o evento já estava em curso (diferente do progressivo). Isso captura a intuição de que *continuar*+gerúndio possui semelhanças com *estar*+gerúndio, mas, ao mesmo tempo, conserva alguma diferença em relação a esta perífrase.

Como o leitor percebe, essa definição para *continuidade* de um evento acarreta que tenhamos dois subintervalos e dois subeventos em jogo. Além disso, ela acarreta que o evento esteja em desenvolvimento no momento de tópico. Por isso, na definição a seguir, vamos ligar essas ideias de desenvolvimento ao progressivo, dado pelo morfema *-ndo*, assim como fizemos com *parar*, anteriormente. Vamos considerar que *continuidade* e *progressão/ desenvolvimento* exigem que o evento em questão tenha subintervalos e subeventos. Vamos denominar de CONTINUE o evento que é uma continuidade de outro evento.

(67) **Definição de “continuidade” de um evento**

Seja CONTINUE um evento **e** que é a continuidade de um evento **e'**; seja **P-ndo** um predicado de eventos em desenvolvimento. Se há continuidade de **e'** então:

$$\exists e \exists e' \exists k [e = \text{CONTINUE}(e')(k) \ \& \ \text{P-ndo}(e') \leftrightarrow \exists j [j < k \ \& \ \text{P-ndo}(e')(j)] \ \& \ \exists i \exists e'' [\text{P}(e'')(i) \ \& \ k \leq i \ \& \ j \leq i \ \& \ e \leq e'' \ \& \ e' \leq e'']]$$

Em palavras: **e** é um evento de continuidade de **e'** num intervalo **k**; e **e'** é relativo a um predicado **P** de eventos em desenvolvimento, se e somente se: existe um intervalo **j**, anterior a **k**, e **e'** é um evento em desenvolvimento em **j**; e existe um intervalo **i** e um evento **e''**, tal que **k** e **j** são partes de **i** e **e** e **e'** são partes de **e''**.

Voltemos ao exemplo de *Pedro continuou escrevendo o soneto às 10h*. Esse evento é verdadeiro no momento de tópico **k** (*às 10h*) se ele for um subevento do evento maior *Pedro escreve um soneto* (**e''**). A sentença com *continuar* mostra que o evento está em progresso em **k**, e que houve um outro subevento **e'**, que ocorre num intervalo **j**, anterior a **k**, em que o evento já estava em progresso: se Pedro continua escrevendo o soneto, é porque ele *estava escrevendo* o soneto momentos antes. Dessa forma, se Pedro leva um intervalo de tempo **i** para escrever o soneto todo, os subintervalos **j** e **k** fazem parte de **i**. Ao mesmo tempo, os subeventos **e** e **e'** fazem parte do evento todo **e''**.

Ao associarmos a noção de continuidade à perífrase *continuar*+gerúndio, vemos que o fato do evento estar em progresso em **k**, o momento da continuidade, é um fator que pode explicar a leitura estativa das sentenças com essa perífrase, conforme defendemos na seção 4.1. Assim, *continuar*+gerúndio e *estar*+gerúndio dividiriam a ideia de evento em progresso no momento de tópico, o que faria com que seus predicados fossem predicados de estado.

Além disso, ao assumirmos um único evento **e**” numa sentença com *continuar*, seguimos as análises feitas por outros estudiosos, como Laca (2002). Agora, podemos propor uma entrada lexical para *continuar*.

- (68) Considere que:
- $P_{\langle s, t \rangle}$  = um predicado de eventos;
  - $e_{\langle s \rangle}$  = uma variável sobre eventualidades;
  - continuar* a  $P_{\langle s, t \rangle}$  = uma função de eventualidades para valores de verdade;
  - $\text{continuar}_{\langle \langle s, t \rangle, \langle s, t \rangle \rangle}$  = um modificador de predicados de eventualidades, que se combina com um predicado P e retorna outro predicado de eventualidades. O seu output é a permanência/continuação de uma eventualidade;
  - k** = um intervalo de tempo que é o momento de tópico da sentença.

$$(69) \quad [[\text{continuar}]] = \lambda P \lambda e. \exists e' \exists k [e = \text{CONTINUE}(e')(k) \ \& \ P\text{-ndo}(e')]$$

Nas condições para continuidade (CONTINUE), presente em *continuar*, vimos que ele requer que subintervalos de tempo diferentes sejam parte da duração de um evento maior (ou seja, temos três intervalos de tempo em jogo). Além disso, requer que subeventos diferentes estejam associados a esses subintervalos e sejam parte de um evento maior. Se é assim, a previsão é a de que *continuar* selecione predicados de atividade (70a) e de accomplishment (70b), mas não de achievement (70c) e de estado (70d).<sup>24</sup>

- (70)
- Pedro continua correndo.
  - Pedro continua escrevendo o soneto.
  - \*Pedro continua chegando.
  - \*Pedro continua sendo alto.

Os dados acima confirmam as previsões iniciais e estão de acordo com um trabalho anterior em que discutimos a seleção de complementos dos verbos aspectuais (cf. Bertucci *et al.* 2010), argumentando que *continuar* seleciona predicados com a propriedade [+estágios]. Vamos fazer, no entanto, duas observações importantes: a primeira, sobre a possibilidade de seleção de predicados de estado e a segunda sobre a vagueza entre uma leitura episódica e uma leitura habitual presente em alguns casos com o aspectualizador *continuar*.

Como já havíamos constatado para outros verbos aspectuais (*passar* e *deixar*), *continuar* pode aparecer com predicados de estado faseável (71a) ou não-faseável (71b). Por

<sup>24</sup> Predicados de achievement são aceitos se denotarem uma iteração, como em *Os convidados continuam chegando*, conforme se viu no segundo capítulo. Sobre esse ponto, ver também Freed (1979) e Lamiroy (1987).

outro lado não é compatível com alguns predicados de estado não-faseável, conforme se observa em (70d), repetido a seguir como (71c).

- (71) a. Pedro continua morando em Paris.  
 b. Pedro continua sendo brasileiro (apesar da naturalização italiana).  
 c. \*Pedro continua sendo alto.

A compatibilidade com predicados de estado faseável (71a) é explicada pela presença de estágios no evento denotado por esse tipo de predicado, conforme visto no capítulo 2, e conforme ocorre também com *começar*.

A explicação para os casos em (71b-c) deve estar relacionada à semântica do verbo *continuar*: ele deve ser aplicado apenas a predicados que denotem eventos em que seja possível se identificar estágios e subintervalos (ao menos um subintervalo anterior ao próprio momento da continuidade). Como predicados de estado sem estágios não têm isso claramente, continuações na sentença, como aquela colocada em (71b), tem o papel de possibilitar a identificação desse subintervalo anterior. Sem uma continuação ou um contexto adequado, a sentença não seria aceitável. Vejamos outros casos em que isso também ocorre:

- (72) a. Crianças podem mudar a cor dos olhos depois dos três anos, mas *O Pedro continuou tendo olhos verdes*.  
 b. Violão é assim: se você ficar muito tempo parado, você pode errar um pouco, mas *continua sabendo tocar*.

Os casos em (72) e (71b) compartilham a ideia de que um abandono (ou mudança) de um determinado estado, seria esperado pelas condições apontadas nos contextos, mas tal mudança não ocorreu. Nesses contextos, intervalos em que uma mudança de estado ocorresse eram perfeitamente possíveis. Ao utilizar *continuar* nos casos acima, o falante parece levar em conta os subintervalos e subeventos disponíveis pelo contexto, o que, de alguma forma, são requeridos por *continuar*. Por outro lado, é muito mais difícil achar um contexto em que (71c) seja possível. Se for possível, a análise é igual à discussão para (71b).

Alguém poderia nos questionar se a necessidade de subeventos que estamos atribuindo para os casos com *continuar* (em (71b), por exemplo) não deveria ser atribuída também para *deixar* e *passar*. Nossa resposta seria negativa para essa pergunta, porque, como vimos, *passar* e *deixar* exigem uma leitura homogênea na sentença (em que estágios podem ser desprezados), o que não é exigido por *continuar*. Diferentemente de *passar* e *deixar*, *continuar* ocorre com predicados de atividade, por exemplo, sem uma leitura habitual, e ocorre com predicados de accomplishment sem leitura homogênea. Acreditamos que tudo isso faça *continuar* um verbo com características diferentes de *passar* e *deixar* e, que exija que o predicado selecionado denote um evento com estágios.

Requerer predicados com a propriedade [+estágios] aproxima ainda mais *continuar* de *estar*, conforme a análise para o progressivo que fizemos no segundo capítulo. Além disso, como apontamos nesta subseção, *continuar*+gerúndio é um predicado de estado, tanto quanto *estar*+gerúndio e atribuímos essa estatividade ao fato dessas perífrases denotarem um evento em progresso. Outro ponto interessante que aproxima esses dois verbos é a possibilidade de aparecerem com adjetivos, tal como ilustramos a seguir.

- (73) a. A água está fria.  
 b. A água continua fria.
- (74) a. Pedro está magro.  
 b. Pedro continua magro.

Nosso trabalho não propõe uma análise que envolva a comparação dos casos com *continuar* e *estar*, nem da ocorrência de *continuar* com adjetivos. Deixamos isso para trabalhos futuros que possam analisar mais detalhadamente cada verbo em diferentes estruturas e que possam comparar verbos diferentes, como o par apresentado acima.

A segunda observação que queremos fazer para *continuar* é com relação à vagueza de algumas sentenças com esse aspectualizador. Uma sentença como *Pedro continua correndo* (70a) apresenta uma leitura episódica, em que Pedro está correndo no momento de tópico, e uma leitura habitual, em que Pedro tem o hábito de correr, mas não está necessariamente correndo no momento em que a sentença é proferida. A entrada lexical que propomos para *continuar* não retira tal vagueza, o que consideramos ser um fato positivo, porque reflete o que ocorre na língua natural. É no contexto que uma ou outra leitura ficará saliente.

Lamiroy (1987, p. 284) faz uma observação semelhante a respeito do verbo *continuer* ‘continuar’, em francês, em casos como (75). A autora diz que as sentenças com esse verbo podem descrever situações contínuas (um único evento/leitura episódica) ou descontínuas (vários eventos/leitura habitual ou iterativa).<sup>25</sup>

- (75) Jean continue à chanter cette chanson. (Lamiroy, 1987, p. 284)  
 ‘João continua cantando esta música’

Para a autora, a primeira leitura descreve uma situação em que os estágios internos são mostrados como contínuos (um evento único), enquanto a segunda leitura descreve uma repetição da situação em diferentes momentos, o que significa que, no primeiro caso, João ainda não acabou de cantar a música e, no segundo caso, ele já cantou a mes-

<sup>25</sup> Fazemos a ressalva de que nem todas as sentenças com *continuar* apresentam as duas leituras. A vagueza é evidente quando há um predicado de atividade no complemento de *continuar*; mas com predicados de estado, não vemos essa vagueza. O caso mais complexo é o dos accomplishments: na nossa opinião, uma sentença como (70b) não é vaga, tendo apenas uma leitura episódica, enquanto uma sentença como (75), é vaga, conforme aponta Lamiroy (1987). Observamos que o tipo de determinante do objeto direto pode influenciar nessa questão, mas não trataremos disso com detalhes neste trabalho.

ma música mais de uma vez. O mais importante, ressalta Lamiroy (1987), é que nos dois casos o verbo *continuar* contribui com a noção continuidade, o que reforça a ideia de termos uma única entrada lexical para *continuar*, como propomos.

Para Lamiroy (1987, p. 285), no entanto, essa repetição é uma “subcategoria temporal”, já que os eventos são colocados lado a lado, formando uma “serialização” (cf. também Freed 1979). Como já observamos no terceiro capítulo deste trabalho, vamos considerar que essa *serialização* não seja uma noção temporal, mas aspectual, no sentido de descrever um evento habitual. Dessa forma, mantemos a ideia de que *continuar* exerça o papel de expressar a continuidade de um determinado evento (seja ele um evento único/episódico ou uma iteração/hábito). Sugerimos que a leitura adequada seja dada composicionalmente na sentença ou pelo contexto de uso. Isso nos garante que a entrada lexical de *continuar* mantenha as características do verbo que encontramos na língua natural, inclusive com uma certa vagueza a respeito do tipo de interpretação que pode ser gerada na sentença.

Nesta subseção, explicitamos a contribuição semântica de *continuar* para o significado de uma sentença. Vimos que a perífrase com esse verbo forma um predicado que denota a continuidade de um evento em progresso num intervalo **k**, acarretando que num outro intervalo **j**, anterior a **k**, esse evento já estava em progresso. Na subseção seguinte, trataremos da semântica do verbo *voltar*.

#### 4.4.2. VOLTAR

Nesta subseção, vamos analisar a contribuição semântica do verbo *voltar* quando forma a perífrase *voltar a*+infinitivo. Vamos defender que essa perífrase denota a retomada do evento denotado pelo predicado no infinitivo, além de acarretar a existência de um evento de mesmo tipo ocorrido anteriormente (cf. Laca 2002).

Primeiramente, apresentaremos algumas análises anteriores referentes a *voltar*. Começamos por Freed (1979, p. 99), para quem o verbo do inglês *resume* ‘voltar’ é parecido com *continue* e seu significado é o de “taking up again” ‘começar novamente’. Para Freed, *resume* informa que “o evento em questão já foi iniciado”, mas, ao mesmo tempo, pressupõe “tanto o início prévio (anterior) quanto a cessação do evento denotado pelo seu complemento” (Freed 1979, p. 99-100). A pressuposição de evento iniciado fez com que Brinton (1988) colocasse *resume* na lista dos verbos de aspecto ingressivo ou inceptivo, como *start* e *begin*, mantendo as considerações de Freed (1979).

Para Almeida (1980), *voltar a*+infinitivo é uma variante de *tornar a*+infinitivo, em que a ideia expressa é a de uma ação que ocorre pela segunda vez. Diferentemente de Barroso (1994) e Travaglia (2006), para quem uma sentença com essas perífrases exprime uma repetição simples e não necessariamente uma sequência de eventos descontínuos (uma iteração), Almeida (1980, p. 108) considera que essa perífrase exprime, sim, iteração, que consiste em uma ação repetida, conscientemente ou não.

Laca (2002, p. 88) compartilha das ideias de Freed (1979) ao considerar que a perífrase do espanhol *volver a+infinitivo* ‘voltar a+infinitivo’ tenha semelhanças com a perífrase *seguir+gerúndio* ‘continuar+gerúndio’, já que ambas pressupõem um intervalo anterior em que o evento denotado pelo predicado de base foi verdadeiro.

Entretanto, diferentemente da sentença com *continuar*, em que há subpartes de uma mesma situação, Laca (2002) afirma que a sentença com *voltar* descreve realizações diferentes de uma situação de mesmo tipo. Como há realizações diferentes descritas numa sentença com *voltar*, Laca (2002, p. 88) afirma que uma sentença como (76a) acarreta que Pedro já leu o romance uma vez, algo que não ocorre em (76b).

- (76) a. Si [Pedro] hubiera vuelto a leer la novela... (Laca, 2002, p. 88)  
 ‘Se Pedro tivesse voltado a ler o romance...’  
 b. Si [Pedro] hubiera seguido a leer la novela...  
 ‘Se Pedro tivesse continuado a ler o romance...’

No entanto, Laca (2002, p. 89) reconhece que há uma certa vagueza entre “aquilo que pode contar como subpartes de uma mesma situação e aquilo que pode contar como diferentes realizações de um mesmo tipo de situação”. Essa vagueza faz com que *voltar* e *continuar* possam ser equivalentes em alguns casos, como se vê a seguir.

- (77) a. Se detuvo un momento y luego volvió a hablar. (Laca, 2002, p. 89)  
 ‘Parou um instante e logo voltou a falar’  
 b. Se detuvo un momento y luego siguió hablando.  
 ‘Parou um instante e logo continuou falando’

Seguindo Laca (2002), neste trabalho propomos que *voltar a+infinitivo* denote a retomada de um evento e acarrete a ocorrência de um evento de mesmo tipo, anterior à retomada. Sendo ocorrências diferentes, há um intervalo de tempo entre elas, que pode ser considerado uma pausa (ou uma interrupção, conforme Freed 1979). Vamos sugerir que as ocorrências possam estar relacionadas a eventos diferentes (no caso de iterações ou hábitos, por exemplo), ou subeventos/estágios de um mesmo evento (no caso de accomplishments, por exemplo). Essa abordagem permite que a denotação de *voltar* abrigue uma certa vagueza, em que ou i) um mesmo evento possa ser retomado ou ii) um evento novo (mas de mesmo tipo) tenha ocorrido.

Dessa forma, vamos seguir Laca (2002) sobre o fato de haver duas ocorrências de um evento do mesmo tipo em jogo e vamos considerar que essas ocorrências façam parte de um evento plural, ilustrado aqui como *e\**: sendo um único evento, *e\** é composto de subeventos/estágios; sendo um evento múltiplo, os eventos que ocorrem são partes de uma iteração ou de um hábito.

A vantagem dessa análise é mostrar que *voltar* tem uma contribuição diferente de *continuar*: à medida que as ocorrências sejam eventos distintos e descontínuos, acarreta-se um intervalo de tempo relativo à uma pausa/interrupção entre tais ocorrências.

Por outro lado, ela guarda semelhanças com a análise sobre *continuar*, defendida em alguns trabalhos (cf. Freed 1979; Laca 2002, por exemplo), porque oferece um tratamento único para os casos de leitura episódica e de leitura habitual (ou pelo menos de uma leitura iterativa que se assemelha à leitura habitual, por descrever uma repetição de eventos). É preciso ressaltar, porém, que a diferença entre *voltar* e *continuar* reside no fato do primeiro verbo acarretar, além de um início, uma interrupção entre esse início e a retomada, o que não se observa com o verbo *continuar*.<sup>26</sup>

Sendo assim, vamos sugerir uma entrada lexical para *voltar* de acordo com sua contribuição semântica na perífrase. Vamos assumir que esse verbo tome um predicado de eventos como input e retorne outro predicado de eventos como output. Esse predicado (*voltar a*+infinitivo) denota a retomada do evento denotado pelo predicado que aparece no infinitivo. Portanto, é pertinente que definamos primeiro o que seria a retomada de um evento associado a *voltar*.

Definimos *retomada* como uma nova ocorrência de um evento num intervalo de tempo (*i'*). Ela relaciona dois eventos (*e*, *e'*) de uma eventualidade plural *e\**, sendo que *e* e *e'* fazem parte de *e\**.

(78) **Definição de “retomada” de um evento**

Seja *e* um evento de retomada de *e'*; seja *i'* o intervalo que ocorre a retomada; seja *P* um predicado de eventos; seja *e\** um evento plural; se *e* é uma retomada de *e'*, então:

$$\exists e \exists e' \exists i' [e = \text{RETOMADA}(e')(i') \ \& \ P(e') \leftrightarrow \exists i [i < i' \ \& \ P(e')(i)] \ \& \ \exists e^* [e \leq e^* \ \& \ e' \leq e^* \ \& \ P(e^*)]]$$

Em palavras: *e* é um evento de retomada de *e'* no intervalo *i'*; e o predicado *P* é relativo a *e'*, se e somente se: existe um intervalo de tempo *i*, anterior a *i'*, em que *e'* ocorreu; existe um evento plural *e\**, tal que *e* é parte de *e\** e *e'* é parte de *e\**, e *e\** também é denotado pelo predicado *P*.

Essas condições para a retomada de um evento podem ser aplicadas a *voltar*. Primeiro, porque a retomada acarreta a ocorrência de um evento anterior a ela. Depois, tanto a retomada *e*, quanto a ocorrência anterior *e'*, fazem parte de um evento plural *e\**.

Além disso, essas condições mostram que eventualidades com estágios podem ser retomadas, porque os seus estágios podem ser interpretados como ocorrências distintas. Seguindo este mesmo raciocínio, achievements e estados não poderiam ser retomados,

<sup>26</sup> Numa sentença como (77b), em que há a perífrase com *continuar* (na tradução), a interrupção parece ser irrelevante. Além disso, os casos com *continuar* são compatíveis com uma interrupção, mas ela não faz parte da denotação deste aspectualizador.

porque não têm estágios (ou estágios identificáveis, no caso dos estados). No entanto, como a retomada pode envolver ocorrências de eventos distintos, ela pode ser compatível com achievements e com estados, desde que seja descrita uma repetição. Veremos isso adiante.

Munidos dessas análises e informações, propomos uma entrada lexical para o aspectualizador *voltar*.

- (79) Considere que:
- a.  $P_{\langle s,t \rangle}$  = um predicado de eventos;
  - b.  $e_{\langle s \rangle}$  = uma variável sobre eventualidades;
  - c. *voltar a*  $P_{\langle s,t \rangle}$  = uma função de eventualidades para valores de verdade;
  - d. *voltar*  $\langle \langle s,t \rangle, \langle s,t \rangle \rangle$  = um modificador de predicados de eventualidades, que se combina com um predicado P e retorna outro predicado de eventualidades. O seu output é a retomada de uma eventualidade;
  - e.  $i'$  = um intervalo de tempo que é o momento de tópico da sentença (sobre esse tema, ver capítulo 1).

$$(80) \quad [[\text{voltar}]] = \lambda P \lambda e. \exists e' \exists i' [e = \text{RETOMADA}(e')(i') \ \& \ P(e')]$$

Como *voltar* está associado à retomada, esperamos que ele selecione predicados de atividade (81a) e de accomplishment (81b), porque são predicados que denotam eventos com estágios e cada estágio pode ser interpretado como uma ocorrência diferente do mesmo tipo de evento.

- (81) a. Pedro voltou a correr.  
 b. Pedro voltou a escrever o soneto.

Nos dois casos, a interpretação é de que, num intervalo anterior ao momento de tópico, Pedro já havia realizado o evento (correr; escrever o soneto) e, no momento de tópico, ele retoma esse evento. Além disso, observamos que a sentença em (81a) pode ser vaga entre uma leitura episódica, em que Pedro retomou sua corrida no momento de tópico, e uma leitura habitual, em que Pedro retomou o hábito de correr. A entrada lexical proposta para *voltar* não retira tal vagueza, o que consideramos ser um fato positivo, porque reflete o que ocorre na língua natural. É no contexto que uma ou outra leitura ficará saliente. A sentença em (81b) não parece ter a mesma vagueza, algo que também ocorre nos casos com *continuar* – ver subsecção anterior e nota 25, deste capítulo.

Ainda com relação à seleção de predicados de eventos (com e sem estágios), uma previsão possível seria a de que *voltar* não selecionasse predicados de achievement (82a), que denotam eventualidades sem estágios, nem selecionasse predicados de estado (82b), em que estágios não são identificáveis. Mas observemos os dados em (82c-d).

- (82) a. \*Pedro voltou a chegar.  
 b. \*Pedro voltou a ser alto.  
 c. Pedro voltou a vencer.  
 d. Pedro voltou a ser brasileiro (com a anulação da naturalização).

Os dados em (82a-b) confirmam a previsão inicial, mas os dados em (82c-d), também com predicados de achievement (*vencer*) e de estado (*ser brasileiro*), mostram que a restrição não vale para todos os predicados dessa natureza.

Como dissemos antes, as condições para a retomada não impedem que achievements e estados sejam retomados, mas é necessário que haja uma repetição. E é isso o que ocorre em (82c-d): há uma nova ocorrência de *vencer* em (82c) e há uma nova ocorrência de *ser brasileiro* (82d), estado que havia sido interrompido por causa da naturalização de Pedro. Dessa forma, podemos associar a má-formação de (82a-b) à impossibilidade de ocorrências distintas do predicado, algo que já havíamos observado para *passar*, *deixar* e *continuar*. Portanto, a explicação para os casos em (82) deve estar relacionada à semântica do verbo *voltar*: ele deve ser aplicado apenas a predicados cujos eventos permitam ter diferentes ocorrências ao longo do tempo, já que relaciona essas ocorrências a um evento plural.

O caso em (82d) é parecido com o que vimos para *continuar*, em que o contexto (no caso, a continuação entre parênteses) dá a possibilidade de se identificar o subevento anterior acarretado pela retomada. Vamos assumir que a restrição de haver (ou se criar/identificar) subeventos, que é válida para *continuar*, seja igualmente válida para *voltar*.

Nesta subseção, discutimos a contribuição semântica de *voltar* para o significado da sentença, quando forma a perífrase *voltar a*+infinitivo. Nossa proposta é a de que essa perífrase denote a retomada do evento denotado pelo predicado no infinitivo, acarretando a existência de um evento de mesmo tipo ocorrido antes da retomada. Na próxima seção, vamos analisar os verbos *acabar* e *terminar*.

#### 4.5. OS ASPECTUALIZADORES ACABAR E TERMINAR

Nesta seção, analisamos a contribuição semântica dos verbos *acabar* e *terminar*, assumindo que eles sejam sinônimos quando utilizados como verbos aspectuais. Por outro lado, *acabar*, ao contrário de *terminar*, também pode expressar o aspecto gramatical retrospectivo, conforme se viu ao longo desta pesquisa (especialmente no primeiro capítulo) e que convencionamos marcar com o número 2 subscrito – *acabar*<sub>2</sub> *de*+ infinitivo, em casos como *João acabou de chegar*, por exemplo.<sup>27</sup>

Tratando do inglês, Newmeyer (1975) e Brinton (1988, p. 60) denominam *finish* ‘terminar’ de “aspectualizador egressivo” (além de *stop* ‘parar’ e *quit* ‘deixar’, entre

<sup>27</sup> Como assumimos essa sinonímia entre os verbos aspectuais *acabar* e *terminar*, nesta seção vamos utilizar exemplos apenas com o aspectualizador *terminar* a fim de evitar qualquer equívoco na interpretação da sentença, já que *acabar* aparece também na perífrase de aspecto retrospectivo.

outros), pois ele “focaliza o ponto final ou a cessação de uma situação”. Para Newmeyer (1975), *finish* e *stop* pressupõem a verdade de seus complementos, por isso são factivos, ao contrário de *begin* ‘começar’ (ver início da seção 4.2). Dessa forma, as sentenças em (83), com *finish* e *stop*, pressupõem a sentença em (85), mas a sentença em (84), com *begin*, não pressupõe aquela em (85). Como se vê nas traduções, o mesmo pode ser dito para os casos com *terminar*, *parar* e *começar* em PB.

- (83) a. John finished writing a letter.  
       ‘João terminou de escrever uma carta’  
       b. John stopped to write a letter.  
       ‘João parou de escrever uma carta’
- (84) a. John began to write a letter.  
       ‘João começou a escrever uma carta’
- (85) John was writing a letter.  
       ‘João estava escrevendo uma carta’

Freed (1979) afirma que *finish* marca o evento como completado e expressa a *coda* de uma eventualidade. Para recapitular: Freed (1979) propõe que os eventos são constituídos de *onset*, *nucleus* e *coda* e a coda do evento é, na verdade, “uma parte temporal identificável de um evento e serve para sinalizar a completude e o término preciso deste evento” (Freed 1979, p. 129). A crítica que fazemos a Freed é com relação a essas partes do evento: a autora considera que um evento tenha os três estágios que colocamos acima, mas afirma, ao mesmo tempo, que *onset* e *coda* são partes que estão fora da estrutura temporal da eventualidade (*onset* é o estágio preparatório e *coda* é quem sinaliza o término do evento). Para nós, o subevento final é parte do evento.

Freed (1979, p. 131) observa também que *finish* só ocorre com accomplishments ou atividades cujo percurso/limite sejam conhecidos, exatamente como havíamos notado para *terminar* no terceiro capítulo. Para nós, essa seleção rígida é uma sugestão de que esse verbo expressa um subevento que é parte da estrutura da eventualidade.

Freed (1979) também considera que *finish* exige “agentividade” por parte do sujeito do seu complemento, com ou sem intencionalidade. Por isso, para ela, esse verbo só aparece com sujeitos inanimados, se houver um processo natural, como em (86).

- (86) a. The leaves finished falling last week. (Freed, 1979, p. 135)  
       ‘As folhas terminaram de cair na semana passada’  
       b. The paint finished drying in two hours.  
       ‘A pintura terminou de secar em duas horas’

Como se vê pelas traduções, *terminar* também aceita esse tipo de contexto. Poderíamos acrescentar que, sentenças com *finish* e *terminar* precisam de um predicado em que haja um desencadeador. Nos casos a seguir, o processo possui um desencadeamento natural: o sol, naturalmente, se põe; as flores, naturalmente, desabrocham. Dessa forma, as sentenças a seguir são bem formadas em inglês (87a) e em PB (87b).

- (87) a. The sun finished setting at 6:48. (Freed, 1979, p. 136)  
       ‘O sol terminou de se pôr às 6:48’  
       b. As flores terminaram de desabrochar em maio.

Brenda Laca (comunicação pessoal) também chamou nossa atenção para a questão da exigência de um desencadeador (natural ou não) em sentenças com *terminar*. Vejamos os exemplos sugeridos por ela.

- (88) a. As folhas começaram a desenhar um círculo em torno da árvore.  
       b. \*/??As folhas terminaram de desenhar um círculo em torno da árvore.

Por que a sentença com *começar* é mais aceitável do que aquela com *terminar*? Essa é uma questão cuja resposta ainda nos parece distante; mas o fato apontado por Freed (1979) de que *finish* exige que o tipo de evento selecionado (*sic*) tenha agentividade (com ou sem intenção), nos parece uma resposta suficiente para os objetivos do nosso trabalho.<sup>28</sup> Podemos aplicá-la também para os exemplos com *terminar*. Passemos à literatura sobre *terminar*, especificamente em PB.

Castilho (1967) insere *acabar* e *terminar* (além de *cessar* e *deixar*) na lista daqueles que formam perífrases do aspecto terminativo, considerado um subgrupo do imperfectivo. Para Castilho (1967, p. 79), “quando a ação terminou após ter durado, estamos diante do aspecto terminativo”. O autor considera que é o semantema (conceito) do verbo que pode expressar esse aspecto. Aparentemente, para Castilho o aspecto terminativo exige o desenvolvimento de um evento durativo, em oposição a eventos pontuais, como *chegar*, por exemplo.

Além da definição de Castilho sobre terminativo não ser tão clara, esbarramos em pelo menos dois problemas adicionais: 1) na nossa argumentação (ver capítulo 1), os verbos aspectuais não estão relacionados ao aspecto gramatical, de modo que não podem expressar o imperfectivo; 2) para Castilho (1967, p. 79), esses verbos só expressam o terminativo se o verbo selecionado por eles tiver o traço [-télico], porque, “sendo télico, teremos o aspecto perfectivo pontual”. Não parece adequado, no entanto, assumir tal variação de expressão aspectual, nem ligar os verbos ao aspecto gramatical. É isso o que estamos evitando no presente trabalho.

<sup>28</sup> Essa exigência poderia mostrar também que alguns verbos aspectuais, como *terminar*, participariam da escolha do tipo de sujeito, o que reforçaria a ideia de que eles sejam verbos lexicais e não gramaticais.

Oliveira *et al.* (2001, p. 381) dizem que *acabar* em PE pode se juntar a predicados que denotam atividades ou accomplishments e que seu output será sempre um predicado que denota um achievement – ver também Cunha (1998) – e isso vimos em 4.1. Para os autores, *acabar* pode ter igualmente uma leitura temporal (passado recente), como em PB e, nesse caso, toma qualquer tipo de predicado como argumento (ver capítulo 1).

Sobre *acabar* e *terminar* em PB, Oliveira *et al.* (2001, p. 382) afirmam que, nessa variedade do português, *acabar de*+infinitivo se especializou como uma perífrase temporal, enquanto *terminar de*+infinitivo se especializou como uma perífrase aspectual, ao contrário do que ocorre em PE, em que a primeira perífrase tem os dois papéis. No entanto, Travaglia (2004) apresenta dados que mostram que, em PB, *terminar* é menos frequente que *acabar*, além de mostrar que *acabar* assume também as funções temporal e aspectual, como em PE.

Por isso, não concordamos plenamente com Oliveira *et al.* (2001): podemos afirmar, sim, que *acabar* tem as duas leituras em PB, enquanto *terminar*, apenas a aspectual. Essa é a razão pela qual, durante este trabalho, decidimos apresentar exemplos apenas de *terminar*, a fim de evitar uma confusão entre os possíveis valores de *acabar* numa sentença.

No terceiro capítulo, mostramos que *terminar* toma como input somente predicados com a propriedade [+incremental] e vimos também que tal propriedade só pertence aos accomplishments, mas que nem todo accomplishment a possui. Assim, casos como (89a-b) podem ser chamados de accomplishments incrementais, enquanto outros, como (89c-d), apenas de accomplishments.

- (89) a. Pedro terminou de escrever o soneto.  
 b. Pedro terminou de construir uma casa.  
 c. \*/??Pedro terminou de correr até a esquina.  
 d. \*/??Pedro terminou de andar três quarteirões.

Como já foi dito, neste capítulo, sempre que utilizarmos o termo *accomplishment* estaremos nos referindo àqueles que são incrementais. No segundo capítulo (seção 2.4), baseados em Rothstein (2004), discutimos a estrutura dos predicados de accomplishment incrementais e mostramos que eles são compostos de dois eventos: um evento  $e_1$ , uma atividade, e um evento BECOME ( $e_2$ ), uma mudança de estado.

Rothstein (2004) também propõe que um evento accomplishment seja chamado de incremental na medida em que suas partes sejam individualizadas (seus estágios sejam identificáveis) e que sua culminação seja um *upper bound* distinguível. *Upper bound* é, portanto, o subevento final (a culminação) de um evento incremental e recebe este nome por ser a última parte do evento.

Podemos ver um exemplo bastante claro disso num predicado como *escrever o soneto*, em que cada verso poderia ser considerado um estágio identificável do evento como

um todo. Considerando um modelo de soneto com quatorze versos, o décimo quarto verso seria o upper bound (a culminação) desta eventualidade accomplishment.

Vamos assumir, portanto, que o *upper bound* (UB) seja o evento mínimo final de uma eventualidade incremental e, em paralelo com o que propusemos na definição de onset, vamos ligar a duração do UB com a duração de e'. Vamos considerar que:

(90) **Definição de *upper bound* de um evento**

Seja **e** o evento que é o upper bound (UB) do evento e'; e seja **P** um predicado de eventos; se há um *upper bound*, então:

$$\exists e \exists e' [e = \text{UB}(e') \ \& \ P(e') \leftrightarrow \tau(e) \subseteq_{\text{final}} \tau(e')]$$

Em palavras: um evento **e** é o upper bound de um evento e', relativo a um predicado **P**, se e somente se: a duração ( $\tau$ ) de **e** é o subintervalo final da duração de e'.

Considerando a estrutura dos predicados de accomplishment, e a seleção exclusiva de *terminar* por esse tipo de predicado, vamos relacionar este verbo aspectual exatamente ao *upper bound* de uma eventualidade accomplishment. Assim, diremos que *terminar* toma um predicado de accomplishment como input e retorna o evento mínimo final (o upper bound) da eventualidade denotada por esse predicado como output. A seguir, a entrada lexical de *terminar*.

(91) Considere que:

- a.  $P_{\langle s, t \rangle}$  = um predicado de eventos;
- b.  $e_{\langle s \rangle}$  = uma variável sobre eventualidades;
- c. *terminar de*  $P_{\langle s, t \rangle}$  = uma função de eventualidades para valores de verdade;
- d. *terminar*  $\langle \langle s, t \rangle, \langle s, t \rangle \rangle$  = um modificador de predicados de eventualidades, que se combina com um predicado P e retorna outro predicado de eventualidades. O seu output é o upper bound (UB) de uma eventualidade.

(92)  $[[\text{terminar}]] = \lambda P \lambda e. \exists e' [e = \text{UB}(e') \ \& \ P(e')]$

Dada a entrada lexical de *terminar* e a definição de *upper bound*, de fato o único predicado compatível com esse aspectualizador é o predicado de accomplishment, porque é o único que denota um evento com estágios e com um subevento final identificável. Os demais não são compatíveis: predicados de achievement e de estado não têm estágios, enquanto o predicado de atividade não tem um subevento final em sua denotação. No entanto, se uma atividade puder ser delimitada, ela será compatível com *terminar* (em *Pedro terminou de cantar*, por exemplo, o final da música ou do show podem delimitar a atividade de cantar).

Como já mostramos no início desta seção que *terminar* só toma predicados de accomplishment como complemento, vejamos os dados de outras línguas.

Em outros trabalhos sobre o tema, observamos que outras línguas parecem ter elementos semelhantes ao aspectualizador *terminar* em PB. Embora não tenhamos dados suficientes para realizar uma análise idêntica à que fizemos com *terminar*, vamos mostrar o fato relacionado à seleção: Newmeyer (1975), Freed (1979), Brinton (1988) entre outros, observam que em inglês, *finish* ‘terminar’ só seleciona accomplishments (93); o mesmo tipo de seleção ocorre em japonês (94), com o verbo aspectual *-oe* ‘terminar’, conforme se observa em Fukuda (2006).<sup>29</sup> Em línguas românicas, como o francês (95a), o italiano (95b) e o espanhol (95c), os respectivos verbos *finir*, *finire* e *terminar* também selecionam apenas accomplishments.

- (93) John **finished** writing the paper. *inglês*  
 ‘John terminou de escrever o artigo’
- (94) Kodomo-tachi-ga sakamichi-o aruki **-oe** -ta. *japonês*  
 child-PL-NOM hill-ACC walk **-finish<sub>2</sub>** -PERF  
 ‘The children finished walking up a hill’  
 ‘As crianças terminaram de subir um morro’
- (95) a. Jean a **fini** d’écrire le livre. *francês*  
 b. Gianni ha **finito** di scrivere il libro. *italiano*  
 c. Juan **terminó**/ ha **terminado** de escribir el libro. *espanhol*  
 ‘João terminou de escrever o livro’

Outro exemplo interessante vem da língua Fõngbè, da família Kwa do Benin. Da Cruz (1995) mostra que o verbo *fõ* ‘terminar’ se comporta exatamente como *finish*, do inglês, e seleciona apenas accomplishments (96).

- (96) a. Kɔ́kú wà àzɔ ɔ **fó**.  
 K. do work DET finish  
 ‘K. finished doing the work [K. terminou de fazer o trabalho]’
- b. \*Ayàbá bú àwù ɔ **fó**  
 A. lose dress DET finish  
 ‘A. finished losing the dress [A. terminou de perder o vestido]’
- c. \*Kɔ́kú tùn Asíbá **fó**.  
 K. know A. finish  
 ‘K. finished knowing A. [K. terminou de conhecer A.]’

<sup>29</sup> Abreviações utilizadas nos exemplos: 3s: 3ª. pessoa-singular; ACC: acusativo; ART: artigo; DET: determinante; LOC: locativo; NFUT: não-futuro; NOM: nominativo; PERF: perfectivo; PL: plural.

Finalmente, Frutos (2010) mostra que a partícula *pa*, no guarani paraguaio, pode modificar adjetivos de escala fechada e eventualidades accomplishments. Nesse último caso, a sentença tem o sentido de *terminar* ou *realizar completamente* o evento. Por isso, utilizar *pa* e, ao mesmo tempo, dizer que o evento não atingiu seu upper bound, não é possível em guarani paraguaio, como se vê em (97b).

- (97) a. Juan o-japo-Ø-pa (la) hoga  
 J. 3s-fazer-NFUT-PA ART casa  
 ‘J. terminou de fazer a casa’
- b. \*Juan o-japo-Ø-pa (la) hoga, ha ndaipori (la) techo  
 J. 3s-fazer-NFUT-PA ART casa e não tem ART teto  
 ‘J. terminou de fazer a casa, mas ainda não tem teto’

Se de fato *pa* expressa o upper bound de um evento incremental, a agramaticalidade de (97b) é esperada e isso corrobora tanto a análise de Frutos (2010) de que essa partícula expressa a completude de uma eventualidade accomplishment – um “evento de escala fechada”, na terminologia da autora –, quanto a nossa análise de que, do ponto de vista translinguístico, os verbos ou elementos que realizam a mesma operação que *terminar* realiza em PB têm as mesmas restrições de seleção: só aparecem com predicados incrementais.

Nesta seção, tratamos da contribuição semântica de *terminar* quando forma a perífrase *terminar de*+infinitivo, propondo que esse aspectualizador expresse o upper bound de uma eventualidade incremental. Como indicado, nossa análise vale também para *acabar* nos contextos em que é lido como verbo aspectual, i.e., nos casos em que é sinônimo de *terminar*.

#### 4.6. CONCLUSÕES DO CAPÍTULO

Neste capítulo, discutimos a contribuição semântica dos verbos aspectuais analisados nesta pesquisa. Vimos que tanto *começar* e *passar*, quanto *parar* e *deixar* não são pares semanticamente iguais. *Começar* e *parar* estão associados à noção de estágios, já que a perífrase com *começar* denota o estágio inicial (onset) de um evento, e a perífrase com *parar*, a interrupção de uma eventualidade em desenvolvimento, portanto, com estágios – conforme a noção de estágios e desenvolvimento discutidas ao longo do trabalho. Por outro lado, *passar* e *deixar* não exigem a propriedade [+estágios] e estão associados à noção de homogeneidade de uma situação, de modo que suas perífrases denotam, respectivamente, o início e o abandono de uma eventualidade homogênea (geralmente um

hábito ou estado). Mostramos alguns ambientes de ocorrência em que essas diferenças podem ser observadas e assumimos que tais diferenças podem ser expressas nas entradas lexicais dos verbos aspectuais.

Mostramos também que *continuar* e *voltar* são verbos diferentes: enquanto a perífrase com o primeiro verbo denota a continuidade de um evento que já ocorria, a perífrase com *voltar* denota a repetição de um evento. Por isso, associamos ao primeiro verbo a noção de subintervalos (e subeventos) referentes a um único evento e ao segundo verbo a noção de eventos diferentes que fazem parte de um evento plural. Além disso, vimos que a principal diferença entre *continuar* e *voltar* é o fato de *voltar* pressupor uma interrupção, por conta de haver eventos diferentes em jogo, o que não ocorre com *continuar*. Assim como Laca (2002), mostramos que, em alguns casos, a diferença entre o que é considerado um evento único com subeventos e o que é considerado um evento plural, com eventos distintos pode não ser clara, de modo que esses verbos podem ser relativamente semelhantes em alguns casos.

Por fim, tratamos de *acabar* e *terminar*, assumindo que, como verbos aspectuais, eles são sinônimos em PB. Mostramos que esses verbos estão ligados à noção de *upper bound* ou culminação de uma eventualidade incremental. Dessa forma, propomos que suas perífrases denotam a culminação da eventualidade tomada como complemento. Com isso, ligamos diretamente a contribuição semântica desses verbos à seleção de predicados com a propriedade [+incremental], conforme mostramos no capítulo anterior. A seguir, apresentamos nossas considerações finais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho analisou os verbos aspectuais *acabar, começar, continuar, deixar, parar, passar, voltar e terminar* do PB, nos casos em que formam perífrases. Seu objetivo principal foi contribuir para a análise geral sobre aspecto e verbos aspectuais em PB e nas línguas naturais, seguindo o modelo da Semântica Formal. Tal como havíamos anunciado na introdução, esta pesquisa verificou a contribuição semântica desses verbos para o significado da sentença.

No primeiro capítulo, argumentamos que uma perífrase com verbo aspectual ou i) denota uma parte da eventualidade denotada pelo predicado que seleciona, ou ii) denota um estado relativo a tal eventualidade e iii) possui um tipo de aspecto lexical quase sempre diferente daquele do predicado tomado como input. Defendemos que os verbos aspectuais em análise são modificadores de eventualidade, contribuindo para a expressão do aspecto lexical e não para a expressão do aspecto gramatical. No quarto capítulo, mostramos por meio de alguns testes que o tipo de aspecto lexical presente nos predicados com verbos aspectuais é diferente daquele denotado pelo predicado selecionado, o que está de acordo com a afirmação de que os verbos aspectuais contribuem para a expressão do aspecto lexical.

Já cientes de que os aspectualizadores se relacionam à expressão do aspecto lexical, e que sua seleção se baseava nesse tipo de aspecto, no segundo capítulo, discutimos as propriedades do aspecto lexical. Ao analisar tais propriedades, a intenção foi verificar quais delas seriam relevantes na seleção feita por um verbo aspectual. Naquele capítulo, mostramos que a propriedade [+télico] ocorre em predicados que denotam eventualidades não-homogêneas, como *achievements* e *accomplishments*, enquanto a propriedade [-télico] é típica de predicados que denotam eventualidades homogêneas em relação às suas partes, i.e., as atividades, ou em relação a seus intervalos de tempo, i.e., os estados. No capítulo 3, mostramos que a telicidade não é tomada como a única ou a mais relevante propriedade para a seleção de nenhum dos verbos aspectuais analisados.

Voltando ao capítulo 2, vimos que a propriedade [+estágios] está presente em predicados que denotam eventualidades compostas de subeventos (*estágios/partes mínimas*), como ocorre com atividades e *accomplishments*, enquanto a propriedade [-estágios] é típica de predicados que denotam eventualidades sem subeventos, como *achievements* e estados. No entanto, assumimos com Cunha (2005) que os estados formam uma classe heterogênea em português e defendemos que alguns predicados de estado podem ser marcados com a propriedade [+estágios]. No capítulo 3, mostramos que essa propriedade é a mais relevante para a seleção dos aspectualizadores *começar* e *parar*, inclusive para os predicados de estado com essa propriedade. Isso nos permitiu propor

que a seleção feita por esses verbos está diretamente ligada a uma propriedade e não a classes aspectuais. Também no capítulo 3, vimos que (quase) todos os verbos aspectuais podem aparecer com predicados que possuem a propriedade [+estágios], o que pode ser atribuído ao fato desses verbos, em geral, formarem perífrases que denotam estágios específicos de uma eventualidade. A exceção são os verbos *acabar/terminar*, para os quais a propriedade [+estágios] não é suficiente para a seleção.

Ainda no segundo capítulo, mostramos que os predicados de accomplishment possuem as propriedades [+estágios; +télico], mas que isso não é suficiente para explicar a seleção realizada pelos aspectualizadores *acabar/terminar*. Por isso, sugerimos que há uma outra propriedade em jogo na seleção realizada por esses verbos: [±incremental]. Como observamos, os predicados incrementais, como *escrever o soneto*, por exemplo, possuem um argumento que muda de estado aos poucos durante uma atividade (um processo), até a culminação final. Essa mudança gradual e a culminação final são basicamente as características de uma eventualidade incremental, cujo predicado é o único selecionado pelos verbos *acabar/terminar*. A incrementalidade não é uma propriedade encontrada em alguns predicados chamados de accomplishment, como *correr até a esquina*, por exemplo. No capítulo 3, confirmamos que a propriedade [+incremental], por acarretar a presença de estágios, é compatível também com todos os verbos aspectuais.

Com essa análise, portanto, no terceiro capítulo mostramos como os aspectualizadores selecionam seus complementos a partir de propriedades específicas, de modo que a seleção tem semelhanças em alguns casos, como a compatibilidade com a propriedade [+estágios], mas não é homogênea para todos os verbos dessa classe.

Finalmente, no quarto capítulo, atribuímos uma entrada lexical para cada verbo aspectual, tentando capturar o significado do verbo na língua natural, bem como sugerir que as restrições de seleção pudessem ser verificadas a partir da entrada lexical. Numa observação mais geral, notamos que os verbos *começar, parar e acabar/terminar* apresentam uma série de diferenças para outros verbos como *passar, deixar, continuar e voltar*. Entre essas diferenças, estão a possibilidade de *começar, parar e terminar* ocorrerem i) no progressivo com leitura episódica e ii) com a perífrase de aspecto retrospectivo *acabar<sub>1</sub> de+infinitivo*, fatos que em geral não ocorrem com *passar, deixar, continuar e voltar*. Além disso, pelas entradas lexicais propostas, mostramos que verbos como *passar e deixar* requerem que o evento denotado pelo predicado selecionado tenha características homogêneas. Por isso, tais verbos são comuns com predicados que denotam estado ou hábito.

Outro ponto importante deste trabalho foi mostrar que alguns predicados de estado que denotam propriedades mais estáveis e que por isso são considerados [-estágios; +individual-level], como *ser brasileiro*, podem aparecer com os verbos *passar, deixar, continuar e voltar*, num contexto específico, mas não com *começar, parar e acabar/terminar*. Assumimos que os verbos compatíveis com esses predicados denotam algum tipo de mudança de estado (ou possibilidade de mudança, no caso de *continuar*), e que essa mudança está associada a diferentes intervalos de tempo. Dessa forma, embora esses verbos possam aparecer com predicados que possuem a propriedade [+estágios], eles não a exi-

gem como propriedade essencial, tal como ocorre com *começar*, *parar* e *acabar/terminar* (se considerarmos que ser incremental acarreta ter estágios). Por isso, esses últimos verbos não são compatíveis com predicados do tipo *ser brasileiro*.

A partir da análise feita neste trabalho, defendemos que verbos aspectuais que parecem sinônimos, como *começar* e *passar*, têm diferenças importantes entre si, e não devem estar sujeitos à eliminação de um ou de outro “em estágios posteriores ao atual” num processo de gramaticalização, conforme sugerido em Travaglia (2007, p. 31).

Esta pesquisa certamente contribuiu para a análise sobre aspecto e especialmente sobre verbos aspectuais em PB e nas línguas naturais. Mas por ser um campo vasto e pouco explorado, restaram várias questões em aberto, as quais gostaríamos de apresentar a seguir.

Primeiro, não discutimos a contribuição das preposições envolvidas nas perífrases com verbos aspectuais, porque acreditamos que esse tema mereça uma pesquisa mais ampla e exclusiva, que possa analisar o papel das preposições em outros ambientes de ocorrência em PB. Além disso, apesar de termos relacionado o verbo *continuar* a uma noção de evento em progresso, não explicamos porque apenas essa perífrase aparece preferencialmente no gerúndio, sem que seu significado seja alterado com relação à construção com a preposição *a*+infinitivo – ao menos à primeira vista, o significado se mantém, embora a construção com infinitivo não seja comum em PB.

A segunda questão deixada de lado foi com relação a outras construções com os mesmos verbos desta pesquisa, como os casos com *passar* e *deixar* seguidos de DPs, ou com *continuar* seguido de adjetivo, por exemplo. Em trabalhos futuros, uma análise que englobe esses casos contribuirá muito para a compreensão desses verbos e do aspecto nas línguas.

O terceiro ponto não discutido foi com relação à contribuição semântica dos verbos que compõem outras perífrases, como *andar*+gerúndio, *ficar*+gerúndio, *viver*+gerúndio, entre outros. Talvez se possa fazer também uma análise que compare a contribuição semântica das preposições em construções com verbos aspectuais e a contribuição do gerúndio nas construções acima, além da perífrase de progressivo e da perífrase com *continuar*.

Um tópico que nos interessou já no final da pesquisa e, por isso mesmo, não pode ser incluído aqui, é a interação de diferentes modificadores temporais (às x tempo; durante x tempo; desde x tempo, entre outros) com as perífrases de verbos aspectuais. Seria uma importante contribuição para as pesquisas sobre tempo, aspecto e modificação adverbial, analisar como se dá essa interação e quais leituras são geradas por ela. No entanto, como isso demandaria uma análise minuciosa desses modificadores, deixamos o tema em aberto para futuras pesquisas.

Finalmente, uma questão importante não abordada neste trabalho é a ambiguidade que aparece em algumas construções com alguns verbos aspectuais, como nas sentenças em (1a;2a) a seguir, em comparação com a não ambiguidade que aparece nos mesmos contextos com outros aspectualizadores, como nas sentenças em (1b;2b) a seguir.

- (1) a. João começou a dirigir em São Paulo.  
b. João passou a dirigir em São Paulo.
  
- (2) a. João parou de dirigir em São Paulo.  
b. João deixou de dirigir em São Paulo.

A sentença em (1a) pode ser usada para descrever duas situações: primeiro, uma situação em que João não dirigia e começou essa atividade na cidade de São Paulo; segundo, uma situação em que ele já dirigia em outras cidades, mas ainda não em São Paulo (por medo do trânsito, por exemplo), onde também começou a dirigir. Por outro lado, a sentença em (1b) só parece compatível com esse segundo cenário. Uma situação semelhante é o que temos em (2), com *parar* sendo equivalente a *começar*, e *deixar*, equivalente a *passar*, e com a mudança de que em (2) se fala do abandono/interrupção da atividade de dirigir em São Paulo.

Talvez, o que esteja ocorrendo nos casos acima seja uma ambiguidade de escopo. Nesse caso, a pergunta imediata seria: por que essa ambiguidade ocorre com *começar/parar* e não com *passar/deixar*? Essa questão merece uma análise detalhada sobre a relação de escopo em sentenças com verbos aspectuais, o que não foi possível fazer aqui.

Embora haja muito a se fazer, o presente trabalho reuniu informações e conclusões importantes que servirão de apoio a outros estudos no campo das pesquisas sobre verbos aspectuais e sobre aspecto nas línguas naturais.

Que o futuro nos permita continuar aquilo que apenas começamos!

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J. de. (1980) *Introdução ao estudo das perífrases verbais de infinitivo*. Assis-SP: ILHPA - Hucitec.
- BARROSO, H. (1994) *O aspecto verbal perifrástico em português contemporâneo*. Visão Funcional/Sincrónica. Porto: Porto Editora.
- BERTUCCI, R. (2009) 'Some remarks on *começar* and *passar* in Brazilian Portuguese'. Artigo apresentado no *Chronos 9, Université Paris-Diderot, Paris*. Submetido.
- BERTUCCI, R. (2010) 'Verbos aspectuais e seus complementos: dados de aquisição do PB'. Universidade de São Paulo. Manuscrito.
- BERTUCCI, R. (2011) 'Eventualidades incrementais e a operação semântica de *terminar*'. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas: Unicamp, v. 53, n.1, Jan/Jun, pp. 73-91.
- BERTUCCI, R.; PARAGUASSU, N.; LUNGUINHO, M.V. (2009) 'Denotações nominais e interações com o verbo *terminar*'. Pôster apresentado no encontro Discutindo semântica formal com Rodolfo Ilari. IEL/Unicamp.
- BERTUCCI, R.; LUNGUINHO, M. V.; PARAGUASSU, N. (2010) 'Bare plurals and achievements verbs: a case study of aspectual verbs'. *Journal of Portuguese Linguistics*. v. 9, n. 1. 2010, pp. 117-137.
- BOFF, R.L. (2003) 'Em busca de uma análise sintático-semântica para construções com o verbo *começar* no português brasileiro'. Curitiba: Universidade Federal do Paraná. Dissertação de mestrado.
- BRINTON, L. J. (1988) *The development of English Aspectual systems*. New York: Cambridge University Press.
- CARLSON, G. (1977) 'Reference to kinds in English'. Amherst: University of Massachusetts. Ph.D. dissertation.
- CASTILHO, A. (1967) 'Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa'. *Alfa*, v. 12, pp.7-135.

- CHIERCHIA, G. (1995) 'Individual level predicates as inherent generics', in G. N. Carlson & F. J. Pelletier (eds.) *The Generic Book*, The University of Chicago Press: Chicago, pp. 176–223.
- COMRIE, B. (1976) *Aspect. An introduction to the study of verbal aspect and related problems*, Cambridge, Cambridge University Press.
- CUNHA, L. F. (1998) 'As construções com progressivo no Português: uma abordagem semântica'. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto, Portugal. Dissertação de Mestrado.
- CUNHA, L. F. (2005) 'Reconsidering Stative Predications, their Behaviour and Characteristics', Porto: *Cadernos de Linguística* n. 11. CLUP.
- CYRINO, S.; MATOS, G. (2007) 'Elipse do VP e variação paramétrica'. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 49(2). Unicamp/Campinas. p. 195-206.
- DA CRUZ, M. (1995) 'Aspectual verbs *fó, vɔ* 'finish' in Fõngbè'. *The Linguistic Review* v.12, pp.361-380.
- DASCAL, M. (1982) 'Começemos a acabar de começar'. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 3, Campinas: FUNCAMP, pp. 126-186.
- DOWTY, D. (1979) *Word Meaning and Montague Grammar*. Dordrecht: Kluwer.
- FILIP, H. (2008) 'Events and maximalization: the case of telicity and perfectivity'. In: S. Rothstein, *Theoretical and Crosslinguistic Approaches to the Semantics of Aspect*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company. pp. 217-256.
- FREED, A. (1979) *The semantics of English aspectual complementation*. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company.
- FRUTOS, L. (2010) 'Construções causativas no guarani paraguaio'. Trabalho apresentado no *I Workshop de línguas indígenas da Universidade de São Paulo*, São Paulo. Handout.
- FUKUDA, S. (2006) 'The Syntax of Japanese Aspectual Verbs'. FAJL 4, Osaka University. Disponível em: [http://idiom.ucsd.edu/~fukuda/FAJL4\\_handout\\_final.pdf](http://idiom.ucsd.edu/~fukuda/FAJL4_handout_final.pdf) Acesso em: 28 set. 2010. Handout.
- ILARI, R. (1997) *A expressão do tempo em português*. São Paulo: Contexto, EDUC.
- KENNY, A. (1963) *Actions, Emotions and Will*. Humanities Press.

- KLEIN, W. (1994) *Time in language*. London: Routledge.
- KRATZER, A. (1995) 'Stage-level and individual-level predicates'. In G. Carlson & F. Pelletier (eds.) *The generic book*, Chicago: University of Chicago Press, pp. 125-175.
- KRIFKA, M. (1989) 'Nominal Reference, Temporal Constitution, and Quantification in Event Semantics'. In: R. Bartsch; J. van Bentham & P. van Emde Boas (eds.). *Semantics and Contextual Expressions*. Dordrecht: Foris, pp. 75-115.
- KRIFKA, M. (1992) 'Thematic relations as links between nominal reference and temporal constitution', in: I. Sag & A. Szabolsci (eds.). *Lexical Matters*. Stanford, CA: CSLI Publications, pp. 29-53.
- KRIFKA, M. (1998) 'The origins of Telicity', in: S. Rothstein (ed.). *Events and Grammar*. Dordrecht: Kluwer, pp. 197-235.
- LACA, B. (2002) 'Spanish 'aspectual' periphrases: ordering constraints and the distinction between situation and viewpoint aspect', in: J. Gutiérrez-Rexach (ed.), *From words to discourse: trends in Spanish semantics and pragmatics*. Oxford: Elsevier, pp. 61-93.
- LACA, B. (2004) 'Romance 'aspectual' periphrases: Eventuality modification versus 'syntactic' aspect', in: J. Lecarme & J. Guéron (eds.). *The Syntax of Time*. Cambridge, MA: The MIT Press, pp. 425-440.
- LACA, B. (2005) 'Périphrases aspectuelles et temps grammatical dans les langues romanes', in: H.B. Shyldkrot & Ly Querler, N. (orgs.) *Les périphrases verbales*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, pp. 47-66.
- LAMIROY, B. (1987) 'The complementation of aspectual verbs in French'. *Language*, **63**, pp. 278-298.
- LANDMAN, F. (1992) 'The progressive'. *Natural Language Semantics* **1**, pp. 1-32.
- LANDMAN, F. (2008) '1066: differences between tense-perspective-aspect systems of English and Dutch'. In: S. Rothstein (ed.), *Theoretical and Crosslinguistic Approaches to the Semantics of Aspect*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. pp. 107-166.
- LANDMAN, F. & ROTHSTEIN, S. (2009) 'Incremental homogeneity in the semantics of aspectual *for*-phrases'. To appear in: M. Rappaport Hovav, E. Doron & I. Sichel, eds., *Lexical Semantics, Syntax and Event Structure*. Oxford University Press. Also available in: <http://faculty.biu.ac.il/~rothss/>. Acesso em 20.12.2009.

LUNGUINHO, M.V.; BERTUCCI, R. (2011) 'A compositional account for the progressive sentences in Brazilian Portuguese'. Artigo apresentado no I Encontro Internacional de Sintaxe e Semântica e suas interfaces. PUCRS, 25-26.ago.2011.

MENDES, R. B. (2005) 'Estar+gerúndio e ter+particípio – Aspecto verbal e variação no português'. IEL/Unicamp. Campinas. Tese de doutorado.

MÜLLER, A. (2001) 'Genericity and the denotation of common nouns in Brazilian Portuguese'. In: A. Weerle & K. Ji-Young (eds.), *The proceedings of the SULA: the semantics of under-represented languages in the Americas*, UMOP **25**, pp. 72-80. Amherst, MA: GLSA, The University of Massachusetts.

NEWMeyer, F. (1975) *English Aspectual Verbs*. Paris: Mouton.

OLIVEIRA, F.; CUNHA, L.F.; MATOS, S.; GONÇALVES, A. (2001) 'Verbos de operação aspectual em PE e em PB: semântica e sintaxe'. *Boletim da ABRALIN*, v. 26, n. especial I, p. 380-385.

OLIVEIRA, F.; DUARTE, I.; FREITAS, M. J.; GONÇALVES, A.; RODRIGUES, M. M. C. R. (2006) 'Derivações sintáticas e interpretação semântica'. *Letras de Hoje* (PUCRS), v. 41, n. 1, p. 143-159, março/2006.

PARAGUASSU-MARTINS, N. & MÜLLER, A. (2007) 'A distinção contável-massivo nas línguas naturais'. *Revista Letras*, **73**, pp. 169-183. Curitiba: Editora da UFPR.

PARSONS, T. (1990) *Events in the semantics of English: a study in subatomic semantics*. Cambridge, Mass.: The MIT Press.

PERLMUTTER, D. M. (1970) The two verbs *begin*. In: JACOBS, R. A.; ROSENBAUM, P.S. (eds.). *Readings in English Transformational Grammar*. 107-19. Waltham, Mass: Blaisdell.

PIRES DE OLIVEIRA, R. (2003) 'O menino tá todo triste: uma reflexão sobre a quantificação universal no PB'. *Revista Letras*, **61**, especial, pp. 191-2010. Curitiba: Editora da UFPR.

PORTNER, P. (1998) 'The progressive in modal semantics'. *Language*, v. 74, pp. 760-787.

PUSTEJOVSKY, J. (1991) 'The syntax of the event structure'. *Cognition*, v. 41, pp. 47-81.

RAPPAPORT HOVAV, M. (2008) 'Lexicalized meaning and the internal temporal structure of events'. In: S. Rothstein (ed.), *Theoretical and Crosslinguistic Approaches to*

*the Semantics of Aspect*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company. pp. 13-42.

REICHENBACH, Hans. (1947) *Elements of symbolic logic*. New York: The MacMillan Company.

ROCHETTE, A. (1988) 'Semantic and Syntactic Aspects of Romance Sentential Complementation'. Ph.D. dissertation. Cambridge: MIT.

ROCHETTE, A. (1993) 'À propos des restrictions de sélection de type aspectuel dans les complétives infinitives du français', in: *Langue Française*, Larousse, décembre/1993, pp. 67-82.

ROCHETTE, A. (1999) 'The selection properties of aspectual verbs', in: Kyle Johnson & Ian Roberts (eds.), *Beyond Principles and Parameters: Essays in Memory of Osvaldo Jaeggli*. Dordrecht: Kluwer, pp. 145-165.

RODERO, A. (2010) 'Construções com o verbo *acabar* em português brasileiro'. São Paulo: Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Dissertação de mestrado.

ROTHSTEIN, S. (2004) *Structuring Events*. Oxford: Blackwell.

ROTHSTEIN, S. (2007) 'Two puzzles for a theory of Lexical Aspect: the case of self-factives and degree adverbials', in: J. Dölling; T. Heyde-Zybatowand & M. Shaefer (eds.), *Event Structures in Linguistic Form and Interpretation*. Mouton de Gruyter: Berlin, pp. 175-198.

ROTHSTEIN, S. (2008) 'Telicity, atomicity and the Vendler classification of verbs', in: S. Rothstein (ed.), *Theoretical and Cross-linguistic Approaches to the Semantics of Aspect*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, pp. 43-77.

SCHER, A. P. (2007) 'O aspecto do auxiliar em debate'. *Revista de Estudos da Linguagem* (Belo Horizonte), v.15, n.1, pp. 7-16, jan./jun.

SCHMITT, C. (2001) 'Cross-linguistic variation and the present perfect: the case of Portuguese'. *Natural Language and Linguistic Theory*, **19**, pp. 403-453.

SILVA, A. S. (1999) *A semântica de deixar: uma contribuição para a abordagem cognitiva em Semântica Lexical*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

SMITH, C. (1997) *The parameter of Aspect*. 2.ed. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.

- TENNY, C. (1994) *Aspectual Roles and the Syntax-Semantics Interface*. Dordrecht: Kluwer.
- TRAVAGLIA, L.C. (2004) 'A (poli)gramaticalização do verbo *acabar*'. *Letras & Letras*, v. 20 (2), pp. 21-56, jul./dez. 2004.
- TRAVAGLIA, L.C. (2006) *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. 4.ed. Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia.
- TRAVAGLIA, L.C. (2007) 'A gramaticalização dos verbos *passar* e *deixar*'. *Revista da ABRALIN*, v. 6, n. 1, pp. 9-60, jan./jun. 2007.
- VENDLER, Z. (1957) 'Verbs and times'. *Philosophical Review* **56**, pp. 143-160.
- VENDLER, Z. (1967) *Linguistics in Philosophy*. Ithaca: Cornell University Press.
- VERKUYL, H. J. (1999) *Aspectual issues - studies on time and quantity*. CSLI Publications.
- VERKUYL, H. J. (2005) 'Aspectual composition: Surveying the ingredients'. In: Verkuyl, H. J.; de Swart, H. & van Hout, A. *Perspectives on Aspect*. Dordrecht: Springer. pp. 19-39.
- VLACH, F. (1981) 'The semantics of the progressive'. In: P. J. Tedeschi & A. Zaenen (eds.): *Syntax and Semantics*, v. 14: *Tense and Aspect*. New York Academic Press. pp. 271-292.
- WACHOWICZ, T. C. (2006) 'O aspecto do auxiliar'. *Revista de Estudos da Linguagem* (Belo Horizonte), v.14 , n.2, p.55-75, jul./dez.
- WACHOWICZ, T. C. (2007) 'Auxiliary and Aspectualizer verbs: some syntactic and semantic distinctions'. *Revista Letras*, n. 73, pp. 223-234, set./dez. 2007. Curitiba: Editora da UFPR.
- WACHOWICZ, T. C. (2008) 'Telicidade e classes aspectuais'. *Revista do Gel*, S. J. do Rio Preto, v. 5, n. 1, pp. 57-68.
- WACHOWICZ, T. C. & FOLTRAN, M. J. (2007) 'Sobre a noção de aspecto'. *CADERNOS de Estudos Lingüísticos* (UNICAMP), v. 48, pp. 211-232.
- YOSHIDA, K. (2008) 'Bare nouns and telicity in Japanese', in: S. Rothstein (ed.), *Theoretical and Cross-linguistic Approaches to the Semantics of Aspect*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, pp. 417-439.